



Dejair Pacheco Fontes Neto

Cancelamos desde sempre:
um estudo sobre interações sociais e julgamento

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação, do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cláudia da Silva Pereira

Rio de Janeiro,
Fevereiro de 2025



Dejair Pacheco Fontes Neto

Cancelamos desde sempre:
um estudo sobre interações sociais e julgamento

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de
Pós-graduação em Comunicação, da PUC-Rio.
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof.^a Dr.^a Cláudia da Silva Pereira

Orientadora

Departamento de Comunicação Social - PUC-Rio

Prof.^a Dr.^a Tatiana Oliveira Siciliano

Departamento de Comunicação Social - PUC-Rio

Prof.^a Dr.^a Amanda Almeida Antunes

Universidade Católica de Petrópolis

Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 2025

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Dejair Pacheco Fontes Neto

Graduou-se em Comunicação Social - Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2020. Pesquisa sobre interações sociais e digitais. É jornalista e produtor de reportagens para TV.

Ficha Catalográfica

Fontes Neto, Dejair Pacheco

Cancelamos desde sempre : um estudo sobre interações sociais e julgamento / Dejair Pacheco Fontes Neto ; orientadora: Cláudia da Silva Pereira. – 2025.

117 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2025.

Inclui bibliografia

1. Comunicação Social – Teses. 2. Interações sociais e digitais. 3. Cultura do cancelamento. 4. Julgamento. 5. Rotulação I. Pereira, Cláudia da Silva. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Comunicação Social. III. Título.

CDD: 302.23

à minha mãe, pela braveza e leveza, com as quais
criou eu e meu irmão não nos deixando desistir.
Vencemos de novo.

Agradecimentos

À minha mãe, Dilneia, por acreditar e sonhar junto comigo, e vibrar a cada pequena conquista;

Ao meu amor, Júlia, pelo apoio e suporte, e também pela escuta ativa durante toda a construção deste trabalho;

Aos meus avós, Dejair e Nilza, porque sou a continuação deles e o resultado de suas trajetórias de muito esforço;

Aos meus irmãos, Walter e Gustavo e aos demais familiares pelo incentivo, e também a todos os amigos, em especial Beatriz e Sara, pelo apoio;

À minha orientadora, Cláudia Pereira, a quem devo a gratidão pela partilha do conhecimento e por sua generosidade;

À minha banca composta pelas pesquisadoras Amanda Antunes e Tatiana Siciliano pelas contribuições realizadas;

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) por mais esta oportunidade e também por todas as portas que me foram abertas desde a graduação até aqui;

Ao CNPq e à CAPES pela promoção da pesquisa científica e do conhecimento em nosso país.

Resumo

Fontes Neto, Dejair Pacheco; Pereira, Cláudia da Silva. **Cancelamos desde sempre: um estudo sobre interações sociais e julgamento**. Rio de Janeiro, 2025. 117p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A Cultura do Cancelamento é apresentada como um fenômeno presente nas interações sociais e digitais da modernidade tardia. O cancelamento acontece depois de ações ou afirmações que são consideradas inadequadas pelo público, ocasionando em sanções para aqueles que se encontram no centro da discussão. Neste processo, estão em jogo práticas sociais, tais como avaliação de posturas, rotulação, vigilância, julgamento, entre outras. Este trabalho tem por objetivo compreender como se dão os encontros e as relações sociais diante da perspectiva interacionista, e como os fenômenos sociais estão ligados à regulação do outro, se concentrando na tentativa de responder se o cancelamento é um fenômeno social, de fato, novo ou não. A metodologia adotada é a combinação dos métodos de revisão bibliográfica e estudos de caso. Serão analisados os casos dos ataques à influenciadora Gkay e do cantor Wilson Simonal. Foram compilados materiais jornalísticos e documentais em que as duas personalidades eram mencionadas, a fim de reconstruir a trajetória dos episódios. Além disso, em especial no caso de Gkay, foi possível a análise de métricas de publicações e buscas envolvendo seu nome. Apesar da época e do contexto no qual Simonal está inserido não haver o ambiente digital - a internet como conhecemos -, o estudo de seu episódio é fundamental para a construção da proposta desta pesquisa, que busca construir um terreno fértil de análise do comportamento social diante dos eventos nos quais ambos estão inseridos para concluir que a prática do cancelamento é algo que não começou por agora, sendo assim uma releitura de práticas sociais já existentes. Para isso, esta dissertação é embasada em teorias interdisciplinares, como as de Émile Durkheim, Erving Goffman, Michel Foucault e Howard Becker, e estudos das possíveis novas configurações da sociedade a partir da tecnologia.

Palavras-chave

Interações sociais e digitais; cultura do cancelamento; julgamento; rotulação

Abstract

Fontes Neto, Dejair Pacheco; Pereira, Cláudia da Silva (Advisor). **We've always cancelled: a study on social interactions and judgment.** Rio de Janeiro, 2025. 117p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The Culture of Cancellling is presented as a phenomenon present in social and digital interactions in late modernity. Cancellling occurs after actions or statements that are considered inappropriate by the public, resulting in sanctions for those at the center of the discussion. In this process, social practices such as evaluating stances, labeling, surveillance, and judgment are at play, among others. This work aims to understand how social encounters and relationships unfold from an interactionist perspective, and how social phenomena are linked to the regulation of others, focusing on whether cancelling is truly a new social phenomenon or not. The methodology adopted combines bibliographic review and case studies. The cases of attacks on influencer Gkay and singer Wilson Simonal will be analyzed. Journalistic and documentary materials mentioning these two personalities were compiled in order to reconstruct the trajectory of the events. Additionally, especially in the case of Gkay, it was possible to analyze metrics of posts and searches involving her name. Although the time and context in which Simonal is inserted did not have the digital environment - the internet as we know today - the study of his case is essential for building the framework of this research, which seeks to create a fertile ground for analyzing social behavior in relation to the events both are involved in, concluding that the practice of cancelling is not something that started now, but rather a reinterpretation of already existing social practices. To this end, this dissertation is based on interdisciplinary theories, such as those of Émile Durkheim, Erving Goffman, Michel Foucault, and Howard Becker, as well as studies on the possible new configurations of society arising from technology.

Keywords

Social and digital interactions; cancel culture; judgment; labeling

Sumário

1. Introdução.....	11
2. Os encontros.....	17
2.1. O começo.....	17
2.2. O contato.....	25
3. Uma mudança total.....	49
3.1. Gkay.....	50
3.2. Simonal.....	71
4. O julgamento.....	81
4.1. Configurações possíveis.....	92
4.2. Cultura do Cancelamento.....	95
5. Considerações Finais.....	108
6. Referências Bibliográficas.....	114

Lista de Figuras

Figura 1 - Antes e depois dos procedimentos estéticos de Gkay.....	52
Figura 2 - Publicação mostra como Gkay foi vestida para o programa.....	56
Figura 3 - Captura de tela de Gkay tomando água na caneca.....	59
Figura 4 - Captura de tela de Gkay cuspiendo água.....	60
Figura 5 - Captura de tela de uma das tentativas de Tatá Werneck levar Gkay até o elevador/saída.....	60
Figura 6 - Captura de tela que mostra Gkay, no elevador/saída, pedindo para voltar ao programa.....	61
Figura 7 - Captura de tela de tweet de usuário.....	62
Figura 8 - Captura de tela com publicação de Gkay sobre campos nazistas.....	64
Figura 9 - Captura de tela com publicação de Gkay sobre sistema de cotas.....	65
Figura 10 - Captura de tela em que Gkay diz "não ser mais a mesma pessoa".....	70
Figura 11 - Publicação do Jornal O Pasquim, de setembro de 1971.....	79

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Popularidade do termo de pesquisa "Gkay".....	66
Gráfico 2 - Popularidade do termo de pesquisa "Porchat".....	67
Gráfico 3 - Quantidade de publicações do perfil da Gkay por dia, no Instagram.....	68

1

Introdução

Somos indivíduos sociáveis e, portanto, estamos diretamente fadados às relações sociais que estabelecemos uns com os outros e às atribuições de sentidos que damos às coisas. Diante disso, as trocas entre as pessoas, a partir dos encontros sociais, fazem parte da construção do que somos, ou, ao menos, do que pretendemos mostrar para o outro. Com este contato, a troca de informações sobre tudo e todos é inerente e, com isso, são passados à frente valores, credos, relações de poder, juízos de valor, medos, anseios, preconceitos, estigmas, etc. Essa construção faz com que possamos, dentro das regras estabelecidas pelos grupos aos quais nos filiamos, atribuir o que é positivo ou negativo, nocivo ou inofensivo. Portanto, nos atribui uma condição de avaliadores do comportamento do outro.

Segundo Erving Goffman (2011; 2014), em um encontro social, escolhemos a impressão que queremos passar, tentamos nos adequar ao discurso, fazemos leituras do outro e, principalmente, estamos sempre atentos uns aos outros. Como em toda sociedade, que é formada por grupos sociais, existem regras a serem seguidas e quem não as cumpre pode vir a sofrer sanções, o que Howard Becker (2019) estuda como rotulação e desvio.

Julgar e avaliar é, portanto, algo intrínseco às nossas relações e, em uma sociedade cada vez mais conectada, a audiência é ainda maior, os danos e reverberações podem ser ainda mais amplificados para uma quantidade inesperada de pessoas, muitas delas desconhecidas. Dentro desta perspectiva, é possível afirmar que somos seres que julgamos, mas que também somos julgados; que influenciemos, mas que também somos influenciados; somos seres que o tempo todo representam para se adequar em determinado contexto social, seja ele o mais diverso possível. Desta forma, o ambiente digital abre margem para possíveis novas configurações da sociedade e também de novos formatos de fenômenos sociais.

Essa pesquisa surge, antes de mais nada, da inquietação por entender como se dão nossas interações sociais, seus desdobramentos e mecanismos utilizados pelos indivíduos para conviver em sociedade dentro e fora do contexto de rede. Surge da vontade de compreender mais a fundo algumas das nuances das interações que aparecem no ato de vigiar e julgar o outro, no ambiente digital, diante da perspectiva interacionista. Nos interessa compreender a “Cultura do Cancelamento”, um fenômeno social que vem sendo recentemente explorado pela Academia, e que se apresenta como um terreno fértil para os estudos sobre interações sociais e digitais (Fellipe Sá Brasileiro e Jade Vilar de Azevedo, 2020; Otavio Luis Barbosa e Patricia Specimille, 2020; Bruno Camilloto e Pedro Urashima, 2020; Lucimar Gonçalves e Gracy Astolpho Duarte, 2020; e Tamires de Assis Lima Martins e Ana Paula Cordeiro, 2022).

A principal problemática deste trabalho é entender que este termo se associa e é entendido por muitos como uma nova prática social, mas que, para nós, revela-se como uma conduta que é velha conhecida da humanidade amparada, principalmente, pelo julgamento. Nossa questão de pesquisa se concentrou em tentar responder se a “Cultura do Cancelamento” é um fenômeno social novo ou não. E nosso objetivo é compreender como se dão os encontros e as relações sociais diante da perspectiva interacionista, e como os fenômenos sociais estão ligados à regulação do outro, entendendo assim a “Cultura do Cancelamento”, que está presente no contexto digital.

Desta forma, esta pesquisa se justifica e se faz relevante uma vez que também tem como proposta ajudar, com base na teoria interacionista, na compreensão do fenômeno da “Cultura do Cancelamento” que tem sido abordado recentemente por pesquisadores, permitindo ser subsídio para futuras pesquisas correlacionadas.

Para isso, a metodologia de pesquisa adotada foi a revisão bibliográfica combinada com estudos de caso. A bibliografia aqui apresentada é interdisciplinar, com referências que vão desde os clássicos aos contemporâneos. São teorias, estudos e considerações que estão presentes em áreas como Comunicação Social, Sociologia,

Filosofia, Antropologia e Direito. O que nos permite dizer que uma das premissas deste trabalho é também mostrar justamente que a temática se faz interdisciplinar, sendo assim de interesse para diversas áreas do conhecimento.

Os estudos de caso que utilizamos foram os da influenciadora digital Gkay e o do cantor Wilson Simonal. Este último foi aplicado como contraponto e é apresentado como um segundo estudo de caso.

A escolha pelo caso da influenciadora se dá principalmente por sua presença digital e ações que dividem opiniões, sendo assim um episódio com muitas possibilidades para análise. Além disso, a escolha se deu também pela não-obviedade, afinal, quando se pensa em “Cultura do Cancelamento”, na Academia, outras personalidades são analisadas em maior profundidade. Em nossa pesquisa, trazemos considerações principalmente após o episódio que culminou no cancelamento da influenciadora depois da participação no programa *Lady Night*, de Tatá Werneck, da Globo. Para isso, foram analisadas, pelo menos, 15 matérias jornalísticas sobre Gkay, além de publicações em redes sociais. Também foram apresentadas algumas métricas sobre sua presença na internet e buscas por seu nome durante o período em que aconteceu o seu cancelamento, no fim do ano de 2022.

Já a escolha pelo caso de Wilson Simonal se deu por se tratar de uma época em que não havia o ambiente digital, a internet. A escolha foi proposital, porque, desta forma, encontramos um terreno fértil de análise comparativa entre dois cenários que tem, em sua raiz, elementos parecidos. Aqui, trazemos considerações após o momento de degradação da carreira de Simonal depois da associação à Ditadura Militar. Para isso, trouxemos matérias jornalísticas sobre Simonal, material documental sobre sua trajetória e também acervo da época em que aconteceu seu episódio, a partir do ano de 1971.

No entanto, é importante sinalizar que os episódios pelos quais Gkay e Simonal passaram têm contextos sociais e políticos diferentes. No de Simonal não havia a presença do ambiente digital. É justamente esse ponto de análise que se faz tão importante e interessante, uma vez que a partir dele é possível constatar práticas sociais, como a rotulação, a

avaliação do outro e o julgamento, aplicadas antes da internet, o que, desta forma, nos proporciona o entendimento de que o comportamento atribuído ao cancelamento não reside apenas na existência ou não dela, mas em sua aplicabilidade diante das práticas sociais. Inclusive, foi curioso observar, em uma matéria jornalística mais recente, a associação realizada entre o nome de Simonal e o título de primeiro “cancelado do Brasil”¹.

Esta pesquisa é composta por três capítulos que misturam as teorias apresentadas com análises dos estudos de caso. Eles foram nomeados como “Os encontros”, “Uma mudança total” e “O julgamento”.

No capítulo “Os encontros”, o objetivo se concentrou em apresentar algumas teorias introdutórias para o início da análise. Para isso, de forma interdisciplinar, contamos com autores que vale destacarmos, tais como Émile Durkheim (1955; 1967; 1968), um dos fundadores e mais importantes nomes da Sociologia; Georg Simmel (2011; 2021), e as considerações sobre sociação, socialidade e reciprocidade; Peter L. Berger e Thomas Luckmann (2014), e as pontuações sobre a construção social da realidade cotidiana; William Isaac Thomas (2005), que cunhou o termo “definição da situação”, muito importante para o entendimento desta pesquisa; Erving Goffman (2011; 2014), e seus estudos acerca dos encontros sociais e representações; Howard Becker (2019), e as observações sobre desvio e desviantes dentro de grupos sociais; entre outros.

Este capítulo é de importante articulação para as teorias apresentadas, uma vez que se faz introdutório para o entendimento dos capítulos sucessores. Ele também se faz relevante já que é o momento em que são apresentados autores que nos acompanham durante toda a pesquisa, tais como Erving Goffman e Howard Becker. É com a teoria apresentada em “Os encontros” que se faz possível as primeiras considerações, atrelando estudos de caso e teoria, pavimentando o caminho para mais além na pesquisa.

¹ PRADO, Carol. História de Simonal, retratada em filme, atíça debate sobre artistas 'cancelados' pela opinião pública. G1, 08/08/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2019/08/08/historia-de-simonal-retratada-em-filme-atica-debate-sobre-artistas-cancelados-por-opiniao-publica.ghtml#>. Acessado em: 27/11/2024.

Em “Uma mudança total” foi a vez de apresentar e aprofundar nossos estudos de caso - Gkay e Wilson Simonal - trazendo considerações sobre suas histórias, os episódios vividos, a repercussão na mídia e em plataformas, dados os contextos históricos de cada um. Optamos por este título justamente porque, após os acontecimentos e reverberações negativas das atitudes tomadas pelas personalidades, houve mudanças significativas na vida de cada um deles. É neste capítulo que começamos a entrelaçar as teorias apresentadas na seção anterior com os episódios escolhidos para análise, dando margem para a introdução de mais estudos e teorias adiante, seguindo de mais considerações acerca dos casos mencionados, o que proporciona, assim, a aplicabilidade da teoria apresentada na construção da discussão proposta neste trabalho.

Nesta parte da pesquisa nos concentramos em conhecer nossos dois estudos de caso a fundo, trazendo elementos para a construção da pesquisa que versavam desde curiosidades sobre os episódios, com dados e acervo, até publicações em veículos de comunicação.

No último capítulo teórico, “O julgamento”, nos concentramos em apresentar mais teorias, com o objetivo de ampliar a discussão com conceitos que têm relação com o ato de julgar. É neste momento que introduzimos à discussão os conceitos de estigma, de Erving Goffman (2022); de sistemas de acusação, de Gilberto Velho (1997); de panóptico e relações de poder, de Michel Foucault (2012); e de linchamento virtual, de Eliane Freitas (2017). Mais adiante neste capítulo, nos concentramos em apresentar também os estudos de pesquisadores sobre as possíveis configurações da sociedade a partir do ambiente digital, tais como Alex Primo (2007) e Raquel Recuero (2013), entre outros.

Neste capítulo, é importante perceber o escopo que os anteriores proporcionaram para a sua construção e melhor fluidez das novas considerações dos autores apresentados. As reflexões acerca do panóptico de Michel Foucault são importantes para o desenvolvimento do que se entende por julgamento e vigilância, conceitos principais deste trabalho. Em todo momento, os capítulos se entrelaçam e se complementam para desenhar o caminho do comportamento social que

envolve o cancelamento. É um capítulo em que o fator tecnologia se faz mais presente, aproximando a discussão dos dias de hoje.

Após os três capítulos teóricos e as análises contidas neles, pretendemos ter os subsídios necessários para a defesa de nossa hipótese de que o cancelamento não é uma novidade, mas sim uma espécie de releitura dentro do ambiente digital de uma prática social já antiga.

2

Os encontros

As interações sociais e digitais entre as pessoas se dão principalmente a partir de encontros. Para entendermos a origem deles, é preciso voltarmos literalmente ao começo. A nossa capacidade de nos relacionarmos socialmente é, sem dúvidas, o que nos fez prosperar enquanto espécie. Nossos ancestrais se sobressaíram por suas características sociais, intelectuais, emocionais e comportamentais. Nossa evolução cognitiva nos proporcionou formas de comunicação sólidas que deram certo resultado, fortalecendo laços e grupos sociais. Yuval Noah Harari (2020) chama esse momento de "revolução cognitiva", por conta das significativas mudanças ocorridas².

Com maior capacidade cognitiva, interações mais complexas são consequências naturais. As relações sociais, num mundo formado por encontros face a face, se desdobram entre representações e novos contextos. Numa interação, são necessários esforços para que a comunicação aconteça. Em resumo, é como afirma Erving Goffman (2011), todos nós estamos o tempo inteiro expondo fachadas (trabalho de face) de acordo com a situação imposta e estamos sempre tentando fazer com que essa fachada (trabalho de face) não caia, ou seja, estamos representando. No primeiro momento desta pesquisa, é importante a reflexão sobre como o indivíduo, num encontro social, se adapta e, principalmente, se importa com a opinião do outro. As interações sociais face a face são importantes para a construção do indivíduo tanto individual (no sentido de absorver conhecimentos repassados, ter opiniões, valores e senso crítico), quanto coletivamente (no sentido de como se mostra para o mundo e também como quer ser entendido por ele). Mas também é importante lembrar que, dentro dessas trocas, pode haver conflito.

2.1

O começo

² Apesar desta seção iniciar suas considerações com uma perspectiva evolucionista, a título de curiosidade e endosso, a perspectiva adotada na pesquisa é a interacionista, como veremos mais à frente.

De acordo com Harari (2020), há 2,5 milhões de anos, animais parecidos com os humanos modernos surgiram, mas eles em nada se distinguiram do restante dos outros animais. Ainda segundo o autor, "a coisa mais importante a saber sobre os humanos pré-históricos é que eles eram animais insignificantes, que impactaram seu meio ambiente tanto quanto gorilas, vaga-lumes ou águas-vivas" (Harari, 2020, p.14).

Harari explica, com base na Biologia, que *Homo* é o gênero e *Sapiens* é a espécie. Inclusive, ele refere como humanos todos aqueles que pertencem ao gênero *Homo*, já que, numa visão simplificada, todos são da mesma família.

O autor afirma que "todas as espécies humanas compartilham diversas características" e que "a mais notável é o fato de que os humanos possuem cérebros extraordinariamente grandes em comparação com os outros animais" (Harari, 2020, p.19). Harari pontua que "somos encantados por nossa inteligência refinada" e que "presumimos que, quando se fala em capacidade cerebral, mais significa melhor" (Harari, 2020, p.19). No entanto, num cenário de evolução, outras características, como andar de pé e sustentar um cérebro grande, se tornam um grande desafio. Era comum, segundo ele, que mulheres morressem no parto e que, as que conseguiam dar à luz mais cedo, "quando a cabeça e o cérebro dos bebês eram menores e mais maleáveis, gozavam de certa vantagem e sobreviviam para ter mais filhos" (Harari, 2020, p.20). Para Harari, foi por isso que a seleção natural favoreceu nascimentos precoces, com bebês indefesos que dependem de atenção e cuidados dos mais velhos.

Harari explica que isso contribuiu bastante para as "extraordinárias habilidades sociais dos humanos quanto para seus problemas sociais únicos".

Mães solitárias dificilmente seriam capazes de coletar alimentos para seus filhos e para elas próprias levando consigo a prole necessitada de atenção. Criar filhos exigia a ajuda constante de outros membros da família e vizinhos. É necessária uma tribo para criar um humano. Desse modo, a evolução favoreceu aqueles capazes de formar sólidos laços sociais. Além disso, uma vez que nascem subdesenvolvidos, os humanos podem ser

educados e socializados de forma muito mais profunda que qualquer outro animal (Harari, 2020, p.21).

Ou seja, tudo isso se refere à capacidade de realizar conexões uns com os outros. Harari ainda acrescenta que a relação com o fogo foi um passo importante para que os humanos chegassem ao topo da cadeia alimentar. Isso porque permitiu-se o ato de cozinhar, o que possibilitou uma variedade maior de alimentos e menos tempo dedicado à nutrição (Harari, 2020, p.23). Além do mais, a domesticação do fogo foi um grande passo, já que ganharam

o controle de uma força obediente e potencialmente ilimitada. [...] os humanos podiam escolher quando e onde iriam acender o fogo, sendo capazes de explorá-lo para uma grande variedade de tarefas. E o que é mais importante: o poder do fogo não estava limitado pela forma, estrutura ou força do corpo humano (Harari, 2020, p.24).

Há teorias sobre o que aconteceu para que o *Homo Sapiens* se tornasse a única espécie humana presente no mundo neste momento, já que, como é possível observar, há diversos animais semelhantes coabitando na natureza. Uma das teorias é a da miscigenação, que, basicamente, "conta uma história de atração, sexo e cruzamento". Outra teoria seria a da substituição, que "conta uma história bem diversa - de incompatibilidade, repugnância e talvez até mesmo de genocídio" (Harari, 2020, p.24-25). Harari pondera:

De uma perspectiva evolucionista, 70 mil anos são um intervalo de tempo relativamente curto. Se a teoria da substituição estiver correta, todos os seres humanos vivos possuem quase a mesma bagagem genética, sendo insignificantes as distinções raciais entre eles. Contudo, se a teoria da miscigenação estiver correta, podem de fato existir diferenças entre africanos, europeus e asiáticos que remontam centenas de milhares de anos (Harari, 2020, p.25-26).

Ainda de acordo com Harari, um estudo de 2010, para mapear o genoma dos neandertais em quantidade suficiente para fazer uma comparação com o DNA de humanos contemporâneos, teve resultados surpreendentes. O estudo mostrou que uma parcela significativa do DNA

humano moderno do Oriente Médio e da Europa corresponde ao DNA dos neandertais. Uns meses depois, quando foi mapeado o DNA extraído do dedo fossilizado de um denisovano, resultados também mostraram ligação com o material genético de humanos modernos melanésios e aborígenes australianos (Harari, 2020, p.26).

No entanto, isso não exclui nenhuma das duas teorias apresentadas acima. Harari explica a complexidade do assunto, uma vez que, segundo ele, duas populações que evoluíram de um ancestral comum em algum momento foram duas populações da mesma espécie.

Parece que há cerca de 50 mil anos os sapiens, os neandertais e os denisovanos se encontravam nesse ponto limítrofe. Eram espécies quase inteiramente separadas, mas havia semelhanças. [...] os sapiens já eram bastante diferentes dos neandertais e dos denisovanos não apenas no código genético e nos traços físicos, como também em suas capacidades cognitivas e sociais (Harari, 2020, p.27).

Uma possibilidade apresentada por Harari é de que talvez tenha havido uma competição pelos recursos, e que isso tenha levado à violência e ao genocídio. Afinal, "a tolerância não é uma característica notável dos sapiens" (Harari, 2020, p.28). O autor ainda aponta que talvez tenha sido por isso que nossos ancestrais eliminaram os neandertais: "eles eram muito semelhantes para serem ignorados, porém muito diferentes para serem tolerados" (Harari, 2020, p.29).

Ainda de acordo com Harari, os "*sapiens*" já tinham povoado a África Oriental há 150 mil anos, mas só começaram a ocupar e levar outras espécies para a extinção há cerca de 70 mil anos. Os neandertais eram mais fortes e parecidos conosco, no entanto, "suas capacidades cognitivas - aprender, lembrar, comunicar-se - eram bem limitadas" (Harari, 2020, p.31-32). No entanto, foi justamente há cerca de 70 mil anos, que o *Homo sapiens* passou a se destacar. Por volta dessa época, houve a segunda saída da África e, dessa vez com sucesso, eles conseguiram eliminar não só as espécies do Oriente Médio, como também da face da terra. Num intervalo curto, chegaram à Europa e à Ásia Oriental (Harari, 2020, p.32).

Segundo Harari, os pesquisadores consideram que tudo isso foi "fruto de uma revolução nas capacidades cognitivas dos *"sapiens"* e "afirmam que os indivíduos que levaram os neandertais à extinção, povoaram a Austrália e esculpiram o homem-leão de Stadel eram tão inteligentes, criativos e sensíveis quanto nós" (Harari, 2020, p.32). O homem-leão de Stadel é um tipo de manifestação artística.

Para o autor, são justamente essas novas maneiras de pensar e de se comunicar entre 70 mil e 30 mil anos atrás que constituem a "Revolução Cognitiva". No entanto, não se sabe ao certo como chegamos nisso. Uma teoria mais aceita fala de mutações genéticas acidentais que teriam alterado as conexões do cérebro dos *"sapiens"*, permitindo que pensassem de formas inéditas e se comunicassem usando tipos de linguagem totalmente novos (Harari, 2020, p.32). Harari explica que quando se refere à linguagem dos *"sapiens"*, está falando de habilidades linguísticas básicas da espécie. Até porque, este não foi o primeiro sistema de comunicação - todos os animais possuem algum tipo de linguagem. Ele também diz que não foi o primeiro sistema vocal de comunicação. No entanto, o que diferenciaria humanos modernos de outros animais seria justamente a capacidade de descrever os fatos, sem soarem como uma espécie de aviso, por exemplo.

Harari explica que o que é mais especial em nossa linguagem é a flexibilidade, com a formulação de infinitas frases com significados distintos, a partir de sons e sinais.

Desse modo, conseguimos receber, armazenar e comunicar um volume prodigioso de informações sobre o mundo ao nosso redor. Um macaco-verde pode gritar para seus companheiros: "Cuidado! Um leão!". Mas um humano moderno é capaz de dizer aos amigos que, pela manhã, perto da curva do rio, viu um leão seguindo uma manada de bisões. Consegue então descrever a localização exata, incluindo os diferentes caminhos que levam àquela área. Com tal informação, os membros de seu grupo têm condições de se reunir e discutir se devem chegar perto do rio, afugentar o leão e caçar os bisões (Harari, 2020, p.33).

Ainda segundo o historiador israelense, "uma segunda teoria entende que nossa linguagem única evoluiu como um meio de

compartilhar informações sobre o mundo" (Harari, 2020, p.34). E a informação mais importante a ser transmitida era justamente sobre os humanos, e não sobre leões e bisões.

Nossa linguagem evoluiu como um instrumento para a troca de fofocas. Segundo essa teoria, o *Homo sapiens* é em essência um animal social. A cooperação social é fundamental para a sobrevivência e a reprodução. Não basta que determinados homens e mulheres saibam onde se encontram os leões e os bisões. É muito mais relevante para eles saber quem no grupo odeia quem, quem está dormindo com quem, quem é honesto, quem é trapaceiro (Harari, 2020, p.34).

Para Harari, todos os primatas têm interesse nesse tipo de informação social, mas não conseguem focar de forma eficiente:

Os neandertais e os *Homo sapiens* arcaicos provavelmente também tinham dificuldade em falar pelas costas dos outros - uma capacidade muito difamada, mas que é essencial para a cooperação coletiva. As novas habilidades linguísticas que o sapiens moderno adquiriu cerca de setenta milênios atrás permitiram que eles focassem por horas a fio. A transmissão de informações seguras sobre quem merecia confiança permitia que pequenos bandos se expandissem, fazendo com que os sapiens desenvolvessem tipos de cooperação mais íntimos e sofisticados (Harari, 2020, p.35).

Harari acredita que as duas teorias sejam viáveis e que "a característica verdadeiramente única de nossa linguagem não reside em sua capacidade de transmitir informações sobre homens e leões". Para ele, essa característica única está na transmissão de informações sobre coisas que não existem: "Até onde sabemos, apenas os sapiens podem falar sobre tipos de entidades que nunca viram, tocaram ou cheiraram" (Harari, 2020, p.35).

Ou seja, a manutenção e prosperidade de nossa espécie reside na capacidade de nos reunirmos e nos fortalecermos enquanto grupo na contação de histórias, compartilhamento de informações, sejam elas fruto da imaginação ou da crença em algo ou alguém. Essa capacidade nos permitiu criar construções sociais, mesmo que, num primeiro momento, ainda tímidas. É neste momento que Harari aponta que apareceram

lendas, mitos, deuses e religiões pela primeira vez. Para o autor, falar sobre ficções é a capacidade mais singular da nossa linguagem.

A fofoca e a contação de histórias fizeram os humanos formarem bandos maiores e mais estáveis. No entanto, segundo Harari, a fofoca tem limites, uma vez que essa prática está condicionada à quantidade de indivíduos que fazem parte do grupo. O autor destaca que, do ponto vista sociológico, há uma limitação no número de pessoas pelas quais é possível conhecer intimamente e formular comentários a partir disso. Este número seria em torno de 150 pessoas (Harari, 2020, p.38).

Podemos inferir que, quando há um grupo consideravelmente grande, as chances de haver ruídos e fracassos é grande. Para que o grupo seja estável, é preciso que acreditem, minimamente, na mesma coisa. É preciso que entrem em cooperação. Para Harari, o segredo para que os *Homo sapiens* conseguissem vencer esse "limiar crítico", com direito a fundação de cidades com dezenas de milhares de habitantes e impérios com centenas de milhões de súditos, está atrelado à ficção, à imaginação e ao fortalecimento de mitos. Alguns exemplos citados pelo autor são: as Igrejas e seus mitos religiosos; os Estados e seus mitos nacionais; e os sistemas e seus mitos legais (Harari, 2020, p.39). Tudo isso perpassa pelo compartilhamento de informações entre esses indivíduos.

Isto é, os humanos criam seus próprios sistemas e convenções com base naquilo que eles mesmos acreditam. A partir desse ato, se fortalecem enquanto grupo. Se estão fortalecidos e coesos, guiados por um fio condutor, que é a crença (não exclusivamente a religiosa, mas a referente aos conteúdos compartilhados), se tornam os dominantes.

No entanto, contar histórias eficazes não é uma tarefa fácil. O problema não é contar, mas fazer com que os outros acreditem:

Ao longo dos anos, as pessoas teceram uma rede incrivelmente complexa de histórias. [...] Os tipos de coisas que as pessoas criam por meio dessa rede de histórias são conhecidos nos círculos acadêmicos como "ficções", "construtos sociais" ou "realidades imaginadas". Uma realidade imaginada não é uma mentira. [...] uma realidade imaginada é uma coisa em que todos acreditam, e, enquanto essa crença coletiva

persistir, a realidade imaginada exerce seu impacto no mundo. [...] Com o passar do tempo, a realidade imaginada se tornou cada vez mais poderosa, de tal maneira que hoje a sobrevivência dos rios, das árvores e dos leões depende dos favores de entidades imaginadas como os Estados Unidos e o Google. (Harari, 2020, p.43-44).

Segundo Harari, "desde a Revolução Cognitiva, os *sapiens* têm sido capazes de alterar depressa seu comportamento, transmitindo novos comportamentos às futuras gerações sem necessidade de qualquer alteração genética ou ambiental" (Harari, 2020, p.45). Trazendo para os dias atuais, isso pode explicar com certa clareza a volatilidade das mudanças de pensamento estabelecidas atualmente em nossa sociedade. Ou seja, explica possíveis choques geracionais, com ideias do que é certo e errado e do que é o politicamente correto. É tudo muito rápido.

Isso explicaria por que os neandertais não resistiram. Harari afirma que "sem a capacidade de ficcionalizar", eles não tiveram condições de "cooperar de maneira eficaz em grandes números nem de adaptar seus comportamentos sociais em função de desafios que se modificavam rapidamente" (Harari, 2020, p.46). Também vale destacar que nenhum outro animal além dos *sapiens* tinha a prática do comércio, que, inclusive, não requer base ficcional, mas sim um laço de confiança (Harari, 2020, p.47-48).

Outro ponto interessante é a cooperação entrando no cenário da caça, que, naquela época, era substancial para a permanência da espécie. A técnica desenvolvida precisava da ajuda de dezenas de indivíduos. Eles caçavam em grupo, diferentemente dos neandertais, que agiam de forma individual. A partir disso, estratégias, armadilhas artificiais e abatedouros eram formados.

Portanto, a capacidade de manutenção da espécie sempre esteve voltada e regulada mediante o avanço nas formas de compartilhamento de informações, que resultaram em agrupamentos, que se desdobravam em cooperação e construção de vínculos de confiança. Tudo isso proporcionou melhorias para o desempenho da espécie, que não era a mais forte (vide os neandertais), mas conseguiu se tornar relevante dentro daquele contexto diante da amplitude da capacidade de se relacionar.

Até aqui, com base no trabalho de Harari, foi mostrada uma perspectiva evolucionista e histórica, trazendo aspectos sobre a espécie "*sapiens*" e seu desenvolvimento cognitivo. A escolha por também trazer essa perspectiva é interessante para apresentarmos, do ponto de vista evolucionista, a importância das relações sociais, e o fortalecimento delas, para a formação e estabelecimento de um grupo. No entanto, vale destacar que esta pesquisa adota a perspectiva interacionista, a qual iremos nos concentrar a partir de agora.

2.2

O contato

Com o desenvolvimento das aptidões cognitivas com o passar do tempo, torna-se necessário compreender, como se dão as interações sociais entre os indivíduos que constituem uma sociedade. Mas, o que seria, portanto, uma sociedade?

Considerado um dos fundadores da Sociologia enquanto ciência, Émile Durkheim (1955; 1967; 1968) acredita que a sociedade é formada a partir da coletividade, ou seja, nas práticas realizadas em grupo. Durkheim é funcionalista, portanto como parte seminal da corrente de pensamento que entende a sociedade como um conjunto de papéis sociais com determinadas funções, que cooperam para a manutenção e funcionamento da coletividade. Para o autor, existem os "fatos sociais" - os hábitos e as ações dos indivíduos - que refletem a "maneira de ser" e a "maneira de agir" das pessoas. Segundo Durkheim, o "fato social" não pode ser modificado, ele é uma construção da consciência coletiva do indivíduo, não refletindo desta forma uma decisão individual ou particular. Por isso, a "maneira de ser" está ligada a correntes sociais, opiniões e concepções; enquanto a "maneira de agir" pode ser vista em regras jurídicas, religião e em formas de se portar, por exemplo (Quintaneiro, 2009, p.70). As "maneiras de agir" são mais cristalizadas dentro de uma sociedade em comparação às "maneiras de ser", no entanto, isso não quer dizer que, com o passar do tempo, ambas possam se modificar e sofrer atualizações nas formas de conduta ou de pensamento. Para que

tudo isso aconteça, Durkheim utiliza a educação como principal argumento, afinal é a partir do compartilhamento de informações e condutas que se formam as concepções, que são externas ao indivíduo. Dentro desta lógica, um outro conceito de Durkheim também aparece: as "representações coletivas", que são uma das formas de "fatos sociais".

(...) para constituí-las, espíritos diversos associaram-se, misturaram e combinaram suas ideias e sentimentos; longas séries de gerações acumularam nelas sua experiência e sabedoria. Uma intelectualidade muito particular, infinitamente mais rica e mais complexa do que a do indivíduo está aí concentrada (Durkheim, 1968, p.20).

Como seus estudos têm como referência o contexto social no qual vivia, Durkheim situou seu pensamento em períodos históricos como a "Revolução Francesa" e a "Revolução Industrial". O conceito de "solidariedade social", em que o autor atribui como a coesão entre os membros da sociedade, pode variar de acordo com a organização social. Durkheim afirma, portanto, que existem, com base na divisão do trabalho, dois tipos de "consciência": a "coletiva" (ou comum) e a "individual". Basicamente, a coletiva representa a consciência mediante à vivência em sociedade, e tem a ver com as influências dessa sociedade nas pessoas; já a individual tem a ver com as particularidades de cunho pessoal que tornam, portanto, o ser um indivíduo. A grande relação que Durkheim traz com essas ideias é de que, numa sociedade em que a divisão do trabalho se acentua, a "consciência coletiva" tem maior efeito no desenvolvimento da personalidade destes indivíduos, uma vez que corresponde a uma maior parcela da formação desta consciência.

Ainda sobre "solidariedade social", Durkheim aponta para dois tipos: a "solidariedade orgânica" e a "solidariedade mecânica". E é a divisão do trabalho que é posta por Durkheim como o fator determinante para entender a diferença entre as solidariedades. Isso se justifica porque a divisão do trabalho tem como função principal integrar o corpo social, portanto promover uma coesão.

Na "solidariedade orgânica", por exemplo, há uma relação ligada à individualização dos membros da sociedade, o que gera uma

diferenciação entre eles próprios - a "solidariedade orgânica" é fruto da divisão do trabalho; já na "solidariedade mecânica", a diferença não é vista, não há intermédios na ligação entre o indivíduo e a sociedade.

Para Durkheim, o indivíduo só vai existir numa sociedade em que os membros se diferem, portanto onde há mais consciência individual do que coletiva. Ainda segundo o autor, as solidariedades evoluem de modo inverso, podendo progredir ou retrair, mas sempre cumprindo a função de assegurar a coesão social (Durkheim, 1967).

Desta forma, Durkheim afirma que "o homem não é humano senão porque vive em sociedade" (Durkheim, 1955, p.35) e que, portanto, sair dela é deixar de ser, como sinaliza Tania Quintaneiro (2009), que estuda a obra do autor:

Para adquirir humanidade é indispensável superar-se, dominar as próprias paixões, considerar outros interesses que não os próprios. E é a sociedade que ensina os homens a virtude do sacrifício, da privação, e a subordinação de seus fins individuais a outros mais elevados (Quintaneiro, 2009, p.93).

No caminho para compreender o que é a sociedade, é possível trazermos para a discussão Georg Simmel, com uma perspectiva distinta de Émile Durkheim, já que a entende como um produto das interações sociais entre os indivíduos, também tomados aqui por ele como atores sociais. Portanto, ela toma forma a partir do momento em que esses atores criam relações de interdependência ou estabelecem contatos e interações sociais de reciprocidade³.

No prefácio da obra "Sociologia: Estudos sobre as formas de sociação" de Georg Simmel traduzida em português, em 2021, Danilo Martuccelli traz uma afirmação interessante para ser endossada à ideia de como Simmel entende a sociedade. De acordo com Martuccelli, "Simmel recusa uma concepção global da sociedade em benefício de uma noção dinâmica, constante, recíproca da interrelação entre os indivíduos: a sociação" (Simmel, 2021, p.16).

³ CANCIAN, Renato. Georg Simmel - conceito de sociação - consequências da invenção do dinheiro. Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/georg-simmel---conceito-de-sociacao-consequencias-da-invencao-do-dinheiro.htm>. Acessado em 06/07/2024.

Nesta obra, inclusive, Georg Simmel (2021) começa a responder à questão "como é possível a sociedade?". A pergunta é uma busca para descobrir o que condiciona a "socialidade" dos indivíduos. É interessante que Simmel pontua, na obra, como "socialidade" em parênteses como "ser-da-sociedade". Como seres da sociedade, o autor vai dizer que os resultados desse convívio "não são conhecimentos, mas processos práticos e realidades" aos quais estão relacionados ao processo de socialização, no qual "a consciência que os atores sociais têm de seu mútuo relacionamento, de estar estabelecendo contatos e interações sociais de reciprocidade" (Simmel, 2021, p.63). É portanto um processo de criação recíproco mediante ao contato com o outro. Há algumas formas de socialização que são citadas por Simmel, no entanto, uma que nos chama atenção para este trabalho é a que se refere à imagem que um indivíduo tem de outro. Segundo Simmel, vemos o outro indivíduo de forma generalista, porque temos dificuldade em lidar com uma individualidade diferente: "Para conhecer o homem não o vemos em sua individualidade pura, mas amparado, elevado ou, às vezes também, rebaixado pelo tipo ideal ao qual supomos que ele pertence" (Simmel, 2021, p.64-65). Ou seja, nós categorizamos o indivíduo de acordo com nossa percepção sobre ele.

Portanto, não necessariamente essas relações se expressam apenas em situações de convergência dos interesses. Georg Simmel (2011) também traz considerações sobre o conflito que, segundo o autor, não é algo apenas negativo. Afinal, a sociedade é resultado de forças sociais positivas e negativas, há uma dualidade dessas forças:

(...) não existe provavelmente nenhuma unidade social onde as correntes convergentes e divergentes entre os seus membros não estejam inseparavelmente entrelaçadas. Um grupo absolutamente centrípeto e harmonioso, uma pura 'unificação' ("vereinigung"), não só se apresenta como empiricamente irreal, como não representa nenhum processo concreto da vida" (Simmel, 2011, p.570).

Isso significa que o conflito não deve ser encarado em sociedade como algo apenas negativo, ele é intrínseco e, por isso, também positivo.

Apenas com as dualidades e tensões é que se é possível estabelecer diálogos e chegar a discussões e conclusões sobre determinados aspectos, contextos ou pontos de vista. Entrar em conflito não é um sinônimo de dissonância.

Todos esses aspectos dizem respeito à realidade da vida cotidiana, isto é, à vivência comum entre os indivíduos. Peter L. Berger e Thomas Luckmann (2014), no livro "A construção social da realidade", apresentam os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana. Esta vida é, portanto, uma realidade interpretada pelos homens e que carrega sentido, formando um "mundo coerente" (Berger; Luckmann, 2014, p.35). No entanto, não há apenas uma realidade existente, existem múltiplas realidades, mas há uma em que se fixa em uma condição dominante: a ela chamamos de realidade da vida cotidiana. Dentro deste contexto em que são tomadas as interpretações e significações, a linguagem fornece "continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado" para o indivíduo (Berger; Luckmann, 2014, p.38). Neste sentido, o senso comum aparece como interpretações consideradas corretas sobre a realidade cotidiana, diante disso, a atitude natural é a atitude do senso comum, uma vez que "o conhecimento do senso comum é o conhecimento que eu partilho com os outros nas rotinas normais, evidentes da vida cotidiana" (Berger; Luckmann, 2014, p.40).

Ainda de acordo com os autores, a consciência é sempre intencional e transita pelas diferentes realidades, mas sempre retorna à dominante, uma vez que a realidade da vida cotidiana se concentra no "aqui e agora". Além disso, como afirmam Berger e Luckmann, essa realidade é experimentada em graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente, com base na consciência e seus interesses. Como a vida cotidiana é diretamente ligada à convivência e comunicação com os outros, os conflitos podem ocorrer, diante de perspectivas que possam vir a ser opostas.

Os autores ainda afirmam que a vida cotidiana é compreendida em dois setores, com aquilo que se é apreendido rotineiramente e aquilo que se apresenta como um problema. Estes episódios são oportunidades de

se aprender, por exemplo, algo novo. A realidade cotidiana, com base no conhecimento comum, sempre procurará compreender tal problema como problemático ou não. Para ser considerado um episódio problemático é preciso que seja entendido totalmente como uma realidade diferente da cotidiana, portanto, a que se vive (Berger; Luckmann, 2014, p.40-42).

Berger e Luckmann apontam que o mundo da vida cotidiana é estruturado de maneira espacial e temporal. Os autores chamam mais atenção para a estrutura temporal, afinal, segundo eles, "a corrente de consciência é sempre ordenada temporalmente" (Berger; Luckmann, 2014, p.43). Exemplos disso são a percepção do tempo, o relógio, a formulação de calendário, a ideia de tempo finito (neste ponto, um exemplo prático é o entendimento da morte como algo inevitável). Esses aspectos revelam, portanto, a ideia de ordem. Ou seja, a vida cotidiana impõe uma estrutura temporal que representa a priorização do que se deve ser feito. Deste modo, ainda segundo os autores, esta estrutura também revela um caráter ligado à historicidade, a partir do momento em que está presente em situações como "o dia do nascimento", a data em que se começou a trabalhar ou entrou para a escola, isto é, uma configuração da situação na qual o indivíduo está inserido - faz parte de sua biografia (Berger; Luckmann, 2014, p.44-45).

Os autores ressaltam que a realidade da vida cotidiana é algo compartilhado e que a mais importante experiência acontece justamente no encontro face a face uns com os outros. É neste momento em que a subjetividade do outro está mais próxima, ele se materializa, se torna real. Diante deste lidar com o outro, esquemas de tipificação aparecem, porque são eles os mecanismos pelos quais utilizamos para construirmos uma espécie de concepção prévia sobre a pessoa na qual a interação está direcionada. Para Berger e Luckmann, é claro que, nestas situações de encontro face a face as pessoas podem esconder realmente o que pensam e suas intenções. Ou seja, não é algo totalmente genuíno e transparente (Berger; Luckmann, 2014, p.46 - 52).

Também é possível inferir com base nos estudos destes autores, que é a partir das interações sociais na vida cotidiana que se constrói uma espécie de conhecimento. Este é internalizado pelo indivíduo e ajuda a

reger seus modos de agir; e também é passado para gerações futuras. Para este convívio em sociedade, Berger e Luckmann afirmam que a realidade da vida cotidiana é "somente possível" por causa das objetivações (Berger; Luckmann, 2014, p.52-53). Entendemos aqui objetivações como sinônimo para intenções, que estão ligadas às subjetividades particulares e às dos outros. A partir da objetivação os autores também ressaltam a significação. Ou seja, a intenção de um indivíduo ao dizer ou fazer algo tem significado, e há entendimento a partir disso sobre o que aquilo representa. Ainda dentro desta ideia de significação entram os sinais que também recebem atribuições e a partir disso constituem sentido (Berger; Luckmann, 2014, p.53-54).

Neste ponto, os autores trazem a linguagem como um importante sistema de sinais da sociedade, uma vez que é a partir dela em que há a compreensão da realidade da vida cotidiana. Neste caso, são sinais vocais. Vale rapidamente uma ressalva para a escrita, por exemplo, que aqui é considerada por eles como um sistema de sinais de segundo grau. Ainda segundo Berger e Luckmann, a linguagem é capaz de acumular significados e experiências, preservar no tempo e transmitir às próximas gerações. Para os autores, a linguagem torna a subjetividade particular mais real para o próprio indivíduo e também para o outro, o interlocutor (Berger; Luckmann, 2014, p.55-56). E é também através da linguagem, dentro do contexto das relações sociais, em que o outro se torna presente com relação ao outro e também aos que não estão presentes, permite reconstituir lembranças e construir imaginários futuros (Berger; Luckmann, 2014, p.57-58).

Berger e Luckmann afirmam que a linguagem também constrói representações simbólicas, e exemplos desse sistema de símbolos são a religião, a filosofia, a arte e a ciência. Ou seja, "vivo em um mundo de sinais e símbolos todos os dias" (Berger; Luckmann, 2014, p.59).

Com a linguagem, acumula-se, portanto, conhecimento. Os autores explicam que todos têm acervos sociais do conhecimento próprios sobre si mesmos, como um referencial sobre quem é e o que é dentro da sociedade. Eles também pontuam que os indivíduos diferenciam a realidade por graus de familiaridade. O conceito "estoque social" permite

tipificações diante deste conhecimento. É a partir disso que o indivíduo entende, por exemplo, o que deve falar diante de determinadas pessoas, o que se é interessante para cada um. No entanto, Berger e Luckmann explicam que não se pode deter conhecimento sobre tudo. Portanto, a distribuição social do conhecimento se sustenta justamente por não sabermos tudo o que os outros sabem (Berger; Luckmann, 2014, p.60 - 66). Uma passagem do livro "A construção social da realidade", utilizado aqui para trazer os estudos de Berger e Luckmann, compreende a ideia:

Na vida cotidiana sei, ao menos grosseiramente, o que posso esconder de cada pessoa, a quem posso recorrer para pedir informações sobre aquilo que não conheço e geralmente quais os tipos de conhecimento que se supõe serem possuídos por determinados indivíduos (Berger; Luckmann, 2014, p.66).

Desta forma, é possível relacionarmos que estar sempre atento ao contexto no qual se está inserido faz com que o indivíduo se articule da melhor forma possível para lidar com as situações estabelecidas. William Isaac Thomas (2005) cunhou o termo "definição da situação", ao qual podemos inferir ser um estado de reflexão, de deliberação, do indivíduo diante de determinada situação imposta, que resulta na conduta a ser utilizada. No entanto, sempre existirá, segundo ele, uma rivalidade entre o que o indivíduo faria espontaneamente e o que a sociedade lhe impõe a fazer. Ainda de acordo com Thomas, a sociedade busca regular o conflito e a competição entre as pessoas. A partir disso, surge, por exemplo, uma série de códigos morais do que se deve ou não fazer, isto é, as condutas. A família e a comunidade na qual o indivíduo está inserido são dois pontos trazidos por Thomas como agentes definidores, ou seja, que contribuem para esse repertório social e, conseqüentemente, para as escolhas de conduta (Thomas, 2005).

O conceito de "definição da situação" de Thomas, e antes as perspectivas de "construção social da realidade" de Berger e Luckmann, de "sociação" de Simmel, e a base sociológica funcionalista de Durkheim, cada qual a seu modo, nos permitem introduzir as ideias de

Erving Goffman (2011; 2014), sociólogo e antropólogo canadense, ao qual este trabalho aqui construído deve boa parte de sua influência.

Antes de tudo, é importante a sedimentação dos estudos realizados por Goffman, que consistem em uma microsociologia, com aparato teórico vindo da teoria de Durkheim dos rituais, conforme aponta Randall Collins (Collins, 2009, p.233-234). De acordo com Juarez Lopes de Carvalho Filho (2016), em seu artigo que analisa as aproximações das teorias de Durkheim e Goffman, as regras de condutas e os ritos de interações sociais apresentados por Goffman são momentos que afirmam a ordem social e moral, o que aponta uma influência direta com a perspectiva durkheimiana. Além disso, "o cotidiano é lido como um conjunto de atos e acontecimentos sagrados", o que, para Carvalho Filho, é uma relação evidente entre os dois teóricos (Carvalho Filho, 2016, p.156).

Aqui neste trabalho, o que entendemos diante destas aproximações é que, para Goffman, toda interação social exige dos atores sociais uma conformidade a partir do que julgam como correto ou adequado mediante os padrões sociais pré-definidos. Esses padrões só são possíveis diante de uma série de mecanismos que são impostos dentro de uma sociedade, o que converge com a teoria durkheimiana. Além disso, também é possível inferir que, em um encontro social, cada um dos participantes exerce uma espécie de função para o andamento da interação social, o que também nos reflete uma perspectiva funcionalista, que mais uma vez se aproxima de Durkheim.

Para Goffman a definição da situação também é algo importante, assim como para Thomas, que cunhou este conceito. O autor entende os indivíduos como atores sociais e, para ele, quando as pessoas interagem estão imediatamente representando, como numa peça de teatro. Vale destacar que a tradução de seu trabalho para o português traduz como "representação" a ideia de "performance". Então, é possível dizer que ele entende que os indivíduos interagem de uma maneira performativa.

Em cada encontro, uma série de mecanismos são utilizados para que haja uma conversa e esses indivíduos sempre estarão em uma situação de representação/performance. De acordo com Goffman, a

interação face a face "pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata" (Goffman, 2014, p.27-28).

Goffman (2014) também afirma que o primeiro passo dado por um indivíduo numa interação com outras pessoas é buscar informações para que consiga definir qual é a situação vivenciada e a partir disso adotar uma linha que será seguida. No caso da interação se dar com alguém desconhecido, o sociólogo aponta que o indivíduo pode buscar recordações de experiências prévias, ou seja, que já aconteceram em algum outro momento parecido ou em encontros com pessoas parecidas com o tipo de indivíduo encontrado; caso seja alguém conhecido, Goffman ensina que são atribuídas suposições e informações mediante outros encontros que ocorreram no passado.

Em todas as interações, sempre vai ser importante manter a linha que se foi escolhida e, portanto, manter a fachada. Fachada é mais um termo que, na tradução em português há contestações. Entende-se aqui, como fachada, como um "trabalho de face", uma tradução direta do inglês "*face-work*". Essas linhas de ação só são possíveis de serem constituídas e realizadas graças às informações iniciais acerca de tal participante da interação. Vale destacar que não necessariamente os indivíduos são totalmente verdadeiros com o que transmitem ou emitem: "quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir". (Goffman, 2014, p.16). Vale reforçar que transmitir é o que se quer mostrar; e emitir é o que não necessariamente queremos que o outro saiba.

Quando uma situação está posta, num geral, ainda segundo Goffman, "as definições da situação projetadas pelos diferentes participantes são suficientemente harmoniosas, a ponto de não ocorrer uma franca contradição" (Goffman, 2014, p.21). Para Goffman, essa harmonia é um ideal otimista e que não é necessária para o funcionamento regular da sociedade:

(...) espera-se que cada participante suprima seus sentimentos cordiais imediatos, transmitindo uma visão da situação que julga ser ao menos temporariamente aceitável pelos outros. A conservação desta concordância superficial, desta aparência de consenso, é facilitada pelo fato de cada participante ocultar seus próprios desejos por trás de afirmações que apoiem valores aos quais todos os presentes se sentem obrigados a prestar falsa homenagem" (Goffman, 2014, p.21).

Pela cortesia, o indivíduo pode calar-se ou se manter neutro em questões que possam ser importantes para outros, mas não para ele mesmo. Tudo isso é uma espécie de acordo que evita conflitos, um "consenso operacional" (Goffman, 2014, p.22).

Vale destacar que conforme a interação acontece e progride, as informações iniciais do começo do encontro vão também se modificando e recebendo acréscimos, mas Goffman afirma que é preciso que esses desenvolvimentos não se contraponham com as posições inicialmente adotadas pelos participantes ou sejam construídos a partir delas.

O autor também reflete sobre a importância das primeiras impressões numa interação, uma vez que é necessária uma projeção da definição da situação desempenhada de maneira efetiva, para que não haja descrédito ou dúvidas sobre essa projeção, culminando num constrangimento ou embaraço futuro (Goffman, 2014, p.24).

Há alguns mecanismos para proteger as projeções. Goffman as chama de "práticas defensivas". Também há o emprego dessa prática no sentido de salvaguardar a partir de uma situação imposta pelo outro. Nesse caso, Goffman vai chamar de "práticas protetoras ou diplomacia" (Goffman, 2014, p.26).

Quando a pessoa entende que está com a fachada (trabalho de face) de forma coerente, ela fica confiante. No entanto, quando sente que está com a errada, ela se sente envergonhada, inferior. Goffman (2011) explica dois termos importantes dentro das interações, são eles: "perder a fachada" e "salvar a fachada":

(...) a expressão "perder a fachada" [*to lose face*] parece significar estar com a fachada errada, estar fora de fachada, ou estar com a fachada envergonhada. A expressão "salvar a fachada" [*to save one's face*] parece se referir ao processo através do qual a pessoa mantém uma impressão para outros de que ela não perdeu a

fachada. [...] podemos dizer que "dar fachada" [*to give face*] é possibilitar que outra pessoa assuma uma linha melhor que ela seria capaz de assumir sozinha, esta outra, portanto, ganha a fachada dada a ela, e esta é uma das formas pelas quais ela pode ganhar fachada. (Goffman, 2011, p.17).

Quando se assume uma determinada fachada (trabalho de face), a expectativa dos outros é de que a pessoa agirá de acordo com a fachada assumida (Goffman, 2011, p.17-18).

Em resumo, Goffman quer dizer que, em certo momento, os participantes de uma interação aceitam as linhas escolhidas por cada um. Algo prático, mas não necessariamente real. Essa aceitação mútua tem efeito conservador importante para os encontros:

Quando uma pessoa apresenta uma linha inicial, ela e as outras tendem a construir suas respostas posteriores a partir dela e, num certo sentido, ficam presas a ela. Se a pessoa alterar sua linha radicalmente, ou se a linha se tornar desacreditada, o resultado é a confusão, pois os participantes estarão preparados e comprometidos com ações que não são mais apropriadas (Goffman, 2011, p.19).

E é aí que entra mais um ponto importante para entendermos as interações sociais: a manutenção da fachada. Essa preservação da fachada consiste nas tentativas e ações tomadas para "neutralizar" possíveis incidentes dentro dos contextos das interações: "Em nossa sociedade, esse tipo de capacidade às vezes é chamado de tato, *savoir-faire*, diplomacia ou habilidade social" (Goffman, 2011, p.20-21). Também é importante, segundo o autor, que a pessoa, ao empregar uma dessas práticas, exerça a perceptividade.

Mas, como se percebe uma possível ameaça à fachada (trabalho de face)? Goffman pontua "três níveis de responsabilidade que uma pessoa pode ter quanto a uma ameaça à fachada criada por suas ações":

Primeiro, pode parecer que ela agiu inocentemente; [...] chamamos tais ameaças à fachada de *faux pas*, gafes, disparates ou pisadas na bola. Segundo, a pessoa ofensora pode parecer ter agido com malícia e despeito, com a intenção de causar um insulto aberto. Terceiro, há ofensas incidentais; estas surgem como um efeito colateral não planejado, mas às vezes previsto da ação - uma ação que o ofensor realiza apesar de suas

consequências ofensivas, mas não por causa de despeito. (Goffman, 2011, p.22).

Esses três níveis apresentados podem ser introduzidos pelo próprio participante contra a sua fachada, por ele contra a fachada dos outros, pelos outros contra a fachada dos outros, ou pelos outros contra a sua fachada. Para salvar a fachada, Goffman reforça que a pessoa precisa de um repertório para cada situação possível.

E para preservar a fachada (trabalho de face)? Para isso, o autor pontua acerca de dois processos, são eles: "processo de evitação" e "processo corretivo". De uma forma simplificada, o "processo de evitação" consiste em, basicamente, evitar prováveis ameaças e situações delicadas por meio de intermediários (Goffman, 2011, p.22-23). Quando a pessoa se arrisca num encontro, como medida defensiva, ela se mantém longe de assuntos ou atividades que levem à exposição de informações que possam comprometer a linha adotada. Ela também muda de assunto da conversa ou rumo da atividade. Goffman ainda pontua um tipo de comportamento nessas situações:

Muitas vezes, ela apresentará inicialmente uma atitude de acanhamento e compostura, suprimindo qualquer demonstração de sentimentos até que descubra que tipo de linha os outros estarão dispostos a apoiar para ela. (Goffman, 2011, p.23).

Quando uma pessoa não consegue impedir um incidente, ela pode agir como se nada tivesse acontecido, mantendo uma certa ficção para não ameaçar a fachada (trabalho de face). Outro tipo de evitação é quando uma pessoa perde o controle das expressões durante um encontro e esconde ou oculta a atividade de alguma forma (Goffman, 2011).

Quanto ao "processo corretivo", que consiste, basicamente, em quando ocorre algo na interação social que não é "expressamente incompatível" com o esperado. Isso pode ganhar o *status* de incidente e, a partir disso, haverá tentativas de corrigir o erro e seus efeitos.

Para explicar, Goffman define o termo "intercâmbio" para se referir "à sequência de atos colocada em movimento por uma ameaça

reconhecida à fachada, terminando no restabelecimento do equilíbrio ritual" (Goffman, 2011, p.26-27).

Neste sentido, há quatro jogadas que o autor considera estarem envolvidas. Tudo isso para tentar salvar a fachada (trabalho de face), ou seja, mantê-la. Primeiro, há o "desafio", quando os participantes da interação chamam atenção para o erro de conduta. A segunda jogada é a "oferta": "um participante, normalmente o ofensor, recebe uma chance de corrigir a ofensa e restabelecer a ordem expressiva" (Goffman, 2011, p.27). De alguma forma, esse participante vai tentar amenizar a situação, ponderar.

Dentro dessa jogada, o ofensor pode seguir dois procedimentos: "ele pode fornecer compensações aos feridos - quando não foi sua própria fachada que ele ameaçou; ou ele pode fornecer punição, penitência e expiação para si mesmo." (Goffman, 2011, p.28). De alguma forma, ele vai buscar uma espécie de redenção, pedido de desculpas.

Depois da jogada do desafio e da jogada da oferta, "a terceira jogada pode ocorrer: as pessoas a quem a oferta é feita podem aceitá-la como um meio satisfatório de restabelecer a ordem expressiva e as fachadas apoiadas por essa ordem. Só então o ofensor pode terminar a parte principal de sua oferta ritual." (Goffman, 2011, p.29). Esta seria a jogada chamada de "aceitação".

Na quarta e última jogada do intercâmbio, "a pessoa perdoada comunica um sinal de gratidão para aqueles que deram a ela a indulgência do perdão." (Goffman, 2011, p.29). Esta seria a jogada chamada de "agradecimento".

No entanto, Goffman (2011) afirma que este modelo do comportamento ritual de processo corretivo pode ser modificado de forma significativa. Há variáveis que podem implicar na ordem dessas jogadas ou ainda na conformidade dos argumentos apresentados. Podendo, nesse contexto, haver conflito (Goffman, 2011, p.29).

Para prevenir escândalos, normalmente, o ofensor pede desculpas rapidamente: "(...) ele não quer que as pessoas afrontadas se comprometam com a obrigação de apelar a medidas desesperadas" (Goffman, 2011, p.30).

Fica claro que as emoções diante do ocorrido nas interações influem nesses ciclos de respostas. As emoções são como jogadas que se encaixam no jogo ritual (Goffman, 2011, p.30).

Também é preciso destacar o fator do constrangimento dentro das interações sociais. Neste caso, é importante retornar ao conceito de encontro social que é definido pelo autor como uma interação face a face, na presença de indivíduos, que termina com uma aceitação da participação mútua entre eles. No entanto, Goffman ainda afirma que esses encontros podem variar, afinal, podem diferentes propósitos, funções sociais, tipos e número de pessoas, e ambientes, por exemplo. Ele também reforça que não necessariamente o encontro precisa ser uma conversa e que existem encontros em que nenhuma palavra é dita. Portanto para o autor, "não parece existir um encontro social que não possa se tornar constrangedor para um ou mais de seus participantes, gerando o que às vezes é chamado de incidente ou vexame" (Goffman, 2011, p.97)

Sobre o constrangimento, Goffman discute como um indivíduo consegue reconhecer o constrangimento extremo, alguns apontamentos são referentes a perturbação emocional, tais como enrubescimento, balbucios, gaguejar, voz muito aguda ou grave, fala trêmula ou entrecortada, suor, palidez, piscadelas, entre outras situações que são bastante perceptíveis. No entanto, há também os sintomas que são subjetivos: neste caso, o autor cita constrição do diafragma, sensação de cambaleio, percepção de gestos forçados e não naturais, sensação de tontura, boca seca e tensão dos músculos. Goffman ainda afirma que, nos casos de embaraços considerados leves, esses sintomas ocorrem mas de forma menos perceptível (Goffman, 2011, p.95).

A preocupação principal é sempre em como está sendo demonstrado para o outro esse constrangimento, até porque isso pode ser considerado um sinal de fraqueza, de inferioridade. É algo sempre referente à impressão gerada (Goffman, 2011, p.96).

Num momento de constrangimento, o indivíduo pode tentar disfarçar, já que é uma situação claramente embaraçosa e que pode comprometer toda a interação ou o que ele quer comunicar. Sorriso fixo,

riso vazio nervoso, mãos ocupadas, olhar para o chão - esses são alguns exemplos utilizados por Goffman como formas utilizadas para disfarçar o constrangimento. "Esses gestos são biombos que o indivíduo usa para se esconder enquanto tenta trazer seus sentimentos de volta ao ritmo, e a si próprio de volta ao jogo" (Goffman, 2011, p.100).

E, ainda de acordo com o autor, o constrangimento não necessariamente envolve apenas um participante da interação - pode não se dar de uma forma apenas individual, mas também pode envolver outras pessoas que estejam nesse mesmo encontro social.

Nas interações sociais há a possibilidade de ocorrerem falhas. Por isso, neste ponto, duas considerações trazidas por Goffman são interessantes: o conceito de "comunicação imprópria" e alguns apontamentos sobre a manipulação da impressão em uma interação social face a face.

Para compreender o que seria uma "comunicação imprópria" para Goffman, é necessário entendermos o que ele chama por "equipes":

Uma equipe, por conseguinte, pode ser definida como um conjunto de indivíduos cuja íntima cooperação é necessária, para ser mantida uma determinada definição projetada da situação. Uma equipe é um grupo, mas não um grupo em relação a uma estrutura ou organização social, e sim em relação a uma interação, ou série de interações, na qual é mantida a definição apropriada da situação (Goffman, 2014, p.118).

Diante disso, o autor afirma que embora as pessoas possam agir de maneira que transpareçam que suas respostas ou reações sejam algo espontâneo, sempre poderá haver a possibilidade de transmitir para outras pessoas presentes que aquilo não é verídico, dando a impressão de ser um "espetáculo", portanto de estar performando (Goffman, 2014, p.185).

Goffman afirma que a "comunicação imprópria" acontece quando, numa situação, o ator comete um equívoco que acaba comprometendo a sua representação/performance, o que abre margem para a dúvida ou descrença do que se é dito. A partir disso, forma-se uma ruptura na interação.

As técnicas de manipulação da impressão procuram evitar justamente que essas rupturas da representação aconteçam. Goffman afirma que "o ator deve agir com expressiva responsabilidade, visto que muitas ações insignificantes e inadvertidas podem, às vezes, transmitir impressões inapropriadas ao momento" (Goffman, 2014, p.225).

Ainda de acordo com o autor, quando um ator faz uma contribuição intencional que destrói a imagem de sua própria equipe, chamamos comumente de "gafes" ou "ratas"; ou, se quando o ator coloca em risco a sua própria imagem de personalidade que foi projetada por sua equipe, falamos em "mancadas" ou que ele "meteu os pés pelas mãos". Ainda segundo Goffman, os gestos involuntários, as intromissões inoportunas e as rupturas das projeções (*faux pas*) são fontes de embaraços e dissonâncias, que poderiam ter sido evitados se o indivíduo conhecesse as consequências do seu ato. No entanto, o indivíduo também pode agir consciente de que o ato pode resultar em uma dissonância:

A expressão popular "fazer uma cena" é adequada porque, com efeito, estas rupturas criam uma nova cena. [...] Algumas cenas ocorrem quando os companheiros de equipe não conseguem mais apoiar a representação inepta uns dos outros e deixam escapar uma crítica pública imediata a respeito dos próprios indivíduos com quem deveriam estar em cooperação dramática. Este mau procedimento liquida, às vezes, a representação que os disputantes deveriam estar apresentando. (Goffman, 2014, p.227).

Para Goffman, esses episódios que podem resultar nas rupturas das representações, tais como os gestos involuntários, as intromissões inoportunas, o *faux pas* (rupturas de projeções) e as cenas, são incidentes e podem ser uma ameaça para a performance realizada pelo participante da interação, o que pode ocasionar em embaraço, constrangimento, nervosismo, entre outros. Quanto mais evidente for esse embaraço, pior ficará o ocorrido vivenciado. E, para evitar que aconteçam esses incidentes é necessário que todos os participantes da interação, até mesmo os que não participam dela, possuam e expressem atributos e práticas para salvar esse "espetáculo". São medidas defensivas do próprio ator; medidas protetoras da plateia e de estranhos para ajudarem esses

atores; e medidas adotadas pelos atores que tornam possível que as medidas protetoras empregadas pela plateia e por estranhos possam ocorrer. Portanto, é possível inferir neste ponto que as práticas de manipulação da impressão são uma espécie de estratégia para que não haja rupturas na interação, resultando até mesmo na perda da fachada/trabalho de face, comprometendo a interação e o que se queria transmitir.

Mas por que, se é necessário manipular a impressão, preocupar-se com o outro numa interação social? Para responder a esta pergunta, retomaremos algumas considerações de Émile Durkheim e introduziremos os estudos do sociólogo Howard Becker (2019), que assim como Erving Goffman, pertence à Escola de Chicago e se concentra na microsociologia.

Para Durkheim, a moral está ligada ao conjunto de regras de condutas presentes na sociedade de maneira inconsciente, que se impõe ao indivíduo, mas que ao mesmo tempo é também desejada. Para existir a coesão, o autor considera que é preciso que os indivíduos se integrem em grupos e tenham valores em comum. Esse conjunto de regras, direitos, deveres é determinado a partir de uma moralidade que pretende gerar um equilíbrio e coesão a esta sociedade, a isso Durkheim chama de solidariedade. Embora coletiva, a moral não é universal, uma vez que as sociedades são diferentes em diversos aspectos, e cada uma compõe uma moral. Ao nascer, esse indivíduo é inserido num contexto de regras e padrões a serem seguidos pela sociedade na qual se encontra (Bender, 2019, p.17-20).

Quebrar as regras de conduta ou estabelecidas pelo grupo podem gerar sanções. E é justamente o estudo deste desvio do padrão em que se debruça Howard Becker, que tem suas ideias influenciadas tanto por Émile Durkheim, como também por Max Weber. Na segunda edição do livro "Outsiders: estudos de sociologia do desvio", Becker (2019) traz a "teoria da rotulação" de maneira reconsiderada, 45 anos depois do primeiro lançamento. Para ele, o campo do desvio é apenas mais um tipo de atividade humana a ser estudado e compreendido (Becker, 2019, p.182). Ele também sinaliza a insatisfação com o termo "Teoria da

Rotulação", atribuído ao seu trabalho, e prefere chamá-lo de "Teoria Interacionista do Desvio".

Becker afirma que é importante ter em mente que o "ato de rotular" praticado por "empreendedores morais", mesmo importante, "não pode ser concebido como a única explicação para o que pretensos desviantes realmente fazem" (Becker, 2019, p.182). O autor reforça que um dos pontos mais importantes de seu estudo é "centrar a atenção no modo como a rotulação põe o ator em circunstâncias que tornam mais difícil para ele levar adiante as rotinas normais da vida cotidiana, incitando-o a ações 'anormais'" (Becker, 2019, p.183). Ou seja, é necessário considerar o fardo a ser carregado após uma rotulação.

Becker destaca acerca da ação coletiva justamente o que, neste capítulo, estamos construindo até aqui: o autor reforça a ideia de que as pessoas andam juntas, se preocupam com as outras e a adequem suas linhas de ação diante das ações do outro. Ele chama esse movimento de ajustamento e acomodação de ação coletiva (Becker, 2019, p.185).

Em resumo, Becker explica que as pessoas consideram o que está em volta e o que provavelmente pode vir a acontecer, a partir disso decidem o que farão (Becker, 2019, p.185). Esta ideia, inclusive, é semelhante a de William Isaac Thomas. Ou seja, as pessoas consideram o modo como as pessoas avaliam o que fazem, como essa avaliação pode afetar o seu prestígio e a sua posição (Becker, 2019, p.186). Portanto, ao considerar o desvio como uma ação coletiva, Becker diz que vemos perfeitamente o quão atentas as pessoas estão às reações dos outros.

O autor também pontua que a vida social não consiste apenas em encontros face a face, mas que pessoas podem se envolver em interação "intensa e persistente" mesmo sem nunca terem se encontrado presencialmente, e que os ajustamentos e a acomodação acontecem da mesma forma (Becker, 2019, p.185).

Becker contextualiza "desvio" a partir da ideia em que, na sociedade, existem regras, que podem ser leis, acordos formais recém-estabelecidos ou sedimentados, e que as regras podem ser impostas por sanções (Becker, 2019, p.17-18). Portanto, qualquer

indivíduo pode ser considerado desviante, desde que não concorde com as regras estabelecidas por seu grupo social. Em resumo, o desvio é literalmente desviar-se do padrão esperado ou pré-estabelecido. Vale lembrar que, dentro de uma sociedade há muitos grupos sociais e, cada um deles, justamente por causa de suas considerações do que é certo e do que é errado, considera determinadas ações como desviantes ou não. É como cita Becker: "uma pessoa pode infringir as regras de um grupo pelo próprio fato de abster-se às regras de outro" (Becker, 2019, p.23).

O desvio nada mais é do que algo criado pela própria sociedade, a partir da criação de regras que têm como infração a constituição do desvio. Ao aplicar as regras às pessoas, rotula-se a elas como *outsiders*.

Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um "infrator". O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal (Becker, 2019, p.23-24).

No entanto, nem sempre quem é rotulado como desviante infringiu regras. Em toda sociedade, há preconceitos e estereótipos que pré-estabelecem quem teria mais chances de ser um desviante ou não. Para Becker, o que pessoas rotuladas de desviantes têm em comum é que "no mínimo, elas partilham o rótulo e a experiência de serem rotuladas como desviantes" (Becker, p.2019, p.24). Ou seja, quem determina o desviante é a visão e o julgamento do grupo no qual esta pessoa está inserida. Tudo vai depender da reação do grupo social ao ato de "desvio" realizado pelo indivíduo. As circunstâncias e também a passagem de tempo, são dois exemplos de fatores que podem interferir nessa reação e concepção de ação desviante. Por isso, Becker considera que "o grau em que outras pessoas reagiram a um ato dado como desviante varia enormemente (...) há variação ao longo do tempo" (Becker, 2019, p.26-27).

Ainda sobre a questão do que se é considerado desviante, Becker afirma que também depende de quem comete ou se sente prejudicado por ele. Segundo o autor, "regras tendem a ser aplicadas mais a algumas pessoas que a outras. (...) Essa variação ocorre ainda que a infração

original da norma seja a mesma nos dois casos" (Becker, 2019, p.27). Ele utiliza como exemplo estudos de delinquência juvenil que apontam que meninos brancos e meninos negros têm probabilidades diferentes de um processo legal ir adiante ou não. Desta forma, estão inseridos aqui, o preconceito, como o racismo estrutural, e concepções enraizadas dentro de uma sociedade.

Por isso, o desvio está totalmente atrelado à percepção dos outros, uma vez que, de acordo com Becker: "desvio não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a ele" (Becker, 2019, p.29).

Também vale considerar que "à medida que as regras de vários grupos se entrecrocavam e contradizem, haverá desacordo quanto ao tipo de comportamento apropriado em qualquer situação dada" (Becker, 2019, p.29). É possível considerar que a reformulação do que é certo e errado também pode vir desse encontro de culturas e regras, ou seja, uma redefinição do pensamento, da permissividade da sociedade quanto a assuntos e ações antes não discutidos. Por exemplo, vê-se atualmente a consciência quanto à necessidade de diminuir a segregação a grupos marginalizados, permitindo maior integração e esclarecimento de pontos antes ignorados pela maior parte dos indivíduos da sociedade. Isto é, amplitude do conceito de diversidade.

Becker também pontua um segundo significado aos *outsiders* (desviantes), que leva a uma análise de um conjunto de problemas sociais: "*outsiders*, do ponto de vista da pessoa rotulada de desviante, podem ser aquelas que fazem as regras de cuja violação ela foi considerada culpada" (Becker, 2019, p.29).

Vale também destacar que a imposição de regras tem uma questão político econômica:

as pessoas estão sempre, de fato, impondo suas regras a outras, aplicando-as mais ou menos contra a vontade e sem o consentimento dos outros. [...] Diferenças na capacidade de fazer regras e aplicá-las a outras pessoas são essencialmente diferenciais de poder (seja legal ou extralegal). Aqueles grupos cuja posição social lhe dá armas e poder são mais capazes de impor suas regras. Distinções de idade, sexo, etnicidade e classe são todas relacionadas a diferenças em poder, o que explica

diferenças no grau em que grupos assim distinguidos podem fazer regras para outros (Becker, 2019, p.31-32).

Becker define rapidamente quatro tipos de comportamento desviante, são eles: "apropriado" (obedece à regra e todos percebem isso); "desviante puro" (desobedece à regra e todos percebem isso - é o extremo oposto do "apropriado"); "falsamente acusado" (uma acusação injusta sem evidências - a pessoa é vista como tendo feito a ação imprópria, embora não tenha o feito de fato); e, por último, "desvio secreto" (ato impróprio foi cometido, mas ninguém reage ou o percebe como uma violação das regras). O autor categoriza como comportamento apropriado os tipos citados acima "apropriado" e "falsamente acusado", e como comportamento infrator, "desviante puro" e "desviante secreto" (Becker, 2019, p.33-34).

Becker reconheceu que a formulação do pensamento acima criou certa confusão quando foi difundido, principalmente quando se refere às variáveis como comportamento "obediente" em contraposição a "infrator da regra". Diante disso, o sociólogo afirmou que "penso que é melhor descrever a dimensão como cometimento e não cometimento de um dado ato" (Becker, 2019, p.184). Ele também considera que é útil haver um termo para indicar que "os outros irão provavelmente definir tais atividades como desviantes sem fazer disso um juízo científico sobre se o fato é desviante" (Becker, 2019, p.184). Desta forma, ele sugere chamarmos tais atos de "potencialmente desviantes".

Os próprios atores muitas vezes discordam quanto ao que é ou não desviante e, com certa frequência, duvidam do caráter desviante de um ato (Becker, 2019, p.187).

Nem sempre quem realiza atitudes desviantes as fez de modo consciente, ou melhor, com algum motivo ou finalidade. Às vezes, a pessoa somente não tinha conhecimento de que tal ato era considerado inapropriado, alguns exemplos são pessoas envolvidas em determinadas subculturas religiosas ou étnicas (Becker, 1928, p.38).

No entanto, também nada impede que as pessoas tenham vontade de cometer algum ato desviante das regras ou, pelo menos, pensar em realizá-los: "em vez de perguntar por que desviantes querem fazer coisas

reprovadas, seria melhor que perguntássemos por que as pessoas convencionais não se deixam levar pelos impulsos desviantes que têm" (Becker, 2019, p.39).

Essa decisão tem a ver com a linha de comportamento adotada. Ou seja, a pessoa reconhece que deve seguir um padrão estabelecido e opta por segui-lo. Também vale destacar que, a partir do momento em que a pessoa começa a desenvolver motivos ou interesses que podem ser ditos como desviantes, a experimentação pode virar algo permanente (Becker, 2019, p.40-43).

Para Becker, "um dos passos mais decisivos no processo de construção de um padrão estável de comportamento desviante talvez seja a experiência de ser apanhado e rotulado publicamente de desviante" (Becker, 2019, p.43-44). Ficar marcado "como desviante tem importantes consequências para a participação social mais ampla e a autoimagem do indivíduo" (Becker, 2019, p.44). Isso se refere ao impacto do ato deste indivíduo dentro de seu grupo social, o que pode gerar verdadeira aversão, apagamento e novo status. Ele agora passa a ser rotulado, ganha um novo atributo, que pode o taxar.

Ou seja, diante da rotulação e taxação como desviante, isso pode desencadear nesse indivíduo uma tendência de comportamento em se aprofundar ainda mais nesta nova atividade ilegítima, às vezes até mesmo se conectando a organizações praticantes de tal desvio, onde busca certo conforto. Essa busca faz sentido por causa do acolhimento sentido dentro de um grupo desviante. Afinal, há casos de quem quer ser reconhecido como desviante, mas a maioria deles é de quem não gostaria que assim o fosse (Becker, 2019, p.40-46).

As aproximações teóricas aqui apresentadas neste capítulo têm como objetivo destacar onde estão radicadas algumas das principais considerações interacionistas que sustentam a presente pesquisa, a fim de entender a conceituação de sociedade e da presença do indivíduo dentro deste contexto social, e para além disso, compreender como se dá o reconhecimento de uma situação imposta dentro de uma interação social e possíveis desdobramentos presentes dentro deste encontro.

A partir de Émile Durkheim objetivou-se fundamentar com base na Sociologia Clássica o papel deste indivíduo na sociedade, e como a sociedade também influi no indivíduo. Ao introduzirmos Georg Simmel na discussão, trazemos as primeiras considerações acerca de relações sociais e conflitos. Com Peter L. Berger e Thomas Luckmann, foram possíveis as noções acerca da realidade cotidiana na qual estes indivíduos estão inseridos e como se dão algumas representações dentro desta vivência. A partir de William Isaac Thomas, pudemos introduzir as primeiras impressões sobre como o indivíduo percebe os outros e o contexto no qual se insere em interações sociais. Percepção esta que também podemos ver mais à frente nos estudos, por exemplo, de Erving Goffman e Howard S. Becker. A partir de Goffman pudemos explorar as considerações sobre as interações sociais face a face como representações, em que o indivíduo articula com base na linha adotada e na impressão que quer manipular, tudo para evitar possíveis constrangimentos. Após Goffman, se fez necessário complementar a discussão com os estudos de Becker acerca das regras de condutas sociais e os aprofundamentos sobre o comportamento desviante do indivíduo em sociedade.

Com as primeiras considerações teóricas deste trabalho, com base nos autores acima e mais alguns outros que complementam a discussão, foi possível explorar alguns pontos sobre como se dá o contato entre as pessoas e algumas de suas nuances, que são muitas. Não à toa, este capítulo se intitula "Os Encontros" e este subcapítulo, "O Contato". No próximo, o texto se concentra em apresentar o estudo de caso desta pesquisa, trazendo também pontuações mediante a teoria até aqui já introduzida.

3

Uma mudança total

O estudo de caso desta pesquisa é o "cancelamento"⁴ da influenciadora e humorista Gkay, que ocorreu no fim do ano de 2022, após uma participação polêmica no programa *Lady Night*, da Globo, apresentado por Tatá Werneck. Neste capítulo, iremos nos concentrar em destrinchar na análise deste cancelamento, buscando compreender quem é Gkay, a partir de sua trajetória de vida, e como se deu a sua participação no *talk show*, bem como aconteceu após a sua presença na atração. Para isso, serão utilizadas matérias jornalísticas sobre o assunto, conteúdos disponíveis nas redes sociais da influenciadora, assim como a descrição de como se sucedeu a participação no programa e seus desdobramentos. Além disso, este capítulo será atravessado por perspectivas teóricas, algumas delas introduzidas no capítulo anterior. Também será um primeiro momento em que termos relacionados à "Cultura do Cancelamento" e ao julgamento aparecerão. No entanto, as abordagens serão melhor aprofundadas mais adiante nesta pesquisa.

Além disso, também será abordado neste capítulo um segundo estudo de caso, como contraponto, a título de comparação com o contexto contemporâneo, no qual reside o caso de Gkay. Trata-se do episódio bastante conhecido do cantor Wilson Simonal, que sofreu forte repúdio nos anos de 1970, durante a Ditadura Militar. Naquela época, Simonal era um dos cantores mais populares do país e foi associado na imprensa como um colaborador do regime. O efeito do ocorrido e as reações posteriores a ele nos permitem uma comparação relacionando o episódio a casos de "cancelamento", no entanto, num momento muito anterior ao advento da internet e das redes sociais. Uma matéria jornalística sugeriu que Simonal pode ter sido o primeiro "cancelado" do Brasil⁵.

⁴ O "cancelamento" é um termo que se popularizou nos últimos anos. No Brasil, principalmente a partir de 2019. A prática é vista como uma espécie de linchamento virtual, que geralmente acontece por causa de atitudes julgadas como erradas ou descabidas, desencadeando em um grande impacto em rede e na figura do "cancelado".

⁵ PRADO, Carol. História de Simonal, retratada em filme, atiza debate sobre artistas 'cancelados' pela opinião pública. G1, 08/08/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2019/08/08/historia-de-simonal-retratada-em-filme-atiza-debate-sobre-artistas-cancelados-por-opiniao-publica.ghtml#>. Acessado em: 03/08/2024.

O fato é que o julgamento, o repúdio e o "cancelamento" acarretam, no mínimo, uma mudança total, seja ela na carreira, nas formas de agir e pensar, e também em como se "mostrar" para o outro. Porém, isso vai depender de como cada indivíduo que passa por esse tipo de situação a encara e a contorna. Alguns conseguem resultados positivos, como uma espécie de recuperação, enquanto outros não, sendo postos de lado, apagados ou diminuídos. É isso que veremos daqui em diante.

3.1 Gkay

Gessica Kayane Rocha de Vasconcelos, mais conhecida como Gkay, nascida em 03 de dezembro de 1992, no interior da Paraíba, na cidade de Solânea, é uma atriz e humorista brasileira, que acumula nas redes sociais milhões de seguidores - apenas no Instagram, são mais de 20 milhões⁶. A influenciadora conta que recebeu o apelido de um amigo, que achava seu nome muito longo⁷. Para uma matéria do Jornal O Globo, Gkay contou que sempre quis ser atriz, mas que o sonho parecia distante da realidade na qual vivia, já que a influenciadora vem de uma família humilde. Nesta mesma entrevista, Gkay contou que, antes da fama, fazia bicos para ganhar a vida, como entregar panfletos⁸.

Gkay se tornou famosa por volta do ano de 2013, ao realizar vídeos para a internet, depois de ser apresentada por amigos e familiares ao conteúdo do *youtuber* Whindersson Nunes. Com o crescimento do canal de Gkay na plataforma de compartilhamento de vídeos, YouTube, em 2016, ela resolveu se dedicar totalmente à internet e ao humor, com direito a turnê pelo Brasil com shows de *stand-up* no ano seguinte. Logo, com o sucesso, Gkay se tornou amiga de famosos e de outros influenciadores, chamando a atenção de marcas, *streamings* e canais de TV. Um exemplo

⁶ Informações retiradas do perfil da rede social em 26/08/2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/gessica/>

⁷ SENA, Lena. Quem é Gkay, a influencer que reuniu centenas de famosos em um hotel de luxo em festa de aniversário milionária. G1, 08/12/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/12/08/quem-e-gkay-farofa-influencer-que-reuniu-centenas-de-famosos-em-um-hotel-de-luxo-em-festa.ghtml#>. Acessado em: 26/08/2024.

⁸ JÚNIOR, Gilberto. Milionária, Gkay relembra vida antes da fama: 'Entregava panfletos'. O Globo, 24/04/2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2022/04/milionaria-gkay-relembra-vida-antes-da-fama-entregava-panfletos.ghtml#>. Acessado em 26/08/2024.

disso é que a humorista realizou projetos que envolviam séries e filmes em plataformas e canais como Netflix e Multishow, assim como foi chamada, em 2022, para participar do quadro "Dança dos Famosos" do programa "Domingão", da Globo⁹. Essas participações e a frequência permanente em propagandas - principalmente na internet - legitimam a força publicitária que a influenciadora tem.

Com a fama, vieram também as mudanças no visual. Alguns dos procedimentos estéticos realizados ao longo dos anos pela influenciadora para modificar sua imagem estão lipo lipo HD (para definição do abdômen), rinoplastia, bichectomia (para alteração nas bochechas), mamoplastia de aumento (para colocar próteses de silicone nos seios) e também harmonização facial com aplicação de ácido hialurônico e botox¹⁰. Numa comparação entre fotografias que mostram o antes e depois de Gkay, presente em uma matéria do Gshow, do fim de 2022, é possível ver a diferença antes e depois dos procedimentos¹¹ (Figura 1).

Figura 1 - Antes e depois dos procedimentos estéticos de Gkay



Fonte: Gshow

Para comemorar o aniversário de 25 anos, em 2017, Gkay reuniu alguns dos maiores influenciadores da internet, num evento fechado chamado "Farofa da Gkay" com diversas atrações, o que chamou a atenção das mídias e também de internautas. Esta foi a primeira edição da "Farofa", que se tornou um evento famoso nas redes. Nos anos

⁹ VIANA, Victor. Por que a Gkay é famosa? Descubra a resposta para esta e mais perguntas mais populares sobre a dona da 'Farofa'. Purepeople, 05/12/2023. Disponível em: https://www.purepeople.com.br/noticia/por-que-a-gkay-e-famosa-conheca-a-historia-da-influenciadora-responsavel-pelo-phenomeno-farofa-da-gkay_a385560/1#:~:text=Em%202017%2C%20ela%20criou%20a,do%20p%C3%ABlico%20e%20da%20m%C3%ADdia.. Acessado em: 03/08/2024.

¹⁰ Gkay antes e depois da fama: fortuna, altura, procedimentos estéticos e mais. Gshow, 07/12/2022. Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/gkay-antes-e-depois-da-fama-fortuna-altura-procedimentos-esteticos-e-mais.ghtml>. Acessado em: 26/08/2024.

¹¹ Idem.

seguintes, ele se consolidou como um evento desejado entre influenciadores, bem como para os demais usuários da internet, sendo realizado a cada dezembro¹². Inclusive, o ambiente de libidinagem *dark room*, com total privacidade, sem registros, presente em algumas edições, gerou burburinhos nas redes. Em uma das últimas edições realizadas, no ano de 2023, o dark room ficou de fora após uma reformulação no evento, mas Gkay reuniu aproximadamente 700 convidados e mais de 15 shows para comemorar os seus 31 anos. Uma das celebridades presentes na festa foi o ator do filme "As Branqueelas" (2004), Marlon Wayans¹³. Em 2021, Gkay afirmou que a "Farofa" só fez aumentar ainda mais seu engajamento, o que a permitiu cobrar valores mais altos por um *story* no Instagram, por exemplo, a 40 mil reais¹⁴. Os gastos com o evento são milionários, no primeiro semestre de 2022, Gkay estimava que a "Farofa" daquele ano custaria cerca de 8 milhões de reais¹⁵. Outro exemplo do sucesso do evento é que, para a edição de 2024, a festa foi aberta ao público e na pré-venda, no começo de outubro, os ingressos vendidos a 1,5 mil reais esgotaram em algumas horas¹⁶.

Ao longo dos anos produzindo conteúdo para a internet, Gkay acumula diversos episódios polêmicos, com manifestações, atitudes e formas de vestimenta tidos como equivocados ou exagerados pelos internautas, se tornando, portanto, alvo de ataques. A influenciadora esteve presente em alguns momentos que geraram reações, tais como

¹² VIANA, Victor. Por que a Gkay é famosa? Descubra a resposta para esta e mais perguntas mais populares sobre a dona da 'Farofa'. Purepeople, 05/12/2023. Disponível em:

https://www.purepeople.com.br/noticia/por-que-a-gkay-e-famosa-conheca-a-historia-da-influenciadora-responsavel-pelo-phenomeno-farofa-da-gkay_a385560/1#:~:text=Em%202017%2C%20ela%20criou%20a.do%20p%C3%ABlico%20e%20da%20m%C3%ADdia.. Acessado em: 03/08/2024.

¹³ Farofa da Gkay é confirmada para edição em 2024: 'Será diferenciada'. Gshow, 07/12/2023. Disponível em:

<https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/farofa-da-gkay-e-confirmada-para-edicao-em-2024-sera-diferenciada.ghtml#>. Acessado em: 03/08/2024.

¹⁴ VIANA, Victor. Por que a Gkay é famosa? Descubra a resposta para esta e mais perguntas mais populares sobre a dona da 'Farofa'. Purepeople, 05/12/2023. Disponível em:

https://www.purepeople.com.br/noticia/por-que-a-gkay-e-famosa-conheca-a-historia-da-influenciadora-responsavel-pelo-phenomeno-farofa-da-gkay_a385560/1#:~:text=Em%202017%2C%20ela%20criou%20a.do%20p%C3%ABlico%20e%20da%20m%C3%ADdia.. Acessado em: 03/08/2024.

¹⁵ MUNIZ, Flávia. Farofa de milhões: Gkay revela custo da próxima edição do evento. Gshow, 19/05/2022. Disponível em:

<https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/farofa-de-milhoes-gkay-revela-custo-da-proxima-edicao-do-evento.ghtml#>. Acessado em: 03/08/2024.

¹⁶ Farofa da Gkay vai ser aberta ao público pela primeira vez e ingressos de R\$ 1,5 mil esgotam em horas. G1 CE, 10/10/2024. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2024/10/10/farofa-da-gkay-vai-ser-aberta-ao-publico-pela-primeira-vez-e-ingressos-de-r-15-mil-esgotam-em-horas.ghtml>. Acessado em 12/10/2024.

quando expulsou o humorista Tirulipa, da "Farofa da Gkay" de 2022, após um episódio de assédio. A decisão por expulsar Tirulipa, seu amigo de muitos anos, não foi bem vista por famosos e por internautas. Depois disso, segundo o site do Jornal EXTRA, o humorista deixou de segui-la nas redes sociais¹⁷. Em uma entrevista a um podcast, Tirulipa disse que nunca houve inimizade, que a situação foi tumultuada e que ele quem se retirou da festa¹⁸. Este não foi o primeiro caso em que Gkay perdeu um amigo de anos, pelo menos por um determinado tempo: Carlinhos Maia e Whindersson Nunes são alguns que também fazem parte desta lista, mas que já voltaram a ter contato com Gkay¹⁹.

O ano de 2022 também contou com notícias que acusavam Gkay de ataques de estrelismo durante a filmagem do filme "Um Natal Cheio de Graça", da Netflix. Segundo matéria veiculada no site do Jornal EXTRA, uma pessoa do setor de Recursos Humanos da produtora do filme precisou acompanhar as gravações para que não houvesse assédio moral por parte de Gkay. Também houve relatos de atrasos de quase cinco horas da influenciadora para chegar ao set²⁰.

O fim do ano de 2022 ainda é marcado pelo episódio mais emblemático, que resultou em seu "cancelamento", após a participação no programa *Lady Night*, de Tatá Werneck, da Globo. O *talk show* recebe celebridades para um bate-papo com muitas brincadeiras e bom-humor, conforme resume a sinopse disponível no Globoplay²¹. Nos episódios a apresentadora entrevista famosos, que participam de quadros que recebem nomes baseados em suas vidas em forma de trocadilhos. Gkay

¹⁷ Gkay e as polêmicas em 2022: além de Fábio Porchat, outros famosos detonaram a atriz que teve nome envolvido em muitas tretas. Extra, 27/12/22. Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/gkay-as-polemicas-em-2022-alem-de-fabio-porchat-outros-famoso-s-detonaram-atriz-que-teve-nome-envolvido-em-muitas-tretas-25633910.html>. Acessado em: 03/08/2024.

¹⁸ Tirulipa fala sobre amizade com Gkay e nega expulsão da 'Farofa' por assédio: 'Eu que me retirei'. Extra, 01/06/2023. Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/noticia/2023/06/tirulipa-fala-sobre-amizade-com-gkay-e-nega-expu-lsao-da-farofa-eu-que-me-retirei.ghtml#>. Acessado em: 03/08/2024.

¹⁹ Gkay e as polêmicas em 2022: além de Fábio Porchat, outros famosos detonaram a atriz que teve nome envolvido em muitas tretas. Extra, 27/12/22. Disponível em: <https://extra.globo.com/famosos/gkay-as-polemicas-em-2022-alem-de-fabio-porchat-outros-famoso-s-detonaram-atriz-que-teve-nome-envolvido-em-muitas-tretas-25633910.html>. Acessado em: 03/08/2024.

²⁰ Idem.

²¹ Informações retiradas do site do *streaming* Globoplay, na página destinada ao programa *Lady Night*, disponível em: <https://globoplay.globo.com/lady-night/t/8sgfsb8qRH/detalhes/>

foi a convidada do sexto episódio da sétima temporada do programa, veiculado pela primeira vez no dia 29 de novembro de 2022. A duração da participação, na primeira parte do episódio, foi de pouco mais de 27 minutos. O *talk show* ainda conta com a participação do cantor Jão, em sua segunda parte. Atualmente, a temporada completa e o episódio em questão estão disponíveis no *streaming* Globoplay, da TV Globo²². Agora, vamos nos concentrar em analisar a presença de Gkay no programa e como isso resultou em seu cancelamento.

Como de praxe no programa da apresentadora Tatá Werneck, o convidado entra e sai por uma porta em forma de elevador. Antes do início, a apresentadora introduz o convidado que está por vir. Tatá apresentou Gkay normalmente, com algumas informações sobre a carreira e vida da influenciadora, mas logo na entrada, Gkay já parece demonstrar certa insegurança, com tentativas de "se fazer" perdida e danças exageradas. Outro aspecto que chama atenção é como Gkay estava vestida e sua maquiagem: a influenciadora usou uma roupa que cobre todo o corpo na cor preta, e sua maquiagem bem marcada também na cor preta. Em 01 de julho de 2022, antes do programa ir ao ar, no perfil do Instagram, Gkay publicou fotos em que mostra a roupa e maquiagem escolhidas para a participação no talk show de Tatá Werneck²³ (Figura 2).

²² O 6º episódio da 7ª temporada de "Lady Night" está disponível em:

<https://globoplay.globo.com/v/11147403/>

²³ Publicação do perfil do Instagram de Gkay mencionada disponível em:

https://www.instagram.com/p/CffUfY0ttW/?utm_source=ig_web_button_share_sheet

Figura 2 - Publicação mostra como Gkay foi vestida para o programa



Fonte: Perfil de Gkay no Instagram

Como apresentado no capítulo anterior, quando um indivíduo está diante do outro, ele considera a situação na qual está inserido para tomar decisões. A isso William Isaac Thomas (2005) define como "definição de situação". Outros autores como Erving Goffman (2011; 2014) e Howard Becker (2019) também trazem em seus estudos essa percepção como um ponto importante na interação social, uma vez em que se é preciso entender o contexto no qual está sendo inserido para, a partir disso, escolher a melhor maneira a seguir. Por exemplo, para Goffman, os indivíduos são atores sociais que, quando interagem, estão imediatamente assumindo algum papel, como numa peça de teatro. Como até aqui mostrado, em cada um desses encontros, uma série de mecanismos é utilizada para que haja uma conversa e esses indivíduos sempre estarão em uma situação de representação (Goffman, 2011; 2014).

Outro ponto dos estudos de Goffman que também é possível trazer para a discussão é a escolha pela linha que será adotada na interação social e sua manutenção, portanto, manter a fachada (trabalho de face). Essas linhas de ação só são possíveis de serem constituídas e realizadas graças às informações iniciais acerca de tal participante da interação. No entanto, vale destacar que não necessariamente os indivíduos são totalmente verdadeiros com o que transmitem ou emitem, ou seja, é possível a manipulação da impressão que se interessa e quer transmitir. E que emitir não necessariamente representa o que gostaríamos de mostrar ao outro (Goffman, 2014).

Agora, retomamos à participação de Gkay no programa *Lady Night*: a influenciadora desde o começo da atração adota uma linha que acaba não agradando aos telespectadores e que também parece não ser a esperada por Tatá Werneck, o que gera um comportamento desproporcional por parte de Gkay, que resulta em uma sensação de constrangimento. Percebe-se, nas inúmeras tentativas de Gkay de aprovação na interação, que ela busca o riso da apresentadora ou da plateia como uma espécie de validação.

Diante disso, vale a retomada aos estudos de Goffman, que afirma que quando a pessoa entende que está com a fachada (trabalho de face) de forma coerente, ela fica confiante. No entanto, quando sente que está com a errada, ela se sente envergonhada, inferior (Goffman, 2011; 2014).

Durante toda a participação de Gkay, é perceptível a tentativa de forçar situações que possam ser vistas como engraçadas pelo público. No entanto, na maioria das vezes, as tentativas foram frustradas. Em pelo menos três momentos Gkay citou outros famosos, como Tirulipa, Whindersson Nunes, a cantora Anitta e o jogador de futebol Neymar, com comentários que envolviam cunho sexual e que não ficavam claros se eram ou não histórias verídicas. O comportamento da influenciadora durante toda a entrevista também não pareceu, para o público, dos mais adequados, apesar da liberdade a qual o programa bem-humorado permite. Em muitas ocasiões, Gkay faz movimentos e posições de cunho sexual. Ela também continuamente fala de maneira extremamente alta,

como se estivesse gritando, e, quase sempre, corta as falas de Tatá Werneck, principalmente no começo do episódio.

Em entrevista ao jornalista Léo Dias, do Metrôpoles, em março de 2023, Gkay comentou sobre a participação no programa, e afirmou que estava eufórica e que acabou agindo sem pensar: "minha ídola, minha ídola, meu Deus, estou com a minha ídola, tô com a minha ídola, ela está interagindo comigo, ela tá aqui perto"²⁴. Essa declaração reforça novamente a percepção de que Gkay estava tentando manipular a impressão e se adequar à situação, mas obteve uma escolha que não agradou, pelo menos, à maioria dos telespectadores que a assistiram. É possível afirmar, com base nos estudos de Goffman aqui já apresentados, que a adoção da linha pela qual a influenciadora optou durante a participação não foi coerente. Por ser uma humorista, acreditamos que pudesse já ser esperado pelo público trocadilhos, piadas e comportamentos mais "inflamados", no entanto estes se apresentaram fora do tom, gerando desconforto.

É importante também reforçar que, como se trata de um programa de televisão, a reverberação do episódio pode ser vista como algo benéfico mesmo que a situação ocorrida tenha sido estranha ao público. Vale ressaltar se tratar de um jogo entre as duas partes que participavam do *talk show*, uma vez que Tatá Werneck também instiga Gkay em certos momentos, até por conta da possibilidade da existência de um roteiro ou apenas para ver até onde iria a influenciadora. Apesar disso, em vários momentos a réplica de Gkay parece surpreender a apresentadora. Pelo menos, foi como o público interpretou o episódio.

A participação pareceu ainda mais constrangedora no final do episódio, em que a apresentadora parece esboçar certo descontentamento com a postura da artista, mas sempre blindada pelo fator irônico que o humor permite. O ápice do desconforto aparece a partir do momento em que Gkay questiona Tatá Werneck sobre as perguntas realizadas, com a sequência de respostas ainda mais desconexas. Tatá

²⁴ GOMES, Karol. Gkay explica comportamento no programa da Tatá Werneck: "Foi louco". Metrôpoles, 24/03/2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/leo-dias/gkay-explica-comportamento-no-programa-da-tata-werneck-foi-louco#:~:text=Gkay%20explicou%20que%20ficou%20euf%C3%B3rica.eu%20ia%20ver%20a%20Tat%C3%A1..> Acessado em: 03/08/2024.

provoca a convidada e, em um dos momentos, até finge ligar para Clara Maria, sua filha, afirmando que Clara “teria que aprender a cozinhar sozinha porque ela estava entrevistando Gkay e não teria tempo para educá-la”. Em seguida, Gkay toma um gole de água da caneca, Tatá brinca dizendo que não tinha água e, em seguida, Gkay cospe a água (Figura 3; Figura 4). No fim do episódio, são muitos momentos de tentativas de Tatá para que Gkay fosse embora para encerrar a participação. Inclusive, em determinado momento, Gkay chega a até voltar para o sofá depois de ter sido levada até o elevador/porta (Figura 5; Figura 6).

Figura 3 - Captura de tela de Gkay tomando água na caneca



Fonte: Globoplay

Figura 4 - Captura de tela de Gkay cuspiendo água



Fonte: Globoplay

Figura 5 - Captura de tela de uma das tentativas de Tatá Werneck levar Gkay até o elevador/saída



Fonte: Globoplay

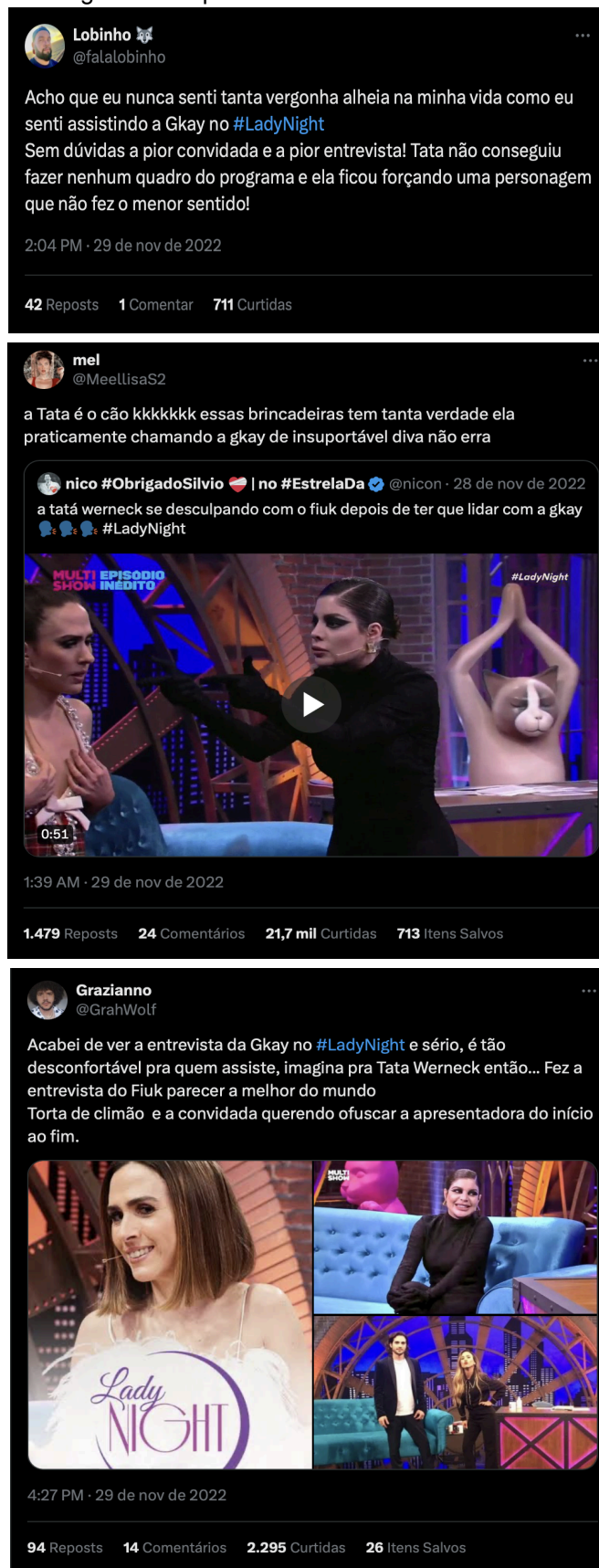
Figura 6 - Captura de tela que mostra Gkay, no elevador/saída, pedindo para voltar ao programa



Fonte: Globoplay

A partir de Howard Becker, com os estudos da Sociologia do Desvio, entende-se como desviante aquele que sofre com as consequências de infringir as regras constituídas pelo grupo social. Vale lembrar que, para Becker, o desviante é aquele quem recebe esse rótulo e o comportamento desviante é o comportamento rotulado como desviante (Becker, 2019). Desta forma, o autor reforça que as pessoas avaliam umas às outras, assim como avaliam como essa avaliação pode afetar o prestígio e a sua posição. Ou seja, ao encarar o desvio como uma ação coletiva, Becker afirma que vemos perfeitamente o quão atentas as pessoas estão às reações dos outros. Isso ajuda a compreender o porquê da conduta de Gkay ter gerado tanto incômodo.

Alguns dos *tweets* que circularam após a participação de Gkay no programa de Tatá Werneck ajudam a entender esse incômodo a partir do relato de desconforto depois de assistirem ao episódio. O número de curtidas e compartilhamentos (*reposts*) nestas publicações também reforçam que a opinião desses usuários não é algo isolado (Figura 7).

Figura 7 - Captura de tela de *tweet* de usuário

Fonte: Twitter, atual X

Logo depois da participação da influenciadora do *talk show* a repercussão foi imensa nas redes sociais. O assunto chegou até o quadro "Melhores do Ano", do programa apresentado por Luciano Huck, o "Domingão com Huck", que premia os melhores artistas da Globo e da música pelos trabalhos realizados durante o ano, exibido em 25 de dezembro de 2022. Durante a premiação, o ator e humorista Fábio Porchat fez menção à participação de Gkay no programa de Tatá Werneck e sugeriu que "o apresentador Jô Soares poderia ter preferido nos deixar para não ter que entrevistar a influenciadora"²⁵, fazendo referência à morte recente do comediante, três meses antes. Como resposta, Gkay utilizou a rede social Twitter (atual X), onde afirmou que a fala a feria e que não sabia o que fazia para que as pessoas a odiassem tanto²⁶. Por sua vez, Porchat não pediu desculpas e publicou um vídeo em que apontava outras ocasiões em que o comportamento de Gkay chamou atenção, além de mencionar relatos de colegas de trabalho de que ela seria uma pessoa difícil de lidar nos bastidores. A publicação do vídeo de Porchat foi realizada no dia 26 de dezembro de 2022²⁷, com repercussão nos veículos de mídia. Logo, publicações antigas de Gkay no Twitter foram recuperadas por usuários, com declarações polêmicas da influenciadora. Uma matéria do site do Jornal O Globo, de 28 de dezembro de 2022, mencionou que, depois do resgate de publicações, o perfil de Gkay na rede social foi excluído e que estava fora do ar desde a madrugada de 27 de dezembro de 2022. O perfil no Twitter, ainda segundo a matéria, tinha 4,7 milhões de seguidores²⁸.

²⁵ GADELHA, Isabela. Gkay volta às redes sociais depois de "cancelamento": "Buscar evoluir". CNN Brasil, 20/01/2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/gkay-volta-as-redes-sociais-depois-de-cancelamento-buscar-evoluir/#:~:text=WW-,Gkay%20volta%20%C3%A0s%20redes%20sociais%20depois,cancelamento%E2%80%9D%3A%20%E2%80%9CBuscar%20evoluir%E2%80%9D&text=A%20influenciadora%20digital%20Gkay%20voltou,entender%20e%20evoluir%20em%202023>. Acessado em: 03/08/2024.

²⁶ Idem.

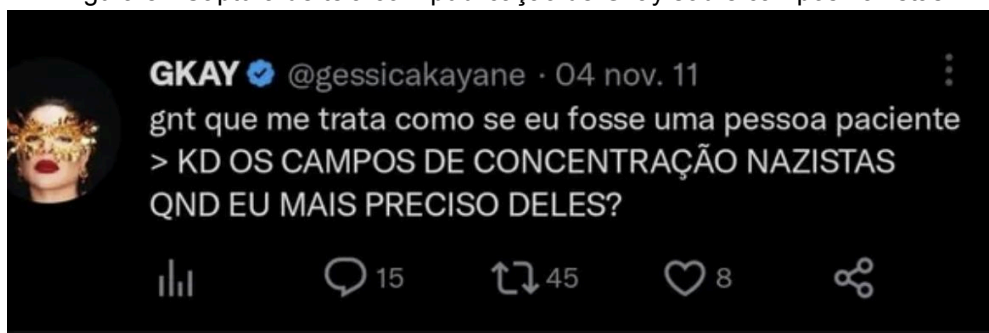
²⁷ Fabio Porchat se pronuncia após polêmica com Gkay: 'Minha piada não tem nada de humilhante'. Gshow, 27/12/2022. Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/fabio-porchat-se-pronuncia-apos-polemica-com-gkay-minha-piada-nao-tem-nada-de-humilhante.ghtml>. Acessado em: 10/08/2024.

²⁸ Perfil de Gkay no Twitter é desativado após usuários resgatarem posts polêmicos. O Globo, 28/12/2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2022/12/perfil-de-gkay-no-twitter-e-desativado-apos-usuarios-resgatarem-posts-polemicos-de-sua-autoria.ghtml#>. Acessado em: 03/08/2024.

Seu perfil no Twitter continua desativado. Com base na matéria do Jornal O Globo, que trouxe capturas de tela de algumas das publicações resgatadas pelos usuários, é possível exemplificarmos um pouco do conteúdo que foi criticado²⁹.

A matéria do Jornal O Globo afirma que uma das publicações que teriam sido realizadas por Gkay, em novembro de 2011, se referia a campos de concentração nazistas³⁰ (Figura 8).

Figura 8 - Captura de tela com publicação de Gkay sobre campos nazistas



Fonte: Jornal O Globo, a partir de *tweet* de Gkay

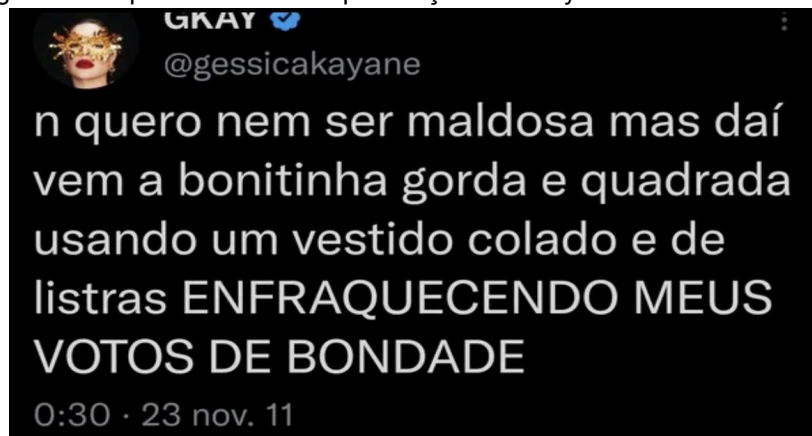
Em outra publicação da influenciadora resgatada por usuários e que também pudemos ter acesso, a partir da matéria do Jornal O Globo, é a que Gkay aparece criticando uma mulher por seu corpo e a roupa que vestia. No Twitter, os usuários apontaram como sendo gordofobia por parte da influenciadora³¹. Essa publicação também é de novembro de 2011 (Figura 9):

²⁹ Idem.

³⁰ Idem.

³¹ Perfil de Gkay no Twitter é desativado após usuários resgatarem posts polêmicos. O Globo, 28/12/2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2022/12/perfil-de-gkay-no-twitter-e-desativado-apos-usuarios-resgatarem-posts-polemicos-de-sua-autoria.ghtml#>. Acessado em: 03/08/2024.

Figura 9 - Captura de tela com publicação de Gkay sobre sistema de cotas



Fonte: Jornal O Globo, a partir de *tweet* de Gkay

O resgate de publicações antigas é uma prática presente no "cancelamento" de quem comete algo considerado inadequado, uma vez que é utilizada como uma forma de reiterar a perseguição que está sendo realizada. A "Cultura do Cancelamento" está muito ligada ao conceito de linchamento virtual. De acordo com Fellipe Sá Brasileiro e Jade Vilar de Azevedo (2020), o *modus operandi* dessa prática "se caracteriza por publicações em série, e quase que simultâneas, de diversos internautas e veículos de mídia distintos contra um sujeito" (Brasileiro; De Azevedo, 2020, p.84). Ou seja, para Eliane Freitas (2017), essas sucessivas publicações complementam a primeira falha. Ainda segundo a autora, o tripé do linchamento virtual está na denúncia, no julgamento e na punição (Freitas, 2017). As abordagens sobre linchamento virtual e julgamento serão melhor exploradas mais à frente nesta pesquisa.

Em seguida a todos os acontecimentos citados anteriormente, Gkay preferiu se afastar das redes sociais por cerca de 1 mês. O retorno aconteceu em janeiro de 2023 e foi marcado por uma publicação com fotos de Gkay com a família e amigos, em um local que remete a um sítio. A legenda da publicação mostrava que a influenciadora buscava "equilíbrio" para o novo ano e que 2023 havia começado com uma "tempestade dolorosa, mas necessária"³².

De acordo com os dados levantados da ferramenta *Google Trends* para esta pesquisa, nos últimos 5 anos, o aumento de maior interesse

³² Informações retiradas de publicação em rede social. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CnpP_kYO4PR/?igsh=dXBobDdzNzFzamNo

sobre o termo de pesquisa "Gkay" foi em dezembro de 2022. Neste período, é possível observar dois picos de popularidade do termo: um no período de 04 a 10 de dezembro (semana em que aconteceu a "Farofa da Gkay" de 2022), com 76 pontos de interesse; e de 25 a 31 de dezembro (semana em que aconteceu a exibição do quadro "Melhores do Ano", onde Porchat mencionou Gkay), com 100 pontos de interesse.

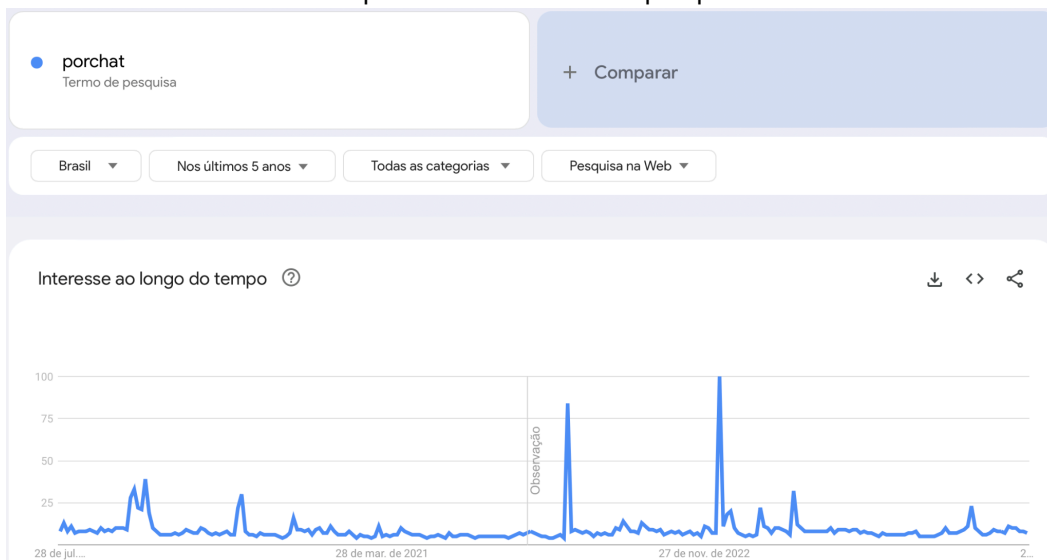
A popularidade dos termos nessa ferramenta é mensurada em uma escala de 0 a 100, onde 0 significa que não há interesse sobre o termo analisado e 100 significa o aumento de maior popularidade do termo pesquisado. O Gráfico 1 ilustra os dados dos últimos 5 anos de interesse pelo termo "Gkay", no Google:



Fonte: Google Trends

O mesmo comportamento no interesse de buscas foi observado no termo de pesquisa "Porchat", no período de 25 a 31 de dezembro de 2022, o que indica a associação com o termo "Gkay". O Gráfico 2 ilustra os resultados:

Gráfico 2 - Popularidade do termo de pesquisa "Porchat"

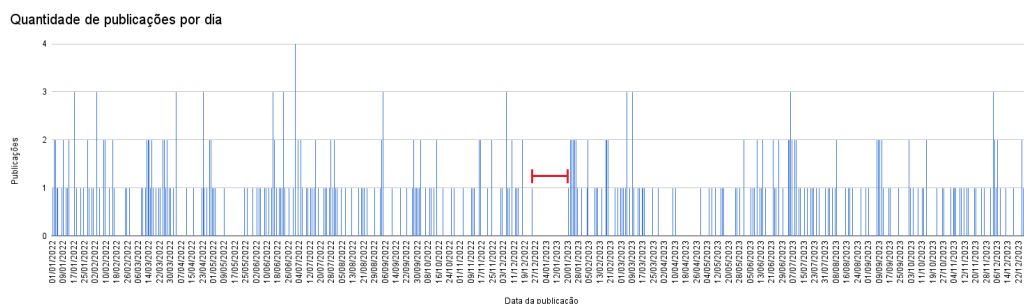


Fonte: Google Trends

Em outro levantamento de dados realizado para esta pesquisa, desta vez tendo como fonte a ferramenta *Crowdtangle*³³, foi possível observar que o período em que Gkay se afastou das redes sociais, do fim de dezembro de 2022 até meados de janeiro de 2023, foi o maior período de hiato da influenciadora em seu perfil no Instagram. A última publicação foi realizada em 24 de dezembro de 2022 e o retorno às redes foi em 20 de janeiro de 2023, totalizando 26 dias de intervalo. O Gráfico 3 mostra o hiato de Gkay nas redes sociais, representada pela barra em vermelho:

³³ *Crowdtangle* é uma ferramenta da empresa Meta, proprietária do Facebook e do Instagram. A ferramenta era gratuita e disponível para acesso de jornalistas, pesquisadores e produtores de conteúdo, porém sua atividade foi encerrada em 14 de agosto de 2024.

Gráfico 3 - Quantidade de publicações do perfil da Gkay por dia, no Instagram



Fonte: Produção própria

Ainda segundo a ferramenta, entre todas as publicações disponíveis no perfil da influenciadora no momento desta pesquisa na *Crowdtangle* - realizada entre julho e agosto de 2024 -, o único período anterior ao hiato mencionado anteriormente em que houve maior intervalo entre publicações foi entre as duas primeiras fotos encontradas no perfil da influenciadora, que datam de agosto e setembro de 2014, com intervalo de 32 dias.

Outro dado também interessante sobre o perfil de Gkay no Instagram é sobre o número de seguidores. De acordo com a ferramenta *Crowdtangle*, durante o período de ausência da influenciadora das redes sociais, de 24 de dezembro de 2022 até 20 de janeiro de 2023, houve a perda de mais de 110 mil seguidores. Vale destacar o dia 27 de dezembro, dia seguinte à publicação do vídeo de Fábio Porchat reforçando as críticas à influenciadora, quando Gkay então perdeu 31.451 seguidores. Após a volta, Gkay continuou perdendo seguidores. Os dados refletem o quanto esses episódios impactam diretamente a vida de quem está no centro das polêmicas, também afetando o cotidiano para além do ambiente da internet.

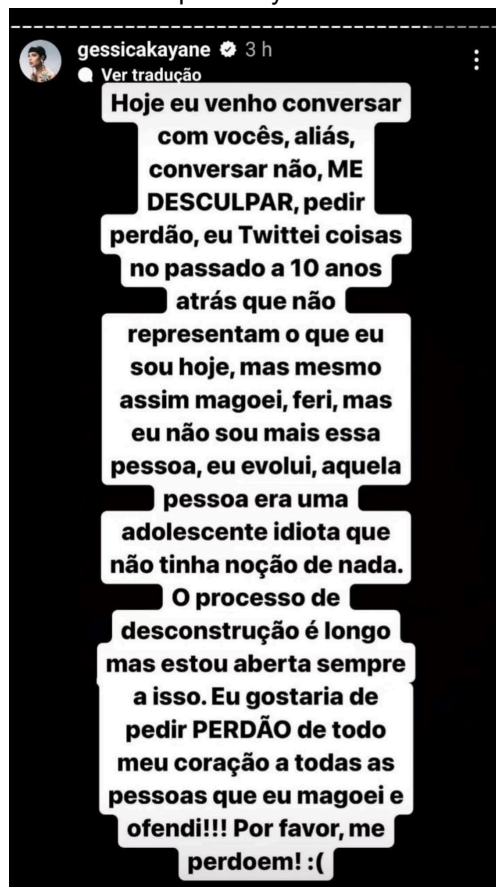
Gkay volta às redes sociais on-line reconhecendo que o período em que passou foi necessário para a sua construção. Um detalhe que chama atenção neste retorno é que houve uma total remodelagem de imagem, com o uso de roupas e maquiagem menos chamativas, com uma espécie de comunicação mais branda - o que não era um padrão observado em seus perfis nas redes sociais e nem em eventos e entrevistas que ela costumava participar.

Para Fellipe Sá Brasileiro e Jade Vilar de Azevedo (2020), perda de fachada, como Goffman teoriza, pode estar associada à punição no ambiente digital a partir do linchamento virtual. Os autores destacam que, a partir disso, toda uma espécie de ecossistema com elementos associados se forma a fim de julgar a pessoa que errou, como em um tribunal. Além disso, os autores sinalizam que as vítimas costumam realizar um pedido de desculpas nessas situações. Brasileiro e De Azevedo atribuem esse movimento à perspectiva apresentada por Goffman como "busca pela fase da oferta do ciclo corretivo padrão", que sofre uma omissão dos "tribunais digitais", provocando desta forma uma busca do indivíduo que perdeu a fachada por alternativas próprias para retomar as interações em normalidade (Brasileiro; De Azevedo, 2020, p.88-91). Neste sentido, os autores pontuam que há uma reconfiguração de face do indivíduo", já que "a virtualidade penetra tão forte na realidade material, que punir a projeção virtual da mesma é infligir uma punição para a face do ser-no-mundo" (Brasileiro; De Azevedo, 2020, p.91).

O momento "fora da internet" de Gkay pode ser aqui entendido como um período, portanto, de adaptação às turbulências pelas quais passou e também ao dano causado diante da dimensão da repercussão e dos sucessivos elementos que surgiram a partir da participação desastrosa no *talk show*. Sobre as publicações do Twitter realizadas por Gkay e revividas por usuários, a influenciadora pediu desculpas e disse "não ser mais a mesma pessoa". Uma matéria do site Metrôpoles, de abril de 2023, registrou o momento em que a influenciadora colocou a declaração nos stories do Instagram³⁴ (Figura 10).

³⁴ VICTOR, João. Gkay pede perdão por declarações do passado: "Não sou a mesma pessoa". Metrôpoles, 28/04/2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/leo-dias/gkay-pede-perdao-por-declaracoes-do-passado-nao-sou-a-mesma-pessoa#>. Acessado em: 06/08/2024.

Figura 10 - Captura de tela em que Gkay diz "não ser mais a mesma pessoa"



Fonte: Metrôpoles, captura de tela de story realizado por Gkay no Instagram

Outro ponto que também chama atenção neste retorno é a relação com a aparência. Em março de 2023, em uma declaração durante a presença no Prêmio JK Rio 2023, no hotel Copacabana Palace, Gkay disse que depois que retirou o preenchimento labial, que julgou estar exagerado, também notou exageros em outras partes do corpo: "Às vezes a gente se perde no exagero, aquela pressão estética... Calhou de tudo isso, de eu voltar para mim. Eu diria que voltei para mim"³⁵. Na matéria do Gshow que trouxe a declaração, Gkay ainda disse se sentir "muito melhor" e mais confiante com sua aparência.

O *rebranding*³⁶ de Gkay foi bem-aceito pelo público da internet que a acompanhava, que chegou a elogiar a postura da influenciadora em algumas ocasiões. Podemos definir como um resultado positivo, apesar

³⁵ MONTEIRO, Patrick. Gkay admite que se 'perdeu no exagero' com procedimentos por conta de pressão estética. Gshow, 01/03/2023. Disponível em: <https://gshow.globo.com/moda-e-beleza/noticia/gkay-admite-que-se-perdeu-no-exagero-com-procedimentos-por-conta-de-pressao-estetica.ghtml#>. Acessado em: 26/08/2024.

³⁶ *Rebranding* pode ser entendido como um jargão publicitário utilizado para definir quando empresas ou personalidades fazem ajustes da forma como se colocam para o público.

da perda de seguidores, porque houve toda uma reconstrução na imagem e também eventos que se sucederam e que reforçam um possível sucesso. Um exemplo disso é que, em janeiro de 2024, no Instagram, Gkay aparece em uma foto ao lado de Anna Wintour, editora-chefe da Revista Vogue, na Semana de Moda de Paris³⁷. Em diversos registros em seu perfil na rede social, a influenciadora mostra ambientes em que se faz presente, situações da vida cotidiana, lugares aos quais visitou ou viajou, além de publicidades e trabalhos que tem realizado. No entanto, o perfil do Twitter que foi excluído assim permanece. A influenciadora não está mais presente nesta rede social.

O novo posicionamento reflete o impacto do "cancelamento" na conduta de quem é cancelado. Entre as faces que podemos inferir estão: o risco do apagamento de carreira e a adequação do discurso. Aqui, Gkay mostra que conseguiu se adequar ao discurso que seus críticos impunham, ou seja, a conduta aguardada que não foi realizada pela influenciadora, que gerou uma perda de fachada (trabalho de face), como podemos compreender com o que foi até aqui exposto. A partir do momento em que a escolha para a performance não é bem-sucedida, há sanções. Diante disso, aparece a enxurrada de reações ocasionando em forte ataque nas redes sociais. Apesar de momentos em que pôde se posicionar, a escolha por Gkay de se ausentar das redes para entender o que havia acontecido, foi acertada, afinal, com toda a mudança e com o retorno, criou-se expectativa e, consequentemente, engajamento. A mudança de perspectiva da influenciadora também pode ser notada, conforme mostramos no começo deste capítulo, quando no começo de 2023, Gkay dá uma declaração sobre a remoção de procedimentos estéticos que julgou como exagerados. Quando a influenciadora afirma que considerou alguns de seus procedimentos exagerados, abre-se uma margem para a interpretação, com base em Goffman, sobre a mudança de postura, assumindo, portanto, o equívoco na linha adotada que cometia até então e que não era bem-aceita pelo público. O tom adotado para esta volta revela um novo tipo de alinhamento, que é positivo. Isso representa

³⁷ Informações retiradas de publicação em rede social. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2ZllvBlvfl/?igsh=MTI5amNtdXg2enRq>

uma conduta que foi bem-recebida. No entanto, a vigilância, o "monitoramento" do outro, permanece. Afinal, é uma característica intrínseca do indivíduo, da interação social.

3.2 Simonal

Wilson Simonal de Castro, mais conhecido como Wilson Simonal, morreu em 25 de junho de 2000, aos 62 anos, vítima de falência múltipla dos órgãos em decorrência de doença hepática crônica (hepatopatia), conforme registrou uma matéria disponível no site do Jornal Folha de São Paulo³⁸. Ele deixou três filhos. Simonal foi um cantor e compositor que fez sucesso principalmente na década de 1960. Ainda segundo a matéria da Folha de São Paulo, ele foi considerado o primeiro "pop star" negro³⁹. No entanto, o artista que teve uma ascensão meteórica, com direito a sucessos como *País Tropical*, *Nem vem que não tem* e *Mamãe passou açúcar em mim*, que são cantados até hoje por várias gerações, teve uma significativa queda em sua popularidade a partir de 1971⁴⁰. Neste mesmo ano, Simonal foi acusado de associação com a Ditadura Militar, e de utilizar agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), um órgão de repressão do período, para sequestrar e ameaçar seu ex-contador, que desconfiava ser responsável por um desfalque em sua fortuna, segundo uma matéria publicada no G1⁴¹. Com isso, inúmeras matérias foram veiculadas na imprensa da época associando o cantor ao regime, o que gerou rejeição da indústria e também da opinião pública⁴².

A nova realidade levou Simonal à depressão, com problemas com álcool, negando até a sua morte que delatou alguém para a Ditadura⁴³.

³⁸ Morre aos 62 anos o "rei do suingue". Folha de São Paulo, 26/06/2000. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2606200023.htm#:~:text=Paulo%20%2D%20Wilson%20Simonal%3A%20Morre%20aos.%22%20%2D%2026%2F06%2F2000&text=O%20cantor%20Wils on%20Simonal%20de.doen%C3%A7a%20hep%C3%A1tica%20\(hepatopatia\)%20cr%C3%B4nica.](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2606200023.htm#:~:text=Paulo%20%2D%20Wilson%20Simonal%3A%20Morre%20aos.%22%20%2D%2026%2F06%2F2000&text=O%20cantor%20Wils on%20Simonal%20de.doen%C3%A7a%20hep%C3%A1tica%20(hepatopatia)%20cr%C3%B4nica.) Acessado em: 10/08/2024.

³⁹ Idem.

⁴⁰ PRADO, Carol. História de Simonal, retratada em filme, atiza debate sobre artistas 'cancelados' pela opinião pública. G1, 08/08/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2019/08/08/historia-de-simonal-retratada-em-filme-atiza-debate-sobre-artistas-cancelados-por-opinioao-publica.ghtml#>. Acessado em: 10/08/2024.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

⁴³ Idem.

Aos 62 anos, o cantor não se conformava por terem fracassado todas as tentativas de voltar ao sucesso ou pelo menos para ter novo espaço⁴⁴. Atualmente, nas redes sociais e em alguns sites, há o questionamento se Simonal não teria sido o primeiro "cancelado" do Brasil⁴⁵.

Muito se fala até os dias de hoje sobre o episódio que culminou no esquecimento ou apagamento de carreira de Simonal. Em agosto de 2019, foi lançada a cinebiografia intitulada *Simonal*, dirigida por Leonardo Domingues. O trabalho recebeu como sinopse o seguinte texto: "Dono de voz marcante, carisma encantador e charme irresistível, Wilson Simonal (Fabrício Boliveira) nasceu para ser uma das maiores vozes de todos os tempos da música brasileira. No entanto, após anos de sucesso conquistado com muito trabalho, suas finanças descontroladas o levam a, num rompante de ignorância, tomar decisões que marcarão para sempre sua carreira"⁴⁶.

Uma matéria do G1 sobre a cinebiografia afirma que o filme sustenta que o racismo potencializou as reações diante do episódio de 1971 e também reafirma como mentirosos os boatos que circularam depois deste episódio, em que Simonal teria denunciado colegas da música também ao DOPS, algo nunca comprovado. O filme também levanta outros pontos que contribuíram para que a imagem do cantor fosse abalada, como diferentes artistas que usaram produções de Simonal para contestar o regime e também a fama das músicas que exaltavam o Brasil, como *País Tropical*⁴⁷. E, além disso, outro ponto é o desinteresse de Simonal em se posicionar politicamente como de esquerda ou direita⁴⁸.

Nunca foi comprovado nenhum caso de delação de Simonal, mas para contribuir ainda mais com o burburinho da época, a amizade com

⁴⁴ Simonal, a voz, a magia, o silêncio. G1, 06/08/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/blog/joao-maximo/post/2019/08/06/simonal-a-voz-a-magia-o-silencio.ghtml>. Acessado em: 10/08/2024.

⁴⁵ PRADO, Carol. História de Simonal, retratada em filme, atíça debate sobre artistas 'cancelados' pela opinião pública. G1, 08/08/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2019/08/08/historia-de-simonal-retratada-em-filme-atice-debate-sobre-artistas-cancelados-por-opiniao-publica.ghtml#>. Acessado em: 10/08/2024.

⁴⁶ Sinopse da cinebiografia "Simonal" disponível por meio do site AdoroCinema, disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-253498/>. Acessado em: 10/08/2024.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Idem.

peessoas no DOPS e o livre acesso a pontos onde opositores ao regime não podiam entrar, por exemplo, reforçaram ainda mais as suposições⁴⁹.

De acordo com outra matéria do G1 que se refere ao cantor, no documentário *Simonal - Ninguém Sabe o Duro que Dei* (2009), em musicais, em shows, em biografias em livros e, até mesmo na cinebiografia mais recente, o brilho do artista perde para o drama do ostracismo⁵⁰.

Numa das matérias durante o lançamento da cinebiografia, um dos filhos de Simonal, Max de Castro, que também é músico, afirmou que o filme era importante porque mostrava "que dá para destruir uma pessoa, uma família, por algo que pode ser uma convicção ou simplesmente um comentário"⁵¹.

Em fevereiro de 2017, um álbum de Simonal chegou às plataformas digitais, 42 anos depois da edição original, com as mesmas 10 músicas do LP de 1975, lançado pelo cantor em um período próximo de todo o ocorrido. Naquele momento, o cantor se encontrava isolado no meio artístico, mas conseguiu gravar o álbum que foi intitulado de *Ninguém proíbe o amor*, com características de um trabalho mais introspectivo e até mesmo melancólico, efeito da "solidão amargada" na época, conforme afirmou uma outra publicação do G1⁵².

De acordo com uma matéria veiculada no site Terra, o desespero de Simonal para provar não ter relação direta com o DOPS era tanto, que duas décadas depois de ter a carreira prejudicada pela suspeita de ser informante do órgão de repressão, o cantor, em abril de 1991, enviou um requerimento à Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) da Presidência da República, em tom angustiado, pedindo a comprovação de que ele

⁴⁹ Simonal, a voz, a magia, o silêncio. G1, 06/08/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/blog/joao-maximo/post/2019/08/06/simonal-a-voz-a-magia-o-silencio.ghtml>. Acessado em: 10/08/2024.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ PRADO, Carol. História de Simonal, retratada em filme, atíça debate sobre artistas 'cancelados' pela opinião pública. G1, 08/08/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2019/08/08/historia-de-simonal-retratada-em-filme-atica-debate-sobre-artistas-cancelados-por-opiniao-publica.ghtml#>. Acessado em: 10/08/2024.

⁵² FERREIRA, MAURO. Álbum introspectivo e triste feito por Simonal em 1975 ganha edição digital. G1, 12/02/2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/musica/blog/mauro-ferreira/post/album-introspectivo-e-triste-feito-por-simonal-em-1975-ganha-edicao-digital.html#:~:text=Intitulado%20Ningu%C3%A9m%20pro%C3%ADbe%20o%20amor,m%C3%BAsicas%20do%20LP%20de%201975..> Acessado em: 10/08/2024.

nunca teria sido um colaborador do regime militar. Na época, o governo em questão era o do ex-presidente Fernando Collor. No entanto, ainda segundo a reportagem, Simonal não teve sucesso, só conseguiu que fosse negado oficialmente que ele tivesse tido ligações com o Serviço Nacional de Informações (SNI), uma vez que os dados sobre outros organismos repressivos da Ditadura não estavam sob a guarda da SAE. A matéria ainda cita que a SAE encontrou registros de Simonal como "vigiado". No entanto, a reportagem também cita contra-argumentos sobre a não-colaboração de Simonal com o regime, já que, no Arquivo Nacional, há registros de que o cantor teria pedido ajuda ao DOPS em agosto de 1971⁵³. O fato é que, até hoje, nada foi comprovado sobre a ligação ou não do cantor com o regime repressor.

Para detalhar ainda mais o caso de Wilson Simonal, a partir de agora serão trazidas algumas considerações presentes no documentário *Simonal - Ninguém Sabe O Duro Que Dei*, de 2009, dirigido por Calvito Leal, Cláudio Manoel e Micael Langer. O trabalho não é o mais recente sobre a vida de Simonal, visto que existe a cinebiografia de 2019 sobre a vida do cantor aqui já citada. No entanto, a escolha por trazer as considerações do filme se faz importante por seu caráter documental, afinal estão à disposição depoimentos de personalidades brasileiras que conviveram com o cantor, tais como os filhos de Simonal, Max de Castro e Wilson Simoninha, Nelson Motta, Pelé, Chico Anysio, Tony Tornado, Luiz Carlos Miele, Ziraldo, entre outros.

Atualmente, o documentário pode ser assistido no *streaming* Globoplay, onde é possível encontrar uma sinopse que resume o filme da seguinte forma: "Baseado na vida do cantor e compositor Wilson Simonal, o filme mostra o sucesso do artista durante as décadas de 1960 e 1970 em uma carreira repleta de altos e baixos"⁵⁴.

Logo no começo do documentário, em uma das primeiras entrevistas, aparecem juntos os filhos de Simonal, que introduzem a

⁵³ TOSTA. Wilson. Simonal tentou reabilitação em 1991, mas documentos indicam ligações com o DOPS-GB. Terra, 25/06/2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/musica/simonal-tentou-reabilitacao-em-1991-mas-documentos-indicam-ligacoes-com-o-dops-gb.67c20323c9fcb5740950d61380a3fb7vpg2jb1f.html>. Acessado em: 10/08/2024.

⁵⁴ A sinopse pode ser encontrada no site do streaming Globoplay, disponível em: <https://globoplay.globo.com/simonal-ninguem-sabe-o-duro-que-dei/t/YF1NLVqkfr/?origemId=91698>

história do pai. Eles afirmam que Simonal descobriu a música quando foi para o Exército e que, a partir disso, revelou-se o seu dom de cantar. Durante todo o documentário, o talento de Simonal é relembrado e ressaltado pelos entrevistados. Outro ponto também interessante é a forma como as apresentações do cantor são lembradas, mostrando a irreverência e o diferencial do trabalho do artista. O jornalista Nelson Motta, em uma das entrevistas, destacou o bordão utilizado em tom debochado por Simonal: "alegria, alegria".

É de consenso entre os entrevistados o sucesso que fez o cantor, com direito a comerciais gravados, participações em festivais, apresentações no exterior e com artistas internacionais, além do grande volume de vendas de discos, que incomodava a crítica. No documentário, as falas dos entrevistados também mostram que Simonal sempre reforçou a questão racial e sua história de vida. Os entrevistados também ressaltam o racismo no Brasil durante o período, dos anos 60 e dos anos 70, e que o cantor protestava contra ele a seu modo. Em uma das entrevistas, o cantor negro Tony Tornado afirma que "ele era alto o suficiente, não precisava aceitar o sim senhor, não senhor".

Além disso, conforme mostra o filme, Simonal nunca escondeu que gostava de dinheiro e do sucesso. A popularidade era tão grande que Nelson Motta afirma que, do início dos anos 1960 até a virada para os anos 1970, a carreira de Simonal teve ascensão e que chegou a emparelhar com Roberto Carlos como mais popular, exatamente nos anos 70. Este período é marcado, além da repressão da Ditadura, também pela Copa do Mundo vencida pelo Brasil. Ainda de acordo com relatos do documentário, Simonal era bem próximo da delegação brasileira e tinha uma forte amizade com Pelé.

Para se ter ideia do contexto da Ditadura vivido naquela época, em sua entrevista, o ex-diretor da Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, conhecido como Boni, destacou o radicalismo total do período e que "havia uma suspensão sobre a atitude de todas as pessoas". Em um dos fragmentos de sua entrevista, o cartunista Ziraldo afirmou que "havia o bem e havia o mal" e a ideia de "que quem estava com a Ditadura não prestava". O filho de Simonal, Max de Castro, também ressaltou que "se o

'cara' não protestasse contra, o 'cara' automaticamente era um defensor da causa e concordava com tudo que 'tava' dizendo". Nelson Motta pontuou que "diziam que ele (Simonal) ajudava a Ditadura porque ele fazia com grande competência divertir as massas".

Sobre o episódio em que Simonal é acusado de associação com a Ditadura e de ter denunciado o ex-contador para o regime, o tom da maioria das entrevistas do documentário mostra que o cantor não teria ligação com o governo e também relaciona à questão do preconceito. Os entrevistados duvidam de que Simonal tenha mandado torturar alguém. Em uma sequência de fragmentos de entrevistas, o humorista Chico Anysio afirma que o cantor teria agido "por medo" ao depor à polícia e que, segundo o ator e produtor Luiz Carlos Miele, "ao invés de pedir desculpas disse que estava com os 'homens'". Nelson Motta reforça nessa atitude certa prepotência e arrogância.

Os entrevistados também sinalizam que a imprensa brasileira cooperou para todo o cenário que culminou na perseguição e no descrédito de Simonal. Para Chico Anysio, "a imprensa era a que menos se interessava em esclarecer isso".

Luiz Carlos Miele afirmou que a irreverência e também a "irresponsabilidade" política de Simonal criava um mal-estar. Em uma de suas falas, Boni afirma que o cantor não tinha certa proteção da "rede de simpatia" de outros artistas.

No documentário, o jornal O Pasquim foi citado como um veículo que "detonou" Simonal com as publicações realizadas na época. Segundo o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, o jornal semanal foi fundado no Rio de Janeiro, com a primeira edição datada de 26 de junho de 1969⁵⁵. O veículo fazia parte de uma imprensa chamada alternativa, ou seja, "uma imprensa de natureza basicamente política que visava à manifestação de setores sem acesso à imprensa convencional"⁵⁶. Isso

⁵⁵ Informações sobre o Jornal O Pasquim retiradas da página do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea, da Fundação Getúlio Vargas, disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/6288>

⁵⁶ Informações sobre o Jornal O Pasquim retiradas da página do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea, da Fundação Getúlio Vargas, disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/6288>

demonstra, portanto, os motivos de tanta tensão envolvendo o caso de Simonal.

Corroborando o que alguns dos entrevistados do documentário afirmaram, a título de exemplo, aqui levantamos uma das edições d'O Pasquim, a edição 114, do ano de 1971, veiculada no começo de setembro daquele ano, na página 13, que trazia um parágrafo junto de uma imagem de uma mão fazendo gesto de indicação, na cor preta. Ao realizar a leitura do parágrafo, o leitor percebe claramente a associação da mão e do gesto dos dedos realizando uma indicação à situação vivida por Wilson Simonal (figura 11).

Atualmente, a edição pode ser encontrada na Biblioteca Nacional, na plataforma da Hemeroteca Digital. A publicação contém o seguinte texto:

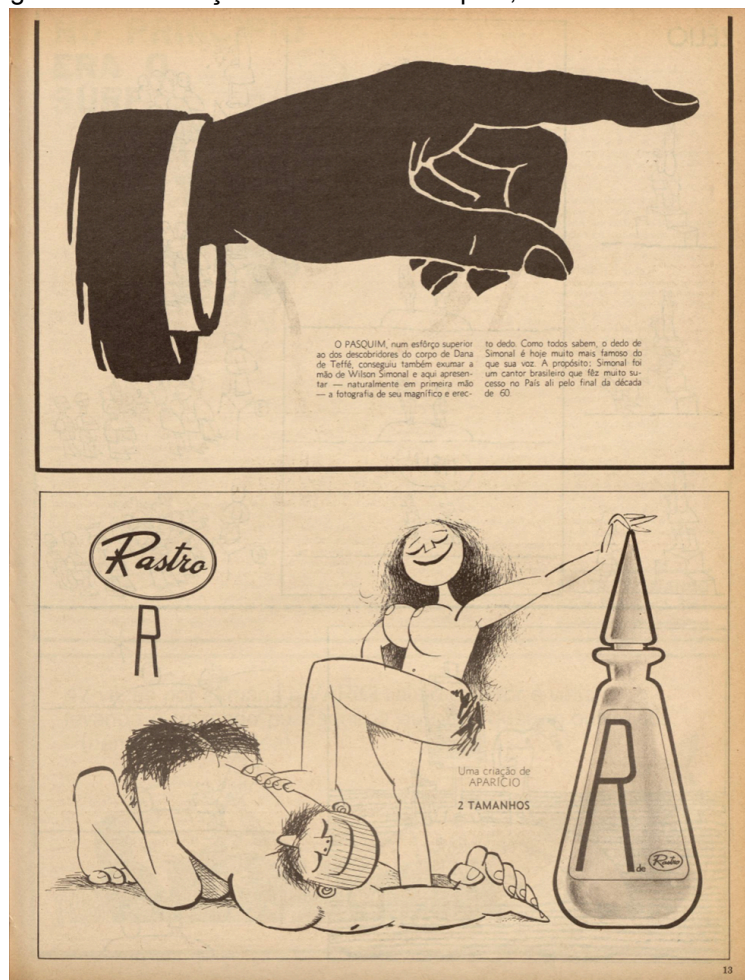
O PASQUIM, num esforço superior ao dos descobridores do corpo de Dana de Teffé, conseguiu também exumar a mão de Wilson Simonal e aqui apresentar - naturalmente em primeira mão - a fotografia de seu magnífico e erecto dedo. Como todos sabem, o dedo de Simonal é hoje muito mais do que sua voz. A propósito: Simonal foi um cantor brasileiro que fez muito sucesso em Paris ali pelo final da década de 60⁵⁷.

Neste texto, é possível destacar a ironia e metáfora ao atribuir a figura do dedo realizando uma indicação à imagem de Simonal, o que proporciona ao leitor a ideia, implícita, de "dedo-duro". Assim como mencionamos no começo desta seção e até aqui continuamos destrinchando o caso, naquele período, Simonal ficou fortemente atrelado à imagem de "dedo-duro" por conta da possibilidade de associação à Ditadura. Mais à frente no texto do jornal, ainda é possível ver outro ponto que chama atenção e reforça a ideia do impacto que o episódio teve na carreira do cantor, e também em como a imprensa lidou com o assunto. No trecho em que o veículo explica ao público quem era Simonal, como se ninguém o conhecesse, o uso da conjugação do verbo "ser" no pretérito

⁵⁷ Jornal O Pasquim, edição 114, de 07/09/1971, página 13, disponível pela Biblioteca Nacional, através de:
<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=124745&pagfis=22453>

perfeito pode sugerir o apagamento da carreira de Simonal, como se fosse um fim.

Figura 11 - Publicação do Jornal O Pasquim, de setembro de 1971



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

O documentário foi atrás do depoimento de Raphael Viviani, o ex-contador de Simonal, que foi acusado de roubar o cantor e que teria sido torturado durante a Ditadura a pedido dele. Raphael afirma que Simonal estava vivendo apenas dos shows e que o dinheiro não era suficiente para o nível que queria levar. Ele também afirmou que foi demitido, que moveu uma ação trabalhista e que o cantor não teria gostado do processo. Raphael ainda contou em entrevista para o documentário que dois homens o pegaram em casa e o levaram para o escritório onde estava Simonal e mais pessoas, e que disse ter descoberto o "rombo no escritório", pedindo-o para confessar. Raphael negou e então, ainda segundo o ex-contador, os homens o levaram para o

DOPS, onde foi torturado. Como insistia que não havia realizado nenhum roubo, a tortura aumentava. Ainda de acordo com Raphael, os torturadores ameaçaram "pegar" a família dele e, a partir disso, ele resolveu "confessar" o roubo para que não acontecesse nada. Desta forma, o ex-contador afirmou que começou a simular uma história convincente e coerente e que assinou a confissão e que "de manhã" Simonal teria ido ao Dops. Neste meio tempo, a esposa de Raphael deu queixa na polícia pelo sumiço do marido. Mas logo depois o contador apareceu e precisou ir à polícia explicar como reapareceu para retirar a queixa. Raphael também contou que pediu orientação ao seu advogado que o orientou a convocar a imprensa e contar o que havia acontecido. Ainda segundo Raphael, foi então que Simonal foi intimado pela polícia e não apareceu. Ele também afirma que foi depois disso que o cantor "veio com a história" de que Raphael era terrorista, para justificar o motivo do DOPS estar envolvido: "foi infeliz no caminho que ele seguiu, (...) ele esteve lá e viu o sofrimento (...), não teve pena, por isso que eu não tive pena dele depois".

A partir do episódio de acusação de associação à Ditadura, Nelson Motta afirma que houve um grande tabu sobre Wilson Simonal. Max de Castro disse que os discos foram retirados de catálogo e shows foram perdidos. Foi o começo do ostracismo. De acordo com Boni, "Simonal nunca foi julgado ou vaiado pelo público, ele foi julgado e vaiado pela própria classe dele e pelos veículos de comunicação". Esta afirmação reforça o processo de rotulação pelo qual Simonal passou. O que, aqui, se faz possível correlacionar com a teoria de Howard Becker (2019), uma vez que o cantor com tal rotulação passou a ser um desviante dentro da classe artística. E, como a todo indivíduo ao qual se é atribuído e associado como desviante dentro de um grupo ou sociedade, conforme exemplificado anteriormente, há a possibilidade de sanções. Neste caso, o exemplo principal de sanção aplicada a Simonal é o apagamento de sua carreira, até então em ascensão.

O filme ainda mostra que, com isso, o alcoolismo dominou Simonal, com direito a internações. Também mostra que, depois de algum tempo, houve uma recuperação de alguns trabalhos, como comerciais e outras

oportunidades. No entanto, a figura ainda era continuamente vinculada à Ditadura. Sandra Cerqueira, a segunda esposa de Simonal, afirmou durante sua entrevista ao documentário que o cantor chegou a dizer a ela que não existia na história da música brasileira. Sandra também relembrou uma situação na qual vivenciou junto de Simonal: como os filhos do cantor também seguiram na música, para protegê-los ao ir vê-los em seus shows, Simonal se escondia atrás de pilastras para que a presença dele não pudesse prejudicá-los. Wilson Simoninha afirmou que o assunto se tornou um fardo para o pai.

A história de Simonal revela uma situação na qual o julgamento, o estigma e a rotulação cooperaram para uma mudança total, que afeta o dia a dia e a carreira, podendo se arrastar por longos anos, até mesmo no fim da vida. A história imortalizada nos jornais, nos documentos e em outros formatos de mídia nos ajudam a entender um pouco do percurso pelo qual a acusação atribuída a Simonal tomou, levando o artista ao ostracismo. Inúmeras foram as formas pelas quais o cantor tentou se reerguer, mas sem sucesso. Isso deixa claro que os processos pelos quais regulamos uns aos outros e aplicamos sanções estão longe de estarem relacionados apenas à tecnologia e resididos em conceitos como o da "Cultura do Cancelamento". É isso o que buscaremos demonstrar nos próximos capítulos.

4

O julgamento

Como vimos até aqui, durante um encontro social, a observação do outro, a percepção da situação vivenciada e também a impressão que se quer mostrar são alguns dos mecanismos que o indivíduo adota para melhor se relacionar ou atingir determinado objetivo. No entanto, também intrínseco a este comportamento estão o julgamento, o estigma, os sistemas de acusação (rotulação) e o linchamento, que podemos afirmar que são consequências da avaliação realizada por um indivíduo em relação ao outro. Além disso, também é possível afirmar que estes podem ser considerados sanções impostas no processo de avaliação do outro. Neste capítulo, portanto, iremos nos concentrar em apresentar e explorar estes conceitos diante do contexto de vigilância, de observação, de avaliação.

O conceito de estigma nos ajuda a compreender como as percepções em relação ao outro, em um encontro social, nos proporcionam atribuí-lo em categorias que reforçam o estabelecimento de uma espécie de avaliação prévia do outro, e também o estabelecimento de pré-conceitos. Erving Goffman (2022), em seu livro "Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada" se propõe a estudar os momentos em que estigmatizados e "normais" estão no mesmo encontro social, na "presença física direta" (Goffman, 2022, p.22). Aqui, é preciso explicar que Goffman considera como "normais" aqueles que não são estigmatizados. Desta forma, de acordo com o autor, "um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo" (Goffman, 2022, p. 13). Ainda segundo Goffman, há importantes atributos que podem levar ao descrédito e, além disso, o conceito de estigma leva a duas perspectivas: a condição do desacreditado e a do desacreditável (Goffman, 2022, p.13-14). O que o autor explica é que os indivíduos realizam uma série de discriminações capazes de construir algo como uma ideologia para explicar inferioridade ou representação de perigo atribuídos ao outro. Entre os pontos que Goffman apresenta, um deles chama atenção para a discussão proposta

nesta pesquisa: as causas e os efeitos do estigma mediante encontro presencial.

Para o sociólogo, "o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão" (Goffman, 2022, p.23). Ou seja, essa afirmação reflete que o estigmatizado tem conhecimento do potencial julgamento que receberá, o que podemos inferir que há possibilidades de implicação nas maneiras pelas quais irá agir, ou que, ao menos, irá pensar em como agir para um melhor aceite, se for de seu desejo.

De acordo com Goffman, essa incerteza pelo que está por vir por parte do estigmatizado não só tem a ver com não saber em qual categoria será posto mas também com a forma de tratamento do outro. Um exemplo trazido pelo sociólogo apresenta um relato sobre a forma como as pessoas tratam as outras diante do estigma e a impressão ou sensação do estigmatizado de não saber o que realmente estão pensando a seu respeito: "embora elas sejam boas e gentis, para mim, realmente, no íntimo, o tempo todo, estão apenas me vendo como um criminoso e nada mais" (Goffman, 2022, p.23).

O autor também pontua que é comum que o estigmatizado, nesse contato com o outro, se sinta "em exibição", e que tenha a impressão de que seus atos são tidos como surpreendentes, mesmo que sejam os mais simples possíveis. Além disso, alguns estigmatizados, em contato presencial, podem se sentir mais expostos, principalmente quando o "defeito" fica mais aparente quando está numa situação que chame atenção, como uma invasão de privacidade, conforme pontua Goffman. Neste caso, enquadram-se principalmente os desacreditados, e não os desacreditáveis. E, claro, em alguns contextos, o estigmatizado pode adotar uma linha de agressividade, que pode não ser bem-aceita pelos demais (Goffman, 2022, p.24-27).

Portanto, dentro do conceito de estigma, percebe-se que o que vai diferenciar quem é desacreditado de quem é desacreditável tem relação com a definição da "identidade social virtual" - em resumo, a categorização efetiva - e com a "identidade social real" - a categoria e os atributos que o indivíduo prova possuir. O processo de reclassificação

também é possível, ou seja, indivíduos podem acabar sendo situados em categorias diferentes das quais foram previamente inseridos (Goffman, 2022, p.12-14). Essa ideia reforça o entendimento de categorização e pré-conceitualização dos indivíduos, conforme citado no começo do capítulo.

Entendemos que o estigma, que tem caráter em sua maioria depreciativo, deriva de uma concepção nítida (do ponto de vista visual, quando se é possível perceber esteticamente) ou percebida diante de determinado contexto. E que, ao ser estigmatizado, o indivíduo é levado ao descrédito.

Depois de introduzirmos o conceito de estigma, é possível trazer para a discussão a ideia de sistemas de acusação apresentada pelo antropólogo Gilberto Velho (1997). Aqui, entendemos os sistemas de acusação como também sinônimos de rotulação. De acordo com o autor, a vida social, entendida como um processo contraditório e complexo, se apresenta como uma realidade a ser constantemente negociada entre os atores. Ou seja, estes atores socializados e que participam de determinados "códigos culturais" (entendemos aqui como padrões sociais) acreditam em determinados valores e têm determinada visão de mundo. Eles internalizam, portanto, um estilo de vida e a visualização no outro fora deste padrão culmina nos sistemas de acusação (Velho, 1997, p.59-61).

No contexto histórico e social de sua pesquisa, Velho pontua que, na sociedade brasileira, há dois principais sistemas de acusação que estão ligados aos estigmas de "drogado" e "subversivo". E que essas acusações são constantemente atribuídas aos mais jovens a partir de indivíduos de gerações mais antigas, como uma força de exercer controle social (Velho, 1997, p.60). Neste sentido, Velho se aproxima dos estudos de Howard Becker acerca de desvio, como já mencionamos. Segundo Velho, a acusação de desvio sempre tem uma dimensão moral, o que faz com que esse desviante funcione como um delimitador de fronteiras, algo diferente, quebrando os padrões ou fazendo com que a diferença seja percebida: "permitindo que a sociedade se descubra, se perceba pelo que não é ou pelo que não quer ser" (Velho, 1997, p.61).

No entanto, o autor considera a negociação entre as forças algo desigual e em constante transformação, e afirma que há uma questão relacionada ao período no qual se é vivenciado, em que determinados tipos de comportamento ou padrão são mais ou menos aceitos. Dentro deste contexto, chama atenção a observação de Gilberto Velho quanto à acusação de subversivo, na sociedade brasileira, que carrega sentido político e é sempre atribuída às "pessoas de esquerda", com forte teor estigmatizante (Velho, 1997, p.61-62).

Diante dos conceitos apresentados acima, estigma e sistemas de acusação, é possível trazermos para a discussão os casos estudados nesta pesquisa que refletem diferentes cancelamentos - o de Gkay, nosso caso principal; e o de Wilson Simonal, como contraponto. Ambos carregam consigo o pré-conceito atribuído a eles feito pela opinião pública, o que reforça um certo caráter estigmatizante: Gkay como a "sem noção", "descompensada", "exagerada", para citar alguns exemplos; e Simonal como o "dedo-duro" e o "traidor".

Como pontuado por Gilberto Velho, a partir de sua observação localizada nos anos 1970, um dos principais sistemas de acusação realizado pela sociedade brasileira naquele momento estava relacionado com um contexto político. Isso nos apresenta à perspectiva de que política era um ponto de relevância na avaliação dos brasileiros, portanto, que tinha importância para a opinião pública⁵⁸.

As acusações referidas por Gilberto Velho podem ser constituídas a partir de "uma crise de certos padrões ou convenções que dão ou davam sentido a um estilo de vida de uma sociedade, de uma classe, de um grupo ou de um segmento social específico" (Velho, 1997, p.61). Tanto o estigma quanto os processos de acusação se enquadram em territórios propícios para o julgamento do outro, a partir do contexto de avaliação e pré-conceituação seja de seu comportamento, ou até mesmo de sua imagem ou história.

No caso de Simonal, coincide o momento do contexto político no qual ele está inserido com o observado pelo antropólogo: a Ditadura

⁵⁸ A acusação pautada em questões ideológicas no contexto da polarização política vivida pelo Brasil desde o início do século XXI traz à tona novamente a categoria "subversivo" ao senso comum.

Militar. Com a associação do cantor ao período político considerado de direita, lhe foi atribuído o título de desviante, com a imagem de "dedo-duro" e "traidor" dentro de seu grupo da classe artística - tão perseguido neste período. Com isso, Simonal foi rotulado como tal e houve uma onda de rejeição: um cantor famoso da época teve sua imagem atrelada ao regime repressor, o que reflete forte crítica da mídia, moldando e reforçando a opinião pública sobre o assunto, que, naquele momento, diante da gravidade do contexto, já se apresentava como assunto delicado. Além disso, vale reforçar que este período é historicamente marcado por tensões em diferentes esferas e escalas, que talvez não pudessem proporcionar uma mobilidade entre as negociações dos padrões sociais, o que acentua ainda mais o episódio, levando Simonal a esta condição de desviante.

O contexto de Gkay é diferente do de Simonal, o que lhe confere acusações outras, mediante o seu comportamento e a sua imagem, aspectos que ganham enorme dimensão numa sociedade pautada pela vida digital imersa em redes sociais que promovem a autoimagem e a vigilância do outro. Ela também não está nos padrões, também é desviante, mas vive em um período mais propício para absorção de novos padrões, o que pode ajudar a compreender como se deu o desenrolar de seu caso de cancelamento, em que é possível verificar uma adequação do perfil da influenciadora, trazendo, como mencionado no capítulo anterior, um *rebranding*.

Também é possível aqui reforçarmos que tanto Gkay quanto Simonal acabam sendo estigmatizados por um pré-conceito, ou seja, uma avaliação pré-concebida. A influenciadora já vinha tachada por seu comportamento destoante antes da participação no programa de Tatá Werneck, conforme mostramos no capítulo 2. E a Simonal, além do preconceito envolvendo a cor de sua pele, que se faz ainda mais perceptível com o desenrolar de seu caso, lhe foi atribuído o título de "dedo-duro".

A ideia de observação e julgamento do outro nos leva ao trabalho de Michel Foucault (2012), presentes no livro "Vigiar e Punir: nascimento da prisão", um estudo acerca do sistema carcerário e as formas de

punição, instituição de poder e controle social, e garantia da disciplina. Dentro deste estudo, a análise apresentada por Foucault sobre o panóptico, idealizado por Jeremy Bentham, retrata o objetivo final de instituições ou quem detém o poder, que é o de monitorar efetivamente aqueles que se querem vigiar.

Para Michel Foucault (2012), "o panóptico é uma máquina maravilhosa que, a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder" (Foucault, 2012, p.196). O panóptico é uma estrutura em que as pessoas que são vigiadas não têm a certeza se estão sendo observados durante todo o tempo e nem por quem, não se sabe nem ao menos se de fato estão sendo vigiados. É uma estrutura arquitetônica montada focada no monitoramento. Panóptico é a estrutura e panoptismo é esse modelo de monitoramento, conforme pontuam os comentadores Eduardo Chagas Oliveira e Ivana Libertadoira Borges Carneiro (2016, p.106). O que nos leva à ideia de que esse modelo abandona a espetacularização, tão abordada no começo da obra de Foucault, com as maneiras de condenação em séculos passados, dando margem a um modelo que não expõe para todos, mas para aqueles que detêm o poder.

Assim como Oliveira e Carneiro realizaram em sua análise, aqui, também é preciso destacar o mérito de Foucault ao trazer a ideia de Bentham instaurando uma forma de pensamento determinado pela ideia de vigilância permanente. Os autores também apresentam uma percepção interessante a respeito do panóptico: "caracterizado pela vontade de ser e poder controlar tudo, a qualquer tempo - o desejo de ser onipresente, onipotente e onisciente - representa a colidente ratificação da limitação humana" (Oliveira; Carneiro, 2016, p.107).

No contexto de panóptico, o observador não é visto pelo observado, o que gera naquele que é vigiado uma espécie de autorregulação, afetando seu comportamento. O resultado com o monitoramento é o esperado: controle e disciplina, mesmo que de forma inconsciente.

Além disso, é como afirma Foucault a respeito do "poder da disciplina": "é com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de

retirar, tem como função maior "adestrar"; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor" (Foucault, 2012, p.167). São, portanto, segundo o autor, diversos os mecanismos pelos quais, a partir dessa disciplina, objetiva-se tornar os corpos sociais dóceis.

Para Oliveira e Carneiro, as redes sociais representam, atualmente, a forma mais atual do modelo de panóptico e o panoptismo se apresenta na proliferação de dispositivos digitais, que replicam informações pessoais em seus ambientes. Para os autores, é uma nova formação de perfil de sociedade, que exige uma adaptação das técnicas. No entanto, "somos monitorados por meio das informações que nós mesmos postamos (...) monitoramos e somos monitorados diuturnamente" (Oliveira; Carneiro, 2016, p.116-117).

A afirmação acima abre espaço para um comentário acerca do caso do cancelamento de Gkay. A influenciadora tem milhões de seguidores nas redes sociais, conforme mencionamos no capítulo anterior, e ganha dinheiro com isso, é o seu trabalho. Em seu perfil no Instagram, não é difícil ver momentos de Gkay em sua vida privada e também profissional. Assim como boa parte dos usuários de redes sociais, a influenciadora expõe a sua vida, compartilhando momentos felizes e tristes. A exposição é o preço a ser pago pelo seu trabalho, e por ser uma figura pública que depende dessa exposição. E é justamente a partir dessa exposição que surge o seu cancelamento. A todo tempo, Gkay é avaliada por seus seguidores, que podem ou não gostar do conteúdo no qual estão tendo acesso. Essa vulnerabilidade consciente chama atenção e reforça ainda mais a ideia do panóptico mencionado acima: ela é vigiada por inúmeras pessoas que ela própria não vê, porque não as conhece. Ela recebe críticas mediante comportamentos atrelados a padrões avaliados por essas pessoas. A adequação a essas regras é questão de sobrevivência.

Para Oliveira e Carneiro, a rapidez das novas tecnologias, as fronteiras entre realidade e pensamento se tornam cada vez mais tênues. Com isso, "a estrutura panóptica do espaço virtual se torna mais robusta e reforça os mecanismos de invasão da privacidade e de controle das individualidades" (Oliveira; Carneiro, 2016. p.117).

Ainda segundo os autores, no panoptismo tradicional, o indivíduo é monitorado a contragosto, com sua "integridade (teoricamente) assegurada" pelo agente monitorador, enquanto, atualmente, as pessoas disponibilizam suas informações. Sendo assim, passíveis de manipulação por seus agentes responsáveis pelo seu monitoramento (Oliveira; Carneiro, 2016, p.118). Desta forma,

não se trata mais do Estado, do governo ou das instituições (públicas ou privadas), o controle é exercido pelo cidadão comum, que monitora e também é monitorado, municiando as instituições que se beneficiam dos resultados auferidos pelos pares, que se revezam na tarefa de descobrir, controlar e limitar (a existência de) o outro (Oliveira; Carneiro, 2016, p.117).

Os estudos de Michel Foucault e também as considerações de Eduardo Chagas Oliveira e Ivana Libertadoira Borges Carneiro nos indicam que os processos de vigilância e observação com relação ao outro, com o passar do tempo, vão ganhando outras configurações, que acompanham outras complexidades. No entanto, esses processos aparecem como intrínsecos na sociedade e nas relações entre os indivíduos que vivem nela.

De maneira a correlacionar com o ponto abordado sobre as novas tecnologias e as redes sociais, com a ideia trazida acima do atual panoptismo, vê-se a necessidade de também contextualizarmos a respeito do linchamento virtual, que está associado ao fenômeno social que Gkay foi vítima: a "Cultura do Cancelamento". Vale relembrar o tripé do linchamento virtual, que apresentamos no capítulo anterior com base nos estudos de Eliane Freitas (2017) e que agora serão melhor destrinchados: de acordo com a autora, o tripé do linchamento virtual está na denúncia, no julgamento e na punição.

Freitas (2017) discute acerca de conflitos ou práticas violentas nas redes sociais, denominados como "linchamentos virtuais". Para isso, ela apresenta o conceito de "audiências invisíveis" de Danah Boyd, que faz menção àqueles que acompanham os conteúdos de maneira indireta e não necessariamente são conhecidos de quem produz tal conteúdo. No artigo, Freitas apresenta uma consideração que vale destaque:

Quanto maior o número de conexões que alguém mantém, mais sua rede (como totalidade) estaria próxima de outros atores e de outros segmentos de redes, segmentos esses que se organizam em torno de outras afinidades, outros valores, outras experiências, talvez até outras noções de etiqueta (Freitas, 2017, p.148)

Esse entendimento reforça a questão da amplitude das redes sociais e do quanto a atenção ao conteúdo veiculado deve ser importante. Afinal, a audiência nem sempre conhecida pode não ter afinidades com o conteúdo pelo qual se é publicado, pela opinião emitida, pela brincadeira realizada, pelo comportamento apresentado, etc. São valores e, até mesmo, dependendo do grupo pelo qual essa audiência se encaixa, padrões sociais diferentes. O que nos leva a relacionar com os estudos de Howard Becker (2019) sobre desvio mais uma vez: a ideia de que o desvio do padrão, portanto, tornar-se desviante dentro de um grupo, leva a sanções.

Neste sentido, trazendo ainda as considerações de Freitas para a discussão, o cancelamento de Gkay é um exemplo claro de um padrão apresentado que não foi bem correspondido, ou seja, um comportamento que não foi bem-aceito, visto o ataque de sua audiência, seja ela conhecida ou não. Portanto, gerando adequação do discurso.

Esse tipo de episódio com a audiência, que gera ataques, segundo Freitas, "fornece pistas sobre controle social em operação nas redes públicas on-line, a partir dos efeitos vivenciados pelos usuários" (Freitas, 2017, p.149), o que resulta em vigilância não só de administradores das plataformas, de serviços on-line, de agências governamentais, "mas também pelos limites colocados pelos usuários envolvidos em dinâmicas interativas de mútua vigilância" (Freitas, 2017, p.149).

Para Freitas, entre as consequências de quem sofre a perseguição na internet estão demissão, dificuldade em conseguir novo emprego, necessidade de mudança de endereço para fugir de possíveis agressões, perda de amizades, ostracismo social, humilhação, depressão (Freitas, 2017, p.149). Ainda de acordo com a autora, as práticas de perseguição, entre elas o linchamento virtual, "parecem estar englobadas

conceitualmente por noções como cultura da humilhação e cultura de ódio" (Freitas, 2017, p.154).

Outro apontamento interessante de Freitas sobre esse aspecto é que o uso do termo "cultura" para esses tipos de discurso parece apontar para o sentido etimológico, remetendo à palavra "cultivo", que carrega a ideia de "germinar uma forma viva" a partir de "ações deliberadas baseadas em saberes técnicos e projetos humanos", que avançam mediante a atenção que recebe (Freitas, 2017, p.155). Essa analogia possibilita o entendimento de que cultura, portanto, é aquilo que é alimentado, que tem, portanto, certa continuidade.

Ainda de acordo com Freitas, no linchamento o que se destaca é a desproporção entre erro e punição. Isso difere com relação ao discurso de ódio, que, segundo a autora, que é marcado por ideologia, tem mais ligação com características identitárias com foco em destruir as pessoas. É o que podemos considerar como um ataque velado. No linchamento, para Freitas, o que humilha é a submissão ao medo, por conta de ameaças e dos efeitos sociais do julgamento negativos (Freitas, 2017, p.156).

Conforme pontua Freitas, diferente do discurso de ódio, o linchamento tem como objeto não um modo de ser, mas uma ação ou comportamento interpretado como errado, mas que admite correção (Freitas, 2017, p.156). No discurso de ódio não há negociação, não há saída, conforme a autora pontua (Freitas, 2017, p.157). Portanto, para Freitas, no linchamento virtual, acontece um julgamento público, com direito a uma avalanche de novas publicações que reforçam o erro cometido e podem também surgir ameaças, insultos e exposição da privacidade (Freitas, 2017, p.156).

Freitas ainda pontua que esse "espancamento verbal e moral" não costuma ser letal, apesar do linchamento virtual ser violento e doloroso e a pessoa ficar emocionalmente marcada e socialmente estigmatizada pelo ocorrido. Ela afirma que, com o passar do tempo, essa vítima pode "conseguir se dissociar" e "começar de novo", ou até mesmo "contrabalançar sua má ação com iniciativas que mudem sua imagem e procurem resgatar sua credibilidade" (Freitas, 2017, p.157).

A autora também destaca que nada impede que algo que comece no linchamento virtual possa vir a terminar em discurso de ódio ou assédio persistente (Freitas, 2017, p.158). Essas considerações remetem ao caso de Gkay que, após ser cancelada, de ter recebido uma enxurrada de ataques nas redes sociais, o que, a partir dos estudos agora apresentados, podemos considerar um linchamento virtual, precisou se adequar. A ausência realizada por ela das redes sociais foi o momento para reorganizar o misto de sentimentos que a situação lhe gerou. O que demonstra aqui que houve abertura posterior para resgate da credibilidade, sem cair no ostracismo social, ou possível apagamento de carreira. No entanto, é preciso ponderar que nem todos têm a mesma sorte.

Na trajetória do cancelamento de Gkay é possível ver várias das características apresentadas por Freitas em seus estudos sobre linchamento virtual: primeiro acontece o erro - representado pelo comportamento no programa de Tatá Werneck. Em seguida, há uma repercussão do que aconteceu, com direito a comentários de usuários das redes sociais, reavivamento de publicações antigas da influenciadora, publicações na imprensa e também a comentários negativos de colegas também famosos - como o de Fábio Porchat, que reforça o caráter desviante da conduta. É o estopim para a influenciadora que, ao longo de sua carreira, já havia participado de outros momentos conturbados. Diante de tanta acusação, vem o reconhecimento do erro, a pausa e o surgimento de uma "nova" Gkay. A partir disso, o que se vê é o comportamento mais contido, os procedimentos estéticos retirados, as aparições em eventos de renome, entre outras ações realizadas pela influenciadora. No entanto, ela continua vigiada pela audiência, tanto a que conhece como a invisível aos seus olhos.

À sombra da rotulação, tanto Gkay quanto Simonal serão constantemente lembrados por seus erros. A questão a ser abordada mais à frente refere-se ao contexto das novas tecnologias, que proporcionam relações sociais de outra natureza, outros desdobramentos de um comportamento social de vigilância, julgamento e punição ao outro, que, como vimos até aqui, não é propriamente uma novidade. Gkay e

Simonal não estão inseridos no mesmo período de tempo, a eles são atribuídos período e contexto diferentes, além de situações propícias ou não para uma nova aceitação de seus pares ou de sua audiência. Todos os pontos até agora apresentados nesta pesquisa são consideradas formas de observar, punir, julgar ou vigiar alguém, validando-o ou não. O que se pode perceber é que, ao menos na internet, vislumbra-se uma possibilidade de recomeço, em um ambiente cada vez mais diverso e que pode ser hostil.

4.1

Configurações possíveis

Agora, serão apresentadas algumas considerações sobre as configurações possíveis das relações sociais no contexto contemporâneo, a fim de pavimentar o caminho para o entendimento acerca da Cultura do Cancelamento e reforçar os estudos até agora mencionados.

Muitos precursores dedicados aos estudos das relações sociais no ambiente da internet nos apresentam a possíveis outras configurações que estão inteiramente associadas às tecnologias digitais que passam a afetar nosso dia-a-dia.

Entre eles, Adriana Braga (2011), que considera a internet como "uma tecnologia que, como as outras, não existe fora da sociedade, mas que ela própria ajuda a redefinir o que entendemos por 'viver em sociedade'" (Braga, 2011, p.103). Além disso, também é importante destacar os estudos de André Lemos (2004), um dos pioneiros sobre o assunto, ao apresentar o termo de "cibercultura" como uma manifestação da vitalidade social contemporânea.

Outro pesquisador que traz considerações importantes é Alex Primo (2007), que, na primeira década dos anos 2000, analisou a perspectiva interacional em interações na Web 2.0 - a segunda geração de serviços na rede, caracterizada principalmente por ampliar formas de produção cooperada e o compartilhamento de informações on-line. O autor analisou algumas das primeiras redes sociais e plataformas que proporcionavam interações neste ambiente, tais como Orkut, Flickr,

Wikipédia e blogs. Com o objetivo de subsidiar futuros estudos, Primo concluiu existirem diferentes perfis de atores de interações mediadas por computador, em uma perspectiva sistêmico-relacional, e também apontou comportamentos comuns dentro do ambiente digital, entre eles as expressões de internautas anônimos e a produção colaborativa (Primo, 2007, p.01-21).

Dentro do contexto das redes sociais, no cenário atual, em que aparecem os influenciadores, tais como Gkay, um comportamento interessante tem a ver com o consumo dos conteúdos publicados pela audiência. Neste sentido, ele nos chama atenção pelo forte apelo de conexão pelo qual esses influenciadores podem vir a conquistar com seus seguidores. Um exemplo claro é que, apesar de todos os episódios aqui já descritos ocorridos com Gkay e que gerou seu cancelamento, para sua audiência, a vontade de participar da "Farofa da Gkay" de 2024, aberta ao público, continua viva. Isso nos remete à concepção de que a internet e as redes sociais também são uma espécie de vitrine, preenchida pela aproximação e a vontade de "também viver aquilo", na qual é possível ganhar dinheiro. Como mencionamos no capítulo 2, a edição do ano de 2024 teve os ingressos esgotados em algumas horas e essa experiência de vivenciar o evento custou 1,5 mil reais por cada ingresso.

Ainda nesse contexto relacionado a influenciadores digitais, é possível trazermos considerações acerca dessa representação desta figura atrelada a marcas, o que também é o caso de Gkay. Nos estudos sobre embaixadores de marca⁵⁹, Cláudia Pereira, Amanda Antunes e Aline Maia pontuam que esse envolvimento entre marcas e influenciadores são estratégias dessas marcas "que objetivam uma maior aproximação e relacionamento com consumidores" e que dois conceitos são principais para esse embasamento: o engajamento e o potencial de influência (Pereira; Antunes; Maia, 2016, p.2). Portanto, estar fortemente conectado com o público, gerando engajamento, é sinônimo de possibilidades dentro desse nicho de mercado. Outro ponto interessante abordado pelas autoras é que esses programas, em sua maioria, fazem

⁵⁹ "Embaixadores de marca" é um termo categorizado por Amanda Antunes que aqui utilizaremos como sinônimo para o que são atualmente considerados "influenciadores".

parte de processos para a "humanização" destas marcas (Pereira; Antunes; Maia, 2016, p.3). Ou seja, é uma lógica que envolve consumo.

Para Pereira, Antunes e Maia, "o embaixador de marca sintetiza um estilo de vida que se coloca à disposição de quem o 'segue' nas redes sociais" e que, no processo de significação da linguagem, "estabelece relações entre uma vida ordinária, individualizada, e uma história de sucesso" e que, portanto, ainda segundo as autoras, a marca se torna um fator importante na construção de identidade desse embaixador, que volta-se para o consumo (Pereira; Antunes; Maia, 2016, p.7).

Desta forma, "o embaixador de marca ideal é o que mantém uma forte interação com o seu grupo de influência" (Pereira; Antunes; Maia, 2016, p.19). O que nos remete a uma relação de mão dupla entre marca e influenciadores, uma vez que nesse jogo ganha-se das duas partes, desde que a representação na qual está sendo realizada se adeque à relação com a marca. De maneira a correlacionar com os estudos de Erving Goffman (2011; 2014): como mostramos anteriormente, o autor entende as interações sociais como representações, isto é, performances, e, nesses encontros, há escolhas pela linha adotada e tentativas de manutenção da fachada/trabalho de face). Transportando essas considerações para o cenário dos influenciadores digitais é possível afirmar que a manutenção da fachada, neste sentido, é o que faz ganhar mais ou menos dinheiro, se associar ou não às marcas, reter e agradar ou não os seguidores.

Gkay é uma influenciadora que, não só tem sua marca, um exemplo é o próprio evento "Farofa da Gkay", como também está em constante participação em peças publicitárias.

A exposição na internet, seja de notáveis ou não-notáveis, isto é, apenas a publicação de conteúdo, abre margem para outras configurações nas relações, outras modalidades de conversação e, por conseguinte, de interações sociais, como vimos até aqui. Portanto, se faz necessário compreender os efeitos que essas interações no ambiente digital podem acarretar. Na seção seguinte, iremos nos concentrar nisso, a partir dos estudos de Raquel Recuero, e também traremos as

considerações de autores que se debruçam sobre os assuntos voltados para a "Cultura do Cancelamento".

4.2

Cultura do Cancelamento

Antes de adentrarmos na “Cultura do Cancelamento”, se faz necessária a reflexão acerca do território no qual esse fenômeno se tornou mais popularizado: as redes sociais. Para isso, é importante trazermos as considerações dos estudos de Raquel Recuero (2013) sobre os atos de ameaça à face e a conversação nas redes sociais da internet. De antemão, é relevante já sinalizarmos a separação que a autora faz entre o termo "redes sociais" e "sites de redes sociais", que fazem menção às redes construídas socialmente, aos laços, e às ferramentas oriundas da internet, em formato de sites/ambientes digitais, respectivamente.

Um dos pontos trazidos por Recuero diz respeito às alterações na natureza dos laços sociais, já que, segundo ela, os laços que anteriormente precisavam da interação para ser construídos (laços emergentes) começaram a também ser construídos por meio da associação (laços associativos), e "passaram a ser mantidos pelos próprios sites" (Recuero, 2013). Ainda de acordo com Recuero, as mudanças também proporcionaram modificações nos processos sociais fora desses sites e, portanto, a rede de conversação gerada a partir dessa interconexão das redes sociais e dos sites de redes sociais é o que a autora chama de "conversação em rede" (Recuero, 2013).

Recuero explica que a conversação é um fenômeno que foca nas interações orais entre os atores, em que negociam sentido, constroem relações sociais e dividem informações e valores sociais. É na conversação que conhecemos o outro, estabelecemos relações e construímos laços. Exige, antes de tudo, de uma cooperação entre os atores para que haja uma legitimação do discurso (Recuero, 2013). Ao detalhar sobre conservação em rede, a autora afirma que, neste contexto,

são adquiridas pela conversação quatro características dos públicos em rede, em que apresente após citar Danah Boyd:

(a) permanência das interações, no sentido de que aquilo que se foi publicado permanece acessível no site; (b) a buscabilidade, característica que se refere à capacidade de busca das mensagens nas ferramentas, que é também consequência da permanência; (c) a replicabilidade das mensagens, gerada justamente pela permanência e aumentada pela buscabilidade e (d) a presença das audiências invisíveis, que se refere à característica de escalabilidade das redes (Recuero, 2013).

Ainda segundo Recuero (2013), quanto mais conexões o ator tem, nos sites de redes sociais, mais próxima essa sua rede está de outros atores, no sentido de que há uma ampliação dessas conexões e uma mudança nos padrões de conectividade, que podemos encontrar nas ideias de laços fortes (amigos) e laços fracos (conhecidos). Desta forma, para a autora, "As pessoas parecem adotar práticas de adição de conexões fracas (pessoas que não conheciam ou que conhecem muito pouco), gerando redes cada vez mais conectadas" (Recuero, 2013). A partir deste contexto de conexões, surge a ideia da "hiperconexão das redes nos sites de redes sociais", que tem a ver com a amplificação dessas conexões e, portanto, com a maior visibilidade das publicações dos atores, que acabam sendo mais capazes de serem "discutidas, buscadas, replicadas e reproduzidas pelos demais" (Recuero, 2013). E, para a autora, é justamente essa capacidade de transcender o grupo que iniciou essa mensagem/publicação que caracteriza a conversação em rede, ou seja, "conversações amplas, públicas, síncronas ou assíncronas que (...) emergem das diversas interações entre os atores nessas ferramentas" (Recuero, 2013).

Na conversação, os atores também utilizam-na "para construir valores e ter acesso a recursos do grupo, tais como legitimação e impressões a respeito de si mesmos, o acesso a informações, o suporte e o aporte social e etc." (Recuero, 2013). Ou seja, um capital social, como pontua a autora ao citar James Samuel Coleman e Pierre Bourdieu. Neste artigo, Recuero considera o capital social tal como Coleman, como

"recursos que são definidos pela sua função para os atores (...) e que podem ser apropriados tanto pelos indivíduos quanto pelos grupos" (Recuero, 2013). Dentro dos sites de redes sociais, portanto, segundo a autora, são proporcionadas novas formas de se ter acesso e de se construir capital social. Além disso, as conexões também permitem o surgimento de outros tipos de valores e recursos. Então, para Recuero, estar conectado a estes sites representa ter mais acesso a "tipos diferentes de valores sociais" (Recuero, 2013).

Um outro ponto relevante levantado por Raquel Recuero em seus estudos tem a ver com a possibilidade dos sites de redes sociais permitirem aos atores criar e manter uma identidade que pode ser legitimada pelos demais e, portanto, gerando outros tipos de valores sociais, tais como reputação e autoridade. Neste sentido, a autora realiza uma aproximação com os estudos de Erving Goffman, já que a busca por essa legitimação está presente na ideia de trabalho de face (fachada), como também já apresentamos anteriormente. Recuero pontua que, assim como Goffman, na conversação uma série de rituais são realizados e há a busca pela manutenção do trabalho de face/fachada pelos atores. Para Recuero, os sites de rede social permitem formas diferentes de representar essa face:

Ao construir um perfil, há uma construção também de determinadas impressões que desejamos dar aos demais atores e à "audiência invisível". E ao mesmo tempo, essa face proposta é legitimada (ou não) pelos demais atores que vão usar a plataforma para conversação (Recuero, 2013).

No entanto, ainda segundo a autora, interagir apresenta risco para a face, já que há a possibilidade dela não ser legitimada e é neste ponto em que a complexidade da conversação nos sites de redes sociais se apresenta: enquanto estes sites oferecem "vantagens em termos de capital social, a superexposição e a conversação em rede, que muitas vezes levam a um público não esperado e heterogêneo, apresentam sérios riscos a face" (Recuero, 2013). Essas ameaças à face/fachada,

apontadas principalmente como *trolling*⁶⁰ ou violência pela autora, são refletidas a partir de uma quebra de polidez (normas da conversação). Recuero resume a polidez como "um elemento ritualístico dentro da conversação que visa preservar a cooperação nas interações e evitar o conflito e a ameaça à chamada 'face'" (Recuero, 2013).

Ou seja, ainda segundo a autora, para que a face/fachada seja mantida é preciso que haja uma base nas normas de polidez estabelecidas pelos grupos, no entanto, por conta da hiperconexão, nos sites de redes sociais, há uma heterogeneidade destes grupos, o que acaba dificultando a negociação da polidez, proporcionando um ambiente em que mais atos de ameaça à face possam ocorrer. Além do mais, quanto mais distante um ator se sente dos demais participantes da conversação, menor será o seu compromisso, então maiores as chances de cometer uma ameaça à face, como afirma Recuero: "por isso, a conversação em rede é um espaço frutuoso para a emergência de discussões inflamadas, discursos agressivos e ofensivos e mesmo, pela propagação da violência" (Recuero, 2013).

Portanto, práticas podem ser potencializadas pela hiperconexão, como ainda aponta Recuero, uma vez que "uma ofensa, assim, é potencializada pela própria rede e pela capacidade da rede de reproduzir o caso e amplificar seus efeitos para os envolvidos" (Recuero, 2013).

As considerações de Raquel Recuero abrem margem para discutirmos alguns aspectos que envolvem a "Cultura do Cancelamento", que é um fenômeno presente nos sites de redes sociais e que está diretamente ligado à receptividade dos conteúdos gerados pelos atores nestes ambientes. O caso de Gkay é o exemplo estudado nesta pesquisa em que a ameaça ao trabalho de face/fachada e as reverberações a partir disso impactam diretamente na sua vida pessoal e profissional, que é exposta a todo o momento no ambiente digital, para uma audiência,

⁶⁰ De acordo com Raquel Recuero (2013), com base em sua tradução da explicação de S. Kapritz, "*trolling* é o ato de desestabilizar as pessoas, para a diversão pessoal ou de vários outros". No mesmo artigo em que cita a explicação anterior para *trolling*, a autora também adiciona considerações acerca do *troll*, que "é aquele que, nas suas interações, ameaça a face do Outro, ridicularizando, ofendendo, perturbando ou desestabilizando as construções.

conforme já pontuamos, em que não há controle, justamente por conta da hiperconectividade presente nos sites de redes sociais.

A discussão acerca da "Cultura do Cancelamento" vem sendo explorada pela Academia há alguns anos. Portanto, a partir deste momento, iremos apresentar algumas considerações de nossos pares que pesquisam ou pesquisaram este fenômeno, são eles: Fellipe Sá Brasileiro e Jade Vilar de Azevedo (2020); Otavio Luis Barbosa e Patricia Specimille (2020); Bruno Camilloto e Pedro Urashima (2020); Lucimar Gonçalves e Gracy Astolpho Duarte (2020); e Tamires de Assis Lima Martins e Ana Paula Cordeiro (2022). Nosso objetivo com isso é correlacionar as pesquisas para tentarmos entender melhor o que é este fenômeno social e digital.

Para iniciar, vale lembrarmos do trabalho de Fellipe Sá Brasileiro e Jade Vilar de Azevedo (2020) que foram apontados no capítulo anterior, quando, em momento oportuno, apresentamos alguns pontos sobre a "Cultura do Cancelamento" para complementar a discussão. Os autores observam o linchamento virtual como uma prática dentro do fenômeno do cancelamento. Uma das teorias utilizadas para chegar à conclusão é a de Erving Goffman, em que Brasileiro e De Azevedo irão discorrer a respeito das "fachadas erradas", quando remetem sobre a perda de fachada, teorizada pelo sociólogo. De acordo com os autores, o linchamento virtual é uma consequência dessa perda e há um padrão observado entre os elementos que o conectam: situação de ruptura da fachada (errada); exposição pública nos 'tribunais digitais'; posicionamentos do 'júri'; construção em cadeira dos sentimentos de moradlidade contra o errante; pedido de desculpas do errante; omissão da oferta à remissão; efeitos no plano material ou biossocial; cancelamento da pessoa (Brasileiro; De Azevedo, 2020, p.91). A todo este percurso, que impacta diretamente no acusado, Brasileiro e De Azevedo consideram que esses processos estão associados a "um novo mecanismo de justiça social" (Brasileiro; De Azevedo, 2020, p.91).

Antes de mais nada, também é importante trazermos uma tentativa de definição do que é a "Cultura do Cancelamento". Para isso, Brasileiro e De Azevedo definem que "o cancelamento seria o ato de boicotar uma

peessoa, isto é, negá-la e excluí-la da legitimação social em resposta a uma atitude tomada por ela que tenha sido considerada errada" (Brasileiro; De Azevedo, 2020, p.85). Ainda segundo os autores, a "Cultura do Cancelamento" teve início no ano de 2017, quando houve a campanha *#metoo* nas redes sociais, em que mulheres de todo o mundo denunciaram casos de assédio sexual. Naquele momento, o produtor de cinema Harvey Weinstein foi acusado por dezenas de mulheres pelo crime. Ele passou a responder judicialmente e foi expulso da Academia de Cinema dos EUA. Para Brasileiro e De Azevedo este teria sido, portanto, o primeiro episódio de um cancelamento, ou seja, da descoberta da "fachada errada". Ainda de acordo com os autores, em 2019, a Cultura do Cancelamento foi tomando maior propulsão, e uma briga entre duas celebridades americanas, Tati Westbrook e James Charles, chamou a atenção. No Brasil, os autores apontam os cancelamentos do cantor MC Gui e de Donatela Meirelles, como alguns dos primeiros. MC Gui teve repercussão negativa, diversos shows e contratos cancelados após zombar de uma criança enquanto visitava a Disney em um vídeo publicado nas redes sociais; enquanto Donatela, na época diretora da Vogue Brasil, foi acusada de racismo por usuários da internet depois que o tema de sua festa de aniversário de 50 anos remetia a "dominações da época da escravidão" (Brasileiro; De Azevedo, 2020, p.85-86).

Otávio Luis Barbosa e Patricia Specimille (2020) afirmam que "a palavra 'cancelamento' foi considerada como o termo do ano de 2019 pelo Dicionário Macquarie, responsável por eleger expressões que mais moldaram o comportamento humano" (Barbosa; Specimille, 2020, p.13). Os autores também pontuam que o cancelamento se disseminou durante os anos nas redes sociais "como forma de chamar atenção para causas sociais" e defendem que a prática "vem ultrapassando o limite do protesto legítimo e se transformando em linchamento virtual, ocasionado pelo fervor social exacerbado de defender o que julgam ser moralmente justo e correto" (Barbosa; Specimille, 2020, p.13-14).

Em correlação com tudo o que apresentamos até aqui, Barbosa e Specimille, em seus estudos, também trazem considerações de Michel Foucault ao explicarem que o autor "entende o poder como a junção de

saberes e ações em rede, como se estivessem em constante exercício, interligando os indivíduos" (Barbosa; Specimille, 2020, p.14). Também afirmam que, para Foucault, "o poder não poderia ser explicado apenas pela sua vertente repressiva", já que "existiriam formas variáveis de poder, as quais estariam nas fronteiras ou nos espaços mais locais" (Barbosa; Specimille, 2020, p.14). Ou seja, para Barbosa e Specimille, Foucault defende que o poder estaria em todos que interligam a rede de saberes, ações e discursos, e que estes discursos podem ser considerados como poder. Diante dessa perspectiva, os autores apresentam a seguinte interpretação com base no trabalho de Foucault: "para que haja o controle de um grupo ou população, até mesmo para mantê-los coeso, é preciso comandar os costumes, cotidianos e os discursos" (Barbosa; Specimille, 2020, p.14).

Para Barbosa e Specimille, o ato de cancelar pode ser realizado por qualquer grupo, basta que haja discordância sobre o discurso dentro deste grupo. Ainda segundo os pesquisadores, as facilidades, potencializadas pela internet e globalização das informações, influenciam no modo de vida e condicionam pensamentos e posicionamentos "através dos algoritmos - responsáveis por descreverem o processo de registros e eventos relevantes em um sistema computacional - que condicionam o usuário e o direcionam à sua própria bolha", apresentando dessa forma a ele "apenas informações que lhe são convenientes, causando uma falsa sensação de que todos ao seu redor pensam igual a ele" (Barbosa; Specimille, 2020, p.14-15).

Portanto, essas bolhas, ainda segundo os autores, são "responsáveis por potencializar e tornar instantâneas a disseminação de notícias e fatos encarados como verdadeiros, sem ao menos serem questionados e analisados" (Barbosa; Specimille, 2020, p.15). No entanto, Barbosa e Specimille pontuam que é positiva a desconstrução de ideias e debates, mas que isso se torna negativo ao atingir o limite que leva à silenciamento e ao boicote, ferindo a moral do indivíduo (Barbosa; Specimille, 2020, p.15).

Neste sentido, abre-se margem para uma relação com o trabalho de Brasileiro e De Azevedo citados anteriormente, já que Barbosa e

Specimille também apresentam a ideia de "tribunal", em que os canceladores "sentem-se na obrigação de 'juízes' em meio a um 'tribunal social' em que julgam todo e qualquer comportamento" e que, desta forma, sentenciam o indivíduo a uma "morte social", uma vez que os rotula e deixa "subentendido o desejo de supressão de sua existência, através de mensagens hostis e violentas, negligenciando à vítima o direito à defesa e ao esquecimento de suas falhas" (Barbosa; Specimille, 2020, p.15).

Neste sentido, é possível afirmar que o percurso pelo qual Gkay passou depois de sua participação no programa de Tatá Werneck se trata de um cancelamento, uma vez que houve a ação inadequada, o ataque descomunal à pessoa no centro da polêmica e a aplicação da ideia de "tribunal", como se fosse uma sentença atribuída depois do ato praticado, uma espécie de justiça, assim como mencionaram os autores Brasileiro e De Azevedo (2020) e Barbosa e Specimille (2020), em seus trabalhos.

Bruno Camilloto e Pedro Urashima (2020), em "Liberdade de expressão, democracia e cultura do cancelamento", se propõem a responder à pergunta-problema: "a cultura do cancelamento é compatível com a liberdade de expressão?". Para isso, os autores perpassam pelos conceitos apresentando perspectivas sobre cada um deles. Para o linchamento virtual e o cancelamento acontecerem, de acordo com Camilloto e Urashima, é preciso, em primeiro lugar, que o grupo de pessoas esteja unido "em torno de algum sentido normativo específico" e, em segundo lugar, deve existir "uma dimensão moral", uma vez que o cancelamento é uma resposta a alguma norma deste grupo que não foi atendida (Camilloto; Urashima, 2020, p.3-8). Do ponto de vista do Direito, os autores explicam o que seria a liberdade de expressão, que se resguarda na "concretização em formas particulares de interação social, e não na expressão pura e simples". Estes valores justificam a proteção da livre expressão, tais como democracia, mercado livre de ideias e autonomia são alguns dos exemplos. No entanto, "a expressão é (...) sempre situada em um espaço social real" (Camilloto; Urashima, 2020, p.11-12). Desta forma, os autores concluem que "a cultura do cancelamento é uma forma de exercício da liberdade de expressão que

está amparada por uma concepção normativa de cidadania democrática", mas que deve ser mediada pela tolerância (Camilloto; Urashima, 2020, p.22).

Lucimar Gonçalves e Gracy Astolpho Duarte (2020) refletem a respeito das interações sociais no ambiente on-line, que se impõem à vida social off-line. Neste sentido, as autoras chamam atenção para como o homem social, conectado, estrutura suas relações em outros meios. Para isso, é apresentado o contexto de viés social do homem, de Aristóteles, que segundo Gonçalves e Duarte, "passa a ser construído de forma a atender uma cadeia singular de demandas, entre elas, uma fundamental impressão a ser causada, para um determinado grupo no ambiente digital". Isso, ainda segundo as autoras, possibilita "ao indivíduo a aceitação e, conseqüentemente, a sensação de pertencimento" (Gonçalves; Duarte, 2020, p.4).

Dentro do sentido da expressividade no ambiente on-line, as autoras observam algumas atividades: a utilização de textos, estruturados em posts e comentários; e uma outra, mais complexa, que dá conta da estruturação "em posturas refletidas por imagens fotográficas e audiovisuais, e na própria participação ativa nas redes, na forma de interações, em evidente busca pela composição de uma provável reputação social" (Gonçalves; Duarte, 2020, p.5).

Para as pesquisadoras, a vida on-line se demonstra tão significativa quando a vida off-line. Ainda segundo Gonçalves e Duarte, as interações de usuários nas redes são pautadas "pela explícita necessidade de barganhar capital social e, por conseguinte, criar identificação com determinados grupos e por eles ser aceito, ainda que tais interações possam não refletir fielmente posições autênticas" (Gonçalves; Duarte, 2020, p.6). O que podemos ver, aqui, uma aproximação com as considerações de Raquel Recuero, que apresentamos neste capítulo anteriormente. Ainda de acordo com Gonçalves e Duarte, essas "formas de comunicar, por vezes, tornam-se esteio inexorável do homem social digital" (Gonçalves; Duarte, 2020, p.6).

Desta maneira, as autoras pontuam a respeito das narrativas construídas e compartilhadas nas redes sociais, que entretêm e

promovem atitudes entre a audiência, mas também acusam, julgam e condenam, uma vez que, para as pesquisadoras, "o ambiente comunicativo na internet construiu seus próprios contornos" e, com isso, "as interações habituais entre os sujeitos e seus grupos sociais, com o advento de aparatos tecnológicos, ganhou em proporções expressivas o alcance de público" (Gonçalves; Duarte, 2020, p.7).

Além disso, mais uma problematização é trazida pelas autoras ao relacionarem a resposta positiva aos estímulos de discursos persuasivos de publicações polêmicas em que os próprios usuários de sites de redes sociais se tornam uma mercadoria, uma vez que, "a reação dos sujeitos em relação às informações apresentadas por seus pares nas redes digitais expõe a reputação e a audiência do iniciador do conteúdo" (Gonçalves; Duarte, 2020, p.7). Ou seja, o que dá a ideia de que essa reverberação proporciona ainda mais engajamento.

Desta forma, entende-se que manifestar-se em rede e ser participativo, publicar, interagir, neste ambiente digital faz parte das maneiras como se expressar atualmente e também de como se tornar visível na sociedade, ou seja, dá engajamento. No entanto, é justamente essa exposição que se torna um espaço favorável para a aplicação do cancelamento, que é atrelado à vigilância e julgamento do outro. Em uma sociedade conectada, essa vulnerabilidade se apresenta como uma escolha natural, que às vezes dá em resultado positivo - exposição, dinheiro, seguidores, fama, como no caso dos influenciadores -, mas que também revela o outro lado da face desse comportamento, um resultado negativo, que culmina em ataques, perseguição e linchamento. No caso de Gkay, esse dilema é percebido, uma vez que ser influenciadora é uma de suas principais fontes de renda, então a exposição, apesar dos impactos, é crucial para a manutenção de seu padrão de vida.

Tamires de Assis Lima Martins e Ana Paula Cordeiro (2022) trazem considerações sobre a vulgarização da palavra e também da indefinição do conceito do fenômeno do cancelamento. Para elas, em muitos casos, ele se encontra no lugar de uma desaprovação da opinião de menor gravidade, com pouca durabilidade e logo caindo no esquecimento, sem muitos danos ao atacado. Ou seja, nem todos os casos ditos como de

cancelamento são propriamente episódios de grande impacto (Martins; Cordeiro, 2022, p.32-33).

O entendimento de Martins e Cordeiro sobre a "Cultura do cancelamento" tem viés marxista, uma vez que a argumentação utilizada para explicar o tema se respalda no materialismo e também no trabalho (ou melhor no mercado de trabalho). Isso porque consideram que mesmo que "os movimentos coletivos de 'cancelamento' de figuras públicas, marcas e de outros alvos, seja na internet, seja em outros espaços, envolvam, sobretudo, razões ideológicas, políticas e culturais", para elas, as "relações de mercado, de poder econômico e os interesses empresariais associados à ocorrência dessas práticas" são importantes de serem percebidas (Martins; Cordeiro, 2022, p.36-37).

Outro ponto interessante abordado pelas autoras reside nos casos de cancelamento que se dão a partir de práticas que são criminosas, tais como assédios, racismo e outros tipos de preconceitos. Para Martins e Cordeiro, portanto, o ato punitivo tem a ver com a ineficácia dos "meios institucionais de proteção da sociedade" (Martins; Cordeiro, 2022, p.37).

Ainda atrelado ao ponto de vista marxista, as autoras entendem que a cultura do cancelamento aparece em um "ambiente social em que a mobilização coletiva de indignação por ofensas e valores morais sensíveis ocorre em complexa articulação com agentes econômicos e, eventualmente, com detentores de poder político e/ou institucional" (Martins; Cordeiro, 2022, p.38). Desta forma, para as autoras, o fenômeno se apresenta como um "mecanismo de eliminação do mercado" ou de "diminuição relativa de capital" daqueles que não se adequam aos "valores morais ostentados, por atos e/ou palavras, em determinados ambientes sociais" (Martins; Cordeiro, 2022, p.39). Além disso, as autoras também sinalizam o desenvolvimento de condutas morais e linguísticas a serem adotadas pelo mercado como uma forma de "harmonia com o avanço de movimentos sociais" (Martins; Cordeiro, 2022, p.39). Desta forma, destacam a necessidade de realinhamentos para a manutenção do discurso.

Por fim, Martins e Cordeiro ainda pontuam sobre os influenciadores digitais, onde discutem sobre os riscos da aproximação com a audiência e

também questões acerca da exposição. Além disso, também sinalizam o engajamento por parte de empresas nas lutas pela diversidade, que "inclui atos de cancelamento, com objetivos de ganhos de imagem em publicidade e responsabilidade social" (Martins; Cordeiro, 2022, p.40-45). O que aponta possíveis desdobramentos sobre as relações não só sociais e digitais, mas também envolvendo esse novo mercado digital.

A trajetória de Gkay é marcada por altos e baixos, por erros e acertos. A participação no programa de Tatá Werneck e a postura adotada claramente foi um erro cometido, que veio a ser motivo de mais julgamento e ataque à influenciadora. A onda de ataques, como vimos durante essa pesquisa, fez com que Gkay mudasse de postura e adaptasse seu comportamento. Isso não a assegura de que não venha a receber mais críticas, uma vez que seu trabalho está justamente atrelado à exposição nas redes sociais, é como Gkay ganha dinheiro. No entanto, em nossa análise, a condução de Gkay na qual a levou a seu cancelamento abre margem para uma interpretação positiva e um enfrentamento da situação na qual proporciona uma reestruturação de sua imagem. Ao reconhecer erros, se ausentar das redes sociais e retornar de forma mais comedida, a influenciadora mostra a outra faceta apresentada pela internet que é, de certo modo, uma segunda chance, afinal o público que a segue - portanto, sua audiência - é que a concedeu a possibilidade de ser chamada de influenciadora digital.

Dadas as proporções e os contextos históricos e sociais, é possível afirmar que Simonal foi vítima de uma espécie de cancelamento, em um período em que ainda não havia internet. Por isso, o caso do cantor se difere do de Gkay. O julgamento, o estigma e a rotulação vêm a partir do suposto ato em que Simonal teria denunciado seu ex-contador ao regime ditatorial, o que, naquele contexto, é fortemente mal-aceito pela mídia e, conseqüentemente, pela opinião pública. O ostracismo e a punição/sanção de até o fim da vida tentar provar a não-associação com a denúncia foram o golpe fatal da carreira e da pessoa Wilson Simonal, uma vez que os impactos foram para além da vida profissional, chegando até mesmo à morte do artista, após problemas envolvendo alcoolismo. O que o difere principalmente de Gkay é a ausência da internet.

Portanto, nesta seção e também neste capítulo, apresentamos como que o julgamento está relacionado com as relações sociais e como alguns comportamentos podem estar diretamente ligados a ele, tais como o estigma, a vigilância, a avaliação do outro, as acusações e os pré-conceitos. Atrelados às novas sociabilidades e também às possíveis novas configurações da sociedade, encontra-se um terreno fértil de fenômenos sociais, como é o caso da “Cultura do Cancelamento”, que vem sendo explorado não só pela área da Comunicação, mas também pelas Ciências Sociais e pelo Direito, conforme vimos nos estudos de alguns de nossos pares. Desta forma, fica claro o entendimento de que todos esses atos e formas de julgar fazem parte intrinsecamente da construção das relações sociais e com os desdobramentos pelos quais essa avaliação impacta no dia a dia, dentro ou fora do ambiente digital.

5

Considerações Finais

Até aqui, foi possível compreender que o indivíduo enquanto ser social se concentra na manutenção das relações para seu firmamento. No entanto, dentro deste próprio contexto, estão intrínsecos comportamentos que realizam certa função de regulação do outro, a partir da observação, da vigilância, das acusações e, principalmente, do julgamento. Entendemos também até aqui que avaliar ou validar a postura ou ação de alguém é uma conduta comum associada à formação da opinião sobre o outro. Em cada encontro social, mecanismos são acionados, contextos são atribuídos, sentidos são formados, informações e concepções são construídas e passadas à frente, impressões e linhas adotadas são mantidas ou destruídas. Realinhamentos e pedidos de desculpas ou ostracismo e rotulação, estes são caminhos possíveis para uma sociedade que tem em suas interações sociais, e agora também digitais, enraizado o julgamento.

Em um cenário de tantos formatos e possíveis configurações, abre-se margem para a propagação de um fenômeno social, que entendemos aqui não como recente, mas como algo diretamente ligado ao nosso comportamento, mas potencializado e amplificado, ainda mais pelo ambiente digital e a rapidez com que conteúdos vão ao encontro das audiências.

Nesta pesquisa objetivou-se entender a "Cultura do Cancelamento" não como uma novidade, mas como um processo relacionado às interações e que, portanto, não é novo, visto que está intimamente atrelado ao julgamento e à observação do outro. Neste contexto, entendemos que a avaliação, a rotulação e a punição estão relacionadas a este comportamento presente nas interações sociais.

Apesar de inerentes às relações sociais, não quer dizer que o cancelamento (ou quaisquer comportamentos que se entrelaçam ao julgamento) seja algo positivo ou negativo. O que nos importa aqui é compreender a essência de um fenômeno que, com o passar do tempo, vem sendo cada vez mais comentado e dito como algo "novo", o que aqui

nos ocupamos a contestar. O cancelamento apenas é um reflexo da série de mecanismos que se aplicam desde sempre em encontros sociais, mas que também virou uma espécie de moeda de troca e de interesses na internet.

Para chegarmos neste entendimento, percorremos obras de estudiosos de diversas áreas do conhecimento, tais como Comunicação Social, Sociologia, Antropologia, Filosofia e Direito, provando ser esta uma temática interdisciplinar.

No capítulo intitulado "os encontros", começamos do começo, onde pudemos trazer uma perspectiva evolucionista, de Yuval Noah Harari (2020), apesar da perspectiva por nós adotada ser a interacionista. Neste início, procuramos entender do ponto de vista da nossa espécie a importância do fortalecimento das relações sociais.

Logo em seguida, embarcamos na construção do capítulo, agora na perspectiva de nosso estudo, onde pudemos apresentar alguns autores que nos ajudam a compreender como se dá a formação social deste indivíduo. Neste ponto, vale destaque para: Émile Durkheim (1955; 1967; 1968) - um dos fundadores da Sociologia, e seu entendimento da sociedade como um conjunto de papéis sociais com determinadas funções, cooperando para a manutenção e o funcionamento da coletividade; Georg Simmel (2011; 2021) - e suas considerações acerca de sociação, socialidade e reciprocidade; Peter L. Berger e Thomas Luckmann (2014) - sobre a realidade da vida cotidiana e a construção de sentido; William Isaac Thomas (2005) - e a concepção de definição de situação, tão importante para o entendimento desta pesquisa; Erving Goffman (2011; 2014) - e seus estudos sobre as interações face a face, as representações e linhas adotadas pelos indivíduos presentes em um encontro social; Howard Becker (2019) - e as considerações acerca do desvio, do desviante e da rotulação; entre outros autores também abordados.

No capítulo seguinte intitulado "uma mudança total" pudemos compreender a fundo nossos dois estudos de caso - o principal, da influenciadora digital Gkay; e o complementar, do cantor Wilson Simonal. Neste capítulo, apareceram os primeiros momentos em que pudemos ver

as teorias do comportamento em encontros sociais endossando as teorias que viriam mais à frente, de julgamento, vigilância, rotulação e acusação.

É possível perceber claramente o ataque que as duas personalidades sofreram, mas também se faz necessária a ponderação a respeito da localização no espaço-tempo e no contexto no qual ambos estavam inseridos. Gkay é uma influenciadora digital, está situada nos tempos atuais, em que se convive com um ambiente digital, com as redes sociais e com a internet, o que podemos considerar como um facilitador de acessos. Já Simonal era um cantor famoso, dono de várias canções até hoje conhecidas, mas situava-se em um contexto em que podemos afirmar que a mediação se resumia pelos veículos de comunicação e pelos comentários entre as pessoas. São contextos totalmente diferentes, mas que revelam que o comportamento social é o mesmo: em ambos houve rotulação, julgamento, estigma e punição/sanção.

No capítulo que demos o nome de "julgamento" tivemos como premissa apresentar conceitos que têm relação direta com o ato de julgar. Como exemplos podemos citar o estigma, trazido por Erving Goffman (2022); os sistemas de acusação, de Gilberto Velho (1997); o conceito de panóptico de Michel Foucault (2012), e as relações de poder e controle nos quais nos apresenta; e Eliane Freitas (2017), com os estudos sobre linchamento virtual. Adentrando pelo contexto tecnológico, a fim de compreender, agora, um pouco mais sobre o universo no qual a “Cultura do Cancelamento” se instaura, buscamos trazer as considerações de Alex Primo (2007), Raquel Recuero (2013), entre outros, sobre as possíveis novas configurações dentro desta sociedade e de suas relações proporcionadas a partir do ambiente digital. Além disso, também estiveram presentes pesquisadores que se debruçaram sobre o estudo dos influenciadores e marcas, como Cláudia Pereira, Amanda Antunes e Aline Maia (2016). Mais à frente, na última seção deste capítulo, pudemos endossar toda a bagagem bibliográfica com mais estudos de pesquisadores, dessa vez focados no tema da “Cultura do Cancelamento”.

O percurso até chegarmos ao fim deste trabalho foi marcado por inúmeras descobertas. Fez-se necessário revisitar os clássicos, como foi

possível observar quando trouxemos para formação do escopo da bibliografia alguns autores como Émile Durkheim. Também pudemos ao longo desta trajetória nos aprofundar em teóricos que eram pouco conhecidos, como Peter L. Berger e Thomas Luckmann. Mas também foi possível - e imprescindível - apresentar a teoria de velhos conhecidos por nós, como William Isaac Thomas, Georg Simmel, Erving Goffman, Howard Becker e Gilberto Velho. E também de pesquisadores mais recentes sobre a tecnologia, como Alex Primo e Raquel Recuero.

A caminhada até o fim desta pesquisa se desdobrou em mais surpresas, como pela escolha de um estudo de caso complementar, algo que não estava previsto no começo dos estudos, mas que ganhou força. Tornou-se necessário termos um contraponto ao caso da influenciadora Gkay, a fim de tornar palpável nossa hipótese de que o cancelamento não era algo novo. Desta forma, buscamos por um caso mais antigo, em um momento em que não havia internet, para que representasse da melhor maneira esta hipótese. Neste momento de escolha, levamos em consideração principalmente a ação que deu origem ao julgamento. Era necessário que o indivíduo no centro do episódio tivesse realizado uma ação mal-recebida. Por isso, a escolha pelo caso emblemático de Wilson Simonal, que foi associado à Ditadura Militar, após supostamente ter denunciado seu ex-contador aos militares.

A escolha por Gkay, como estudo de caso principal, se deu única e exclusivamente, pela riqueza de material encontrada em sua participação no programa *Lady Night*, de Tatá Werneck, e também por não ser a primeira opção que vem à cabeça quando falamos em “Cultura do Cancelamento”. Ao longo de todo o estudo, foi possível perceber nuances que se entrelaçavam às teorias apresentadas e que se complementavam nas análises junto ao caso de Simonal.

Portanto, diante de toda esta caminhada pavimentada pelos estudos que voltam para a temática das interações sociais e digitais, vamos retornar aos estudos de caso deste trabalho. A trajetória de Gkay, como vimos, é marcada por uma oscilação entre momentos de erros e acertos. A postura adotada no programa de Tatá Werneck não foi o primeiro e, possivelmente, não será o último episódio em que a

influenciadora poderá estar no centro de uma polêmica envolvendo suas ações. A questão é que os ataques não começaram com esta participação, mas podemos dizer que foi um dos momentos em que a postura de Gkay foi mais comentada e, conseqüentemente, avaliada pelos outros. Ser influenciadora é uma das formas de Gkay de ganhar dinheiro, portanto, ela está diretamente ligada à sua audiência, e precisa dela para continuar em evidência. Desta forma, está inerente aos julgamentos que esta audiência pode lhe atribuir, principalmente no contexto de vigilância - a possibilidade de estarem o tempo todo de olho em seu conteúdo e as adequações de posturas a partir disso. No entanto, ao reconhecer erros, mudar a postura e escolher pela readaptação, ela consegue, dentro do possível, se restabelecer e continuar fazendo sucesso - prova disso é a associação a marcas de forma contínua e a presença em eventos renomados ou que chamem atenção da mídia. A segunda chance, portanto, foi dada por sua audiência, que a legitimou.

Já no caso de Simonal, a opinião pública e o apagamento de carreira foram dois pontos cruéis e se apresentaram como punições/sanções severas ao artista que, até o fim de sua vida tentou provar o contrário do que foi divulgado a seu respeito. Ele não teve uma segunda chance.

Defendemos aqui a ideia de que o que difere os cancelamentos de Gkay e Simonal, dadas as proporções e contextos políticos e sociais, é a existência da internet. É possível que hoje o ambiente digital tenha a característica de dar uma segunda chance aos atacados, principalmente para aqueles que têm notoriedade, uma vez que sempre haverá uma audiência/seguidor disposta/o a acompanhar essa figura pública.

É possível que, se houvesse este ambiente digital na época de Simonal, sua audiência continuasse seguindo-o e, quem sabe, o perdoasse pela suposta associação com o regime militar. No entanto, não é uma certeza, visto que o comportamento por trás do cancelamento pode ser totalmente nocivo, acarretando também em apagamento total de carreira, é como se a pessoa fosse esquecida. Este vislumbamento se faz possível visto que abre margem para uma possibilidade, tal como uma brecha, na sentença na qual lhe foi dada.

Ao ter a segunda chance, Gkay é legitimada, não pelo público em geral, mas por sua audiência. Ter sua própria audiência se apresenta, portanto, como uma das configurações possíveis neste ambiente digital, o que não deixa as personalidades reféns do tradicional modelo de legitimidade do que é ser famoso/relevante. Afinal, quem é famoso ou relevante para um, pode não ser para o outro.

A ideia do que é ser um influenciador digital esbarra neste aspecto, uma vez que pode ser uma pessoa totalmente nichada, ou seja, relevante para um grupo específico. No entanto, ao adentrar outros cenários que proporcionem contato com novos públicos, tais como as mídias tradicionais, há uma validação dessa personalidade. É o que se aplica com Gkay, que se faz presente na mídia de alguma forma, seja pelas manchetes de brigas, por seu evento “Farofa da Gkay”, por seus filmes estrelados ou pela participação em programas de TV, como o de Tatá Werneck. As pessoas podem não conhecê-la integralmente, mas podem, por exemplo, já ter tido contato com algum conteúdo relacionado a ela.

O ambiente digital proporciona uma nova roupagem de legitimação e exposição mais espontânea que, antigamente, não se encontrava, a não ser que houvesse validação dos veículos de comunicação. A partir dessa possibilidade de estar em evidência para um público ou audiência que acompanha todos os dias uma celebridade com facilidade sem a necessidade de um ambiente ou validação externa, e que escolhe segui-la, é possível uma segunda chance. Simonal não teve a mesma sorte, dada a realidade na qual se encontrava.

Portanto, ainda que as novas configurações sociais proporcionadas pelo ambiente digital revelem novas nuances nas formas de se relacionar, é possível verificarmos a existência de fenômenos comportamentais antigos, que se remodelam à realidade atualmente encarada. Não necessariamente “cancelar” é uma novidade, mas sim uma releitura do que sempre foi rotular, estigmatizar, humilhar, linchar, excluir, acusar, julgar, entre muitas outras práticas. Por isso, cancelamos desde sempre.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Otavio Luis; SPECIMILLE, Patricia. A internet nunca esquece. In: Revista PET Economia UFES, v. 2, dez/2020, pp.13-17. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/peteconomia/article/download/33803/22539/101804>. Acessado em 19/10/2024.

BENDER, Mateus. Da regra moral ao desvio: aproximações teóricas de Émile Durkheim nas obras de Erving Goffman e Howard S. Becker. Diálogo, nº 41, 2019, pp.17-24. ISSN-e 2238-9024, ISSN 2238-9024. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8833192>

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento; tradução Floriano de Souza Fernandes - 36ª ed. - Petrópolis, Vozes, 2014.

BECKER, Howard Saul, 1928, Outsiders: estudos de sociologia do desvio / Howard S. Becker; tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica Karina Kuschnir - 2a ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

BRAGA, Adriana. Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. In: Desigualdade & Diversidade - Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, nº 9, ago/dez de 2011, pp. 95-104. Disponível em: https://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/media/09%20DeD%20_%20n.%209%20-%20artigo%204%20-%20ADRIANA.pdf. Acessado em 12/10/2024.

BRASILEIRO, Felipe Sá; DE AZEVEDO, Jade Vilar. Novas práticas de linchamento virtual: fachadas erradas e cancelamento de pessoas na cultura digital. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, [S. l.], v. 19, n.34, 2020. DOI: 10.55738/alaic.v19i34.640. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/640>. Acesso em: 6 ago. 2024.

CANCIAN, Renato. Georg Simmel - conceito de sociação - consequências da invenção do dinheiro. Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/georg-simmel---conceito-de-sociacao-consequencias-da-invencao-do-dinheiro.htm>. Acessado em 06/07/202

CARVALHO FILHO, Juarez Lopes. Rituais de Interação na Vida Cotidiana: Goffman, leitor de Durkheim. Revista Política & Sociedade/UFSC, v. 15, nº 34, Florianópolis, SC, 2016.

COLLINS, Randall. Quatro tradições sociológicas. Petrópolis: Vozes, 2009.

CAMILLOTO, Bruno; URASHIMA, Pedro. Liberdade de expressão, democracia e cultura do cancelamento. In: Revista de Direito da Faculdade Guanambi, v. 7, nº 02, e317, jul/dez 2020, pp. 01-25. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/RDFG/article/view/13941>. Acessado em: 19/10/2024.

DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. 4ª ed. Tradução de Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

DURKHEIM, Émile. De la división del trabajo social. Tradução de David Maldavsky. Buenos Aires: Schapire, 1967.

DURKHEIM, Émile. Las formas elementales de la vida religiosa. Buenos Aires: Schapire, 1968.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramallete. 42.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREITAS, Eliane. Linchamentos virtuais: ensaio sobre o desentendimento humano na internet. In: Antropolítica, Niterói, n.42, p.140-163, 2017.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana / Erving Goffman; tradução de Maria Célia Santos Raposo, 20. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada / Erving Goffman; tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. - 4.ed. - Reimp. - Rio de Janeiro: LTC, 2022.

GOFFMAN, Erving. Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face / Erving Goffman; tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. - (Coleção Sociologia).

GONÇALVES, Lucimar; DUARTE, Gracy Astolpho. O Homem Social nas Redes Sociais: um estudo de caso sobre a cultura do cancelamento. In:

43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, evento virtual - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador/Bahia, setembro/2020. São Paulo: Intercom, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1059-1.pdf>. Acessado em: 20/10/2024

HARARI, Yuval Noah, *Sapiens: Uma breve história da humanidade* / Yuval Noah Harari; tradução Jorío Dauster - 1a ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LE MOS, André. *Cibercultura*. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2004.

MARTINS, Tamires de Assis Lima; CORDEIRO, Ana Paula. A "cultura do cancelamento": contribuições de um olhar sociológico. In: *Extraprensa*, São Paulo, v. 15 (especial), mai/2022, pp. 29-41. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/194383>. Acessado em: 19/10/2024

OLIVEIRA, C. Eduardo; CARNEIRO, B. L. Ivana. Sobre o caráter persuasivo da estrutura panóptica: Bentham, Foucault e as novas tecnologias. In: *Revista Ideação*, nº 33, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/1284>. Acessado em: 28/09/2024

PEREIRA, Cláudia; ANTUNES, Amanda; MAIA, Aline. Embaixadores de marca: reconhecimento e prestígio 'entre a vida ordinária e o sucesso'. In: *Anais do 25º Encontro Anual da Compós*, 2016, Goiânia. *Anais eletrônicos...*, Campinas, Galoá, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2016/trabalhos/entre-a-vida-ordinaria-e-o-sucesso-prestigio-social-e-reconhecimento-midiatico-d?lang=pt-br>. Acessado em: 19/10/2024

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. In: *E-Compós*, 9, ago/2007, p.01-21. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/153>. Acessado em 15/11/2024

QUINTANEIRO, Tania. *Émile Durkheim*. In: *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber* / Tania Quintaneiro, Maria Ligia de Oliveira Barbosa, Márcia Gardênia Monteiro de Oliveira. - 2ª ed. revista e atualizada. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

RECUERO, Raquel. *Atos de Ameaça à Face e à Conversação em Redes Sociais na Internet*. In: Alex Primo. (Org.). *Interações em Rede*. 1ed. Porto

Alegre: Sulina, 2013, v. 1, p. 51-70. Versão draft/rascunho disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/rascunhoatosdeameaca.pdf>

SIMMEL, Georg. SOCIOLOGIA: Estudos sobre as formas de sociação. Tradução Raúl Enrique Rojo. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2021.

SIMMEL, Georg. O conflito como sociação; tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v.10, n.30, 2011, pp.568-573. ISSN 1676-8965. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/index.html>

THOMAS, William I. La definición de la situación; tradução Eva Aladro. CIC - Cuadernos de Información y Comunicación, nº 10, 2005, pp.27-32. Universidade Complutense de Madrid. Madrid, Espanha.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea / Gilberto Velho - 2.ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 1997.